

RABISCO

REVISTA DE PSICANÁLISE

Volume 12 - Número 1 - Junho 2023



EXPERIÊNCIAS DE INTEGRAÇÃO

SEMINÁRIOS

WINNICOTT
PORTO ALEGRE - RS

RABISCO

REVISTA DE PSICANÁLISE

Volume 12, Número 1 - Porto Alegre - Junho de 2023

SEMINÁRIOS

WINNICOTT

PORTO ALEGRE - RS

© 2023 – Rabisco Revista de Psicanálise

www.revistarabisco.com.br

ISSN 2236-3548



Avenida 24 de Outubro, 838/306

Porto Alegre - RS - Brasil

Revisão: Cleon Cerezer

Produção gráfica e produção editorial



Diadorim Editora

+55 (51) 98503.8660

Catálogo na fonte: Patrícia Guariglia Sousa Cerezer CRB-10/1592

Rabisco Revista de Psicanálise – Volume 1 (nº 0 jun. 2011)
Porto Alegre: Seminário Winnicott POA, 2011
v. ; 20 cm

Semestral.

Editor: Seminários Winnicott POA.

ISSN 2236-3548

1. Psicanálise I. Seminários Winnicott POA II. Título
CDU 159.964.2 (05)

As opiniões expressas nos artigos deste periódico
são de inteira responsabilidade de seus autores

Comissão Editorial

Adriana Mendonça

Beatriz Borges Forthes Kroeff

Bibiana Malgarim

Cleon Cerezer

Denise Souza

Jussara Ramos Zanetti

Luiza Moura

Marcia Zart

Michele Melo Reghelin

Conselho Editorial Internacional

Adriana Anfusso (Uruguai)

Gabriela Goldstein (Argentina)

Jacqueline Amati-Mehler (Itália)

Joseph Knobel Freud (Espanha)

Leonor Valenti (Argentina)

Pablo Abadi (Argentina)

Raquel Goldstein (Argentina)

Saul Peña (Peru)

Sonia Abadi (Argentina)

Veronica Indart (Uruguai)

Rodrigo Rojas (Chile)

Gonzalo Lopes (Chile)

Guillermo Carvajal (Colômbia)

Jani Santamaria (México)

Conselho Editorial Nacional

Afrânio Matos Ferreira (SP)

Ana Leão (PR)

Anna Melgaço (RJ)

Eloísa Valler Celeri (SP)

Luciana Godoy (SP)

Márcia Mendes (MS)

Maria Vitória Maia (RJ)

Neyza Prochet (RJ)

Ruth Goldemberg (RJ)

Sandra Baccara (DF)

Suely Duék (RJ)

Sueli Hisada (SP)

Vera Marieta Fischer (PR)

Vera Marieta Fischer (PR)

EDITORIAL

O ano de 2022 foi de uma reestruturação editorial em que a *Rabisco Revista de Psicanálise* tornou-se 100% digital e de livre acesso aos leitores. Encerramos o canal de vendas e atualizamos o nosso site, pois todo o conteúdo, desde as primeiras edições, está agora disponível digitalmente aos leitores. Além disso o prazo anual para envio de artigos a serem apreciados para a próxima edição passou para 15 de março do ano vigente. Tendo em vista toda essa reestruturação ocorrida, no ano passado não tivemos nossa edição anual.

Mas neste 2023 temos a grata satisfação de oferecer aos nossos leitores esta edição, que chamamos de “experiências de integração”. Integração, na obra de Winnicott, é fundamental no que diz respeito à individuação e à personalização do ser. E é a partir das experiências que esse ser se constitui de forma integrada em sua personalidade. Diferentemente de experimentar, que remete a experimentos, poderíamos dizer que “experenciar” seria, na obra de Winnicott, algo central na constituição integral do indivíduo.

Nesta edição, em 14 artigos, temos diversas experiências de integração, começando, por exemplo, pela vivência do *holding* na formação de psicoterapeuta de orientação analítica a partir da observação da dupla mãe-bebe pelo método Bick, que os autores Yael Gabriela Gitelman e Samantha Dubugras Sá nos apresentam de início.

A seguir, Marlene Terezinha Luz de Souza traz uma escrita na qual coloca em questão a parentalidade contemporânea. E Charbele Jabbour Belmont contribui com um relato emocionante sobre o atendimento a uma paciente que buscava uma escuta atenta.

Contamos com três artigos que integram às suas discussões teóricas filmes interessantíssimos: Graciella Leus Tomé discute o filme *Roma*, enquanto Alexandre Patricio de Almeida e Filipe Pereira Vieira trazem a debate *Nomadland*. Na seção *Psicanálise e Cultura*, o autor alemão Parfen Laszig apresenta suas ideias sobre o clássico *Blade Runner*.

A literatura também foi contemplada nesta edição da *Rabisco* através das contribuições de Nilce Badaró de Campos Martins e Rita Helena Cucê Nobre Gabriades. As autoras utilizou como inspiração o romance *Cem Anos de Solidão*, ao passo que a história de Anne Frank foi contada pelas palavras de Soraya Maria Pandolfi Koch Hack.

Conceitos clássicos e, portanto, indispensáveis como transferência e criatividade são apresentados nos artigos de Isacc Sprinz e Suely Duék respectivamente.

Temas bastante delicados em nossa sociedade também são contemplados, tais como o texto sobre a pandemia de Covid 19, de Ercilene Mendonça de Amorim de Carvalho e Renata da Silva Coelho, e o tema do suicídio abordado por Isabella dos Santos Ribeiro e Carlos Augusto Peixoto Junior.

Larissa Menezes Santos Bezerra articula em seu artigo a noção de mulher, religião e a teoria winnicottiana.

Finalmente, Paulo Roberto Ceccarelli contribui com uma discussão psicanalítica sobre a sexualidade e a adultez madura.

A Rabisco está em um novo momento e convida a todos

e a todas a se integrarem à experiência de ler, refletir e compartilhar as ideias de nossos autores e autoras. Uma excelente leitura e até a próxima edição!

Os Editores

SUMÁRIO

1. OBSERVAÇÃO MÃE-BEBÊ PELO MÉTODO BICK: A VIVÊNCIA DO <i>HOLDING</i> NA FORMAÇÃO DE PSICOTERAPEUTAS DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA	10
Yael Gabriela Gitelman e Samantha Dubugras Sá	
2. TEMPO-FILIAÇÃO, TEMPO-PATERNIDADE	23
Marlene Terezinha Luz de Souza	
3. OS RELÓGIOS E OS SEUS VINTE CINCO ANOS DEPOIS	30
Charbele Jabbour Belmont	
4. SE FAZER SER – SE DESPRENDER DO ABSOLUTO FAZER PARA PODER SER E VIVER	37
Graciella Leus Tomé	
5. AMIZADES TRANSICIONAIS	46
Isacc Sprinz	
6. A FÉ ABALADA NA REGENERAÇÃO DA VIDA	52
Suely Duék	
7. PROMISSORA EXPERIÊNCIA INAUGURAL DE SER CUIDADA	59
Ercilene Mendonça de Amorim de Carvalho e Renata da Silva Coelho	

- 8. UMA ANÁLISE WINNICOTTIANA DO
FILME *NOMADLAND*: ENTRE A SOLIDÃO E A
CAPACIDADE DE ESTAR SÓ** 97
Alexandre Patricio de Almeida
e Filipe Pereira Vieira
- 9. CEM ANOS DE SOLIDÃO... CEM
DIAS DE SOLIDÃO; A CAPACIDADE DE
ESTAR SÓ E O SENTIMENTO DE SOLIDÃO
ENTRE O REALISMO MÁGICO E A
REALIDADE PANDÊMICA** 111
Nilce Badaró de Campos Martins
e Rita Helena Cucê Nobre Gabriades
- 10. O SER, O FAZER E O VIVER EM ANNE
FRANK** 121
Soraya Maria Pandolfi Koch Hack
- 11. QUANDO A VIDA NÃO VALE A PENA
SER VIVIDA: A RELAÇÃO ENTRE O FALSO
SELF E O RISCO DE SUICÍDIO** 134
Isabella dos Santos Ribeiro
e Carlos Augusto Peixoto Junior
- 12. DE NAZARÉ A PADILHA: O SAGRADO E
O PROFANO DE SER MARIA** 146
Larissa Menezes Santos Bezerra

13. A PLENITUDE DA SENSUALIDADE E DA SEXUALIDADE NA ADULTEZ MADURA	173
---	------------

Paulo Roberto Ceccarelli

SEÇÃO PSICANÁLISE E CULTURA

14. <i>BLADE RUNNER</i> - O BRILHO NO OLHO DO REPLICANTE	184
---	------------

Parfen Laszig

**OBSERVAÇÃO MÃE-BEBÊ PELO MÉTODO BICK:
A VIVÊNCIA DO *HOLDING* NA FORMAÇÃO DE
PSICOTERAPEUTAS DE ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA¹**
BICK METHOD OF MOTHER-BABY RELATIONSHIP
OBSERVATION (ORMB): THE HOLDING EXPERIENCE IN
THE TRAINING OF PSYCHOANALYTICALLY ORIENTED
PSYCHOTHERAPISTS.

Yael Gabriela Gitelman²
Samantha Dubugras Sá³

Resumo

A proposta do artigo, elaborado com base em uma experiência da aplicação do Método Bick de Observação da Relação Mãe-Bebê (ORMB), objetiva compreender a relevância dessa prática na formação de psicoterapeutas de orientação psicanalítica. Partindo das contribuições de Freud e Winnicott para a compreensão da constituição psíquica, bem como da importância dos primeiros meses de vida do bebê, apresenta-se o ORMB em uma vivência durante o estágio em psicologia clínica de uma das autoras. Conclui-se que a experiência de ORMB contribui, enormemente, para a formação

1 Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em junho de 2022, como requisito parcial para obtenção do grau de Psicólogo. Orientado por Profa. Dra. Samantha Dubugras Sá. As vinhetas apresentadas foram autorizadas pelos responsáveis mediante assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

2 Psicóloga (PUCRS). Pós-graduanda do curso de Especialização em Psicoterapia Psicanalítica do Contemporâneo Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade. Contato: (51) 98021-4410 / yael.gitelman@gmail.com.

3 Psicóloga Clínica de Orientação Psicanalítica. Mestre e Doutora em Psicologia (PUCRS). Pós-doutoranda em Psicologia Clínica (PUC-SP). samanthasadsa@gmail.com

de psicoterapeutas de orientação psicanalítica. Isso se justifica, em especial, por oportunizar o conhecimento de fenômenos da clínica psicanalítica sem atender um paciente no setting tradicional.

Palavras-chave: Método Bick; relação mãe-bebê; observação mãe-bebê; psicanálise.

Abstract

The main goal of this article, based on an experience report, is to understand the relevance of applying the Bick Method of Mother-Baby Relationship Observation (ORMB) in the training of psychoanalytically oriented psychotherapists. Initially, we discuss the contributions of Freud and Winnicott to the comprehension of the psychic constitution, as well the importance of the baby's first months of life. Then, the Bick Method is presented in observations arising from the experience of one of the authors in applying it during an internship in clinical psychology. The conclusion is that the ORMB experience significantly contributes to the formation of psychoanalytically oriented psychotherapists. The main reason is that it grants opportunities to acquire knowledge about psychoanalytic clinical phenomena without, in fact, assisting a patient in the traditional setting.

Keywords: Bick Method; mother-baby relationship; mother-baby observation; psychoanalysis.

Introdução

A teoria psicanalítica, proposta por Freud (1856-1939) ao final do século XIX e início do século XX, trouxe uma nova visão sobre o desenvolvimento infantil. Freud percebeu a criança como um sujeito com desejos, com sentimentos de tristeza, solidão e raiva, capaz de vivenciar conflitos; como alguém que

exige amor, prazer e a satisfação das suas necessidades (Freud, 1907/2015). Além disso, portadora de sexualidade.

A visão de sujeito em Freud (1905/2016) está relacionada à exigência de satisfação da pulsão sexual, como ele discute, exaustivamente, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” de 1905; texto seminal no qual concebe o desenvolvimento psicosexual da criança. Nesse escrito, nos diz que a criança obtém prazer em certas atividades que estão relacionadas ao corpo, tais como a sucção, a defecação e a masturbação.

Para Freud (1905/2016) a organização sexual ocorre por meio de quatro fases de desenvolvimento – oral, anal, fálica e genital – até que se alcance a vida sexual adulta, na qual as pulsões, até então parciais, ficarão sob a primazia da zona genital. Cada uma dessas fases institui um conflito interno típico e modos de defesa característicos. Dessa forma, cada uma dessas fases, relaciona-se a uma etapa do desenvolvimento da libido em que haverá a preponderância de uma zona erógena e uma forma singular de relação com o objeto.

No entendimento do pai da psicanálise, a sexualidade infantil se inicia ancorada nas funções de autoconservação, visto que, primeiro, o bebê precisa satisfazer as suas necessidades biológicas. A mãe⁴ é a responsável por fazer esse trabalho e as experiências vividas, inicialmente, darão origem, à pulsão sexual. Sendo assim, o bebê recém-nascido estabelece com a sua mãe uma relação de dependência, visto que necessita dos seus cuidados para sobreviver. O bebê chega ao mundo em um estado de completo desamparo e é intensamente afetado por essa relação, necessária, que estabelece com a mãe, sendo esta a base para a constituição do seu aparelho psíquico (Freud, 1905/2016).

Outros autores, pós freudianos, contribuíram significativamente ampliando suas concepções. Entre eles, Donald

4 No presente artigo, a palavra mãe se refere a qualquer indivíduo que desempenha o papel da figura materna, da função materna.

Woods Winnicott (1896-1971), inspirado por Sándor Ferenczi (1873-1933) e Melanie Klein (1882-1960), na sua teoria do desenvolvimento maturacional, dedicou muitos dos seus estudos à compreensão da relação mãe-bebê e dos seus desdobramentos para a constituição do psiquismo. Ao longo de toda a sua obra, atentou-se à influência do ambiente no desenvolvimento psíquico do ser humano. Enquanto Freud denominou o desenvolvimento da criança de psicosssexual, Winnicott o entendia a partir de processos de maturação. Nesse sentido, propõe que o bebê nasce com uma tendência, em parte, inata ao amadurecimento emocional - à maturação -, mas que para que isso ocorra, é necessário um “ambiente facilitador” representado, em um primeiro momento, pelos cuidados maternos (pela “mãe suficientemente boa”, através da “preocupação materna primária”⁵) e pelo meio no qual o bebê está inserido, que irão auxiliá-lo nesse processo da não-integração à integração. Winnicott afirma que o inconsciente (Id) só poderá existir depois que houver um Eu (ego) que possa organizá-lo. Para o autor, nos estágios mais precoces do desenvolvimento, o funcionamento do ego deve ser considerado um conceito inseparável daquele da existência da criança como pessoa. Não há id antes do ego (Fulgencio, 2010).

A importância da relação mãe-bebê para o desenvolvimento emocional e para a constituição do psiquismo, ganhou cada vez mais espaço nos estudos da teoria psicanalítica, sendo desenvolvida, inclusive, uma técnica de observação de bebês (Bick, 1964) a fim de compreender como o vínculo – entre mãe e bebê – se dá e quais os seus impactos. Sendo assim, acreditamos ser, de central relevância, destacar o papel da prática da observação da relação mãe-bebê na formação de futuros pro-
5 Winnicott (1967/2021) a descreve como um estado especial no qual a mãe, assim, consegue um alto grau de adaptação às necessidades do seu bebê.

fissionais de orientação psicanalítica, justamente por permitir maior compreensão desse período essencial na constituição humana (Oliveira-Menegotto, Lopes & Caron, 2010).

O Método Bick de observação da relação mãe-bebê

Esther Bick (1902-1983) foi uma psicanalista inglesa, discípula de Melanie Klein. Supervisionada por John Bowlby (1907-1990), em 1948, idealizou o método de observação de bebês; teve como um dos seus principais objetivos oportunizar essa prática na formação de profissionais na Clínica Tavistock, em Londres. Tal se justificava por sua convicção no potencial desse método para desenvolver, no terapeuta, capacidades próprias da subjetividade materna, que são fundamentais e necessárias para a prática profissional do psicoterapeuta psicanalítico.

Sobre a prática da observação da relação mãe-bebê (ORMB) propriamente dita, ela é composta por três momentos igualmente importantes. O primeiro é, precisamente, o da observação, que deve ser realizada de acordo com o modelo de Bick; o segundo é o chamado tempo das anotações, no qual o observador, depois da visita, registra por escrito, todos os detalhes lembrados e, especialmente, os afetos por ele experimentados; e, o terceiro, diz respeito à leitura e à discussão do relato em supervisão coletiva. Este último é baseado em pressupostos psicanalíticos e deve focar tanto no bebê e no seu entorno, quanto no observador. A supervisão coletiva possui um papel fundamental, pois opera como um espaço para a contenção das angústias que a observação mobiliza no observador (Oliveira-Menegotto et al., 2010).

Para a efetivação das observações, Bick (1964) aponta que são necessários: um bebê e sua família, um observador interessado na realização da atividade e, pelo menos um supervisor e um grupo de supervisão, composto por outros observadores. Assim, o estudante realiza uma visita semanal à casa do bebê

e de sua família, com duração de uma hora, desde o seu nascimento até cerca do segundo ano de vida.

O objetivo principal da ORMB é ser uma ferramenta que auxilie o psicoterapeuta na aquisição de capacidades importantes para a prática clínica, tais como receptividade, tolerância, continência e holding (Oliveira-Menegotto et al., 2010). Ainda, Bick (1964) afirma que são desenvolvidas atitudes como a sustentação do silêncio, a compreensão da comunicação não-verbal da criança, bem como, de seus jogos, mas também, daquela que não fala, nem joga. Assim, a vivência da ORMB oportuniza ao estudante conhecer o desenvolvimento de um bebê desde o seu nascimento, no ambiente da sua casa, se relacionando com a sua família, podendo compreender como se originam e se constroem as relações.

Winnicott (1941/2021) advertiu para uma capacidade fundamental durante a observação de bebês: a abstenção do terapeuta. Ele realizava, em seu consultório, o que denominou de “situação padronizada”. Essa se dava da seguinte maneira: ele esperava o bebê e sua mãe deixando uma espátula (abaixador de língua de metal) brilhante sobre a mesa e observava, como diferentes bebês interagem com a espátula, até definir um padrão de comportamento, conforme descreve:

De modo geral as mães entendem o que estou planejando, e para mim é fácil explicar-lhes que haverá um período durante o qual devemos, eu ou ela, interferir o mínimo possível para o desenrolar da situação, de modo que seja fácil atribuir à criança o que quer que aconteça. (Winnicott, 2021/1941, p. 146)

Implicações clínicas do Método Bick de observação a partir de um relato de experiência

O caso estudado, que será o foco de discussão no presente ar-

tigo, refere-se a uma aplicação do Método Bick a partir da observação da relação mãe-bebê (ORMB) realizada durante o estágio curricular em psicologia clínica. Cabe destacar que a experiência de observação ocorreu no ano de 2021 e precisou sofrer adaptações devido à pandemia da Covid-19. Como forma de evitar a propagação do Coronavírus na época, foram necessárias algumas medidas como o distanciamento social, que impediu a realização da ORMB de forma presencial. Assim, tanto as observações, como as supervisões do caso, foram online, por meio da ferramenta de videochamada via aplicativo WhatsApp.

Ao todo foram 30 observações, realizadas uma vez por semana, por 30 minutos, com uma dupla mãe-bebê, Ana e Pedro⁶, durante um período de, aproximadamente, sete meses. Todas as observações foram relatadas e discutidas em supervisão coletiva. Importante mencionar que, antes do início das observações, realizou-se uma primeira entrevista com a mãe, na 33ª semana de gestação. Já a prática de observação teve início com o nascimento do bebê, sendo encerrada ao final do período de estágio curricular em psicologia clínica.

Quando foi sugerida a realização de uma videochamada para que a mãe e a observadora pudessem se conhecer, chamou a atenção que, antes mesmo que lhe fosse oferecido um horário, Ana sugeriu uma opção naquela mesma semana.

Com base nos fenômenos observados na entrevista com a mãe e nas discussões em supervisão, pode-se avaliar certa necessidade de Ana de dividir com outra pessoa os seus sentimentos, pensamentos e expectativas. Além de ser uma oportunidade para iniciar o vínculo com a mãe e coletar informações sobre a gestação, foi importante a observadora mostrar-se disponível para ouvi-la e acolhê-la, demonstrando estar inteiramente ali, naquela ocasião, para ela. Conforme orientado por

6 Nomes fictícios.

Winnicott (1971/1984), na prática clínica, o primeiro encontro com um paciente já pode ser significativo ao ponto de auxiliá-lo na organização das suas ideias e afetos, algo que Ana estava precisando naquele momento.

Durante a conversa com a observadora, Ana relatou que o final da gestação estava sendo muito desafiador para ela. Além disso, mencionou sobre os seus medos que, segundo ela, “eram vários”. Essa fala chamou a atenção do grupo de supervisão, pois percebeu-se que Ana estava, de certa forma, pedindo ajuda para lidar com a forte carga emocional que sentia, sendo desafiador se conectar com os seus próprios sentimentos, o que entendemos como de suma importância para que pudesse desenvolver a preocupação materna primária e, assim, conectar-se com o seu bebê.

Os medos, inseguranças e, até mesmo, a culpa, são sentimentos comuns em gestantes. Naquele momento, a mãe vivia um turbilhão de afetos deslocados e pode lançar mão de mecanismos de defesa para lidar com isso, como a racionalização. Tal se justifica pela dificuldade de Ana em se conectar com os seus afetos. Ao citar os seus medos, ela o fez priorizando o pensamento e elencando as estratégias que utilizaria para lidar com eles, em detrimento das emoções que sentia ao falar ou pensar sobre os mesmos. A escuta psicanalítica é uma oportunidade para que haja um espaço único para esses sentimentos ambivalentes, ao passo que também auxilia a mãe na sua passagem ao estado da preocupação materna primária (Prata & Cintra, 2017).

A preocupação materna primária diz respeito à capacidade das mães de “se colocarem na pele do seu bebê”, de se identificarem com o bebê ao ponto de reconhecerem as necessidades dele, visto que ambos estão profundamente envolvidos, em um estado de verdadeira fusão emocional. Esta é uma condição

que se desenvolve ao final da gravidez e perdura por algumas semanas após o nascimento do bebê. A teoria winnicottiana compreende que a mãe deve ser capaz de alcançar este estado de sensibilidade aumentada para que possa favorecer o potencial inato do bebê para que ele possa vir a ser e, depois, continuar sendo - integrado (Winnicott, 1964/2020).

Embora tenha se percebido o desejo de Ana em ser, de alguma forma, ouvida e auxiliada nesse processo de entrada no estado de preocupação materna primária, é importante destacar que, em nenhum momento ao longo das observações, ela buscou quebrar a regra combinada do silêncio da observadora. Tal fato leva-nos a acreditar que, mais do que ser apenas escutada, Ana desejava ser acolhida, o que exigiu da observadora a capacidade de holding.

Para Winnicott, o holding (sustentação) é uma das três funções primordiais, junto com o handling (manejo) e a apresentação de objetos, que uma “mãe suficientemente boa” deve exercer. Dessa forma, ela estará contribuindo para o processo de desenvolvimento emocional primitivo, que é constituído, principalmente, por três conquistas do bebê: a integração do self, o estabelecimento da psique no corpo e as relações de objeto (Winnicott, 1964/2020). A partir do momento em que a mãe consegue assumir essas três funções, ela contribuirá para a integração do bebê, pois propiciará que ele vá se tornando uma unidade ao longo do seu processo de maturação (Dias, 2008). Tal como referido por Winnicott: “a mãe está (sem saber) estabelecendo as bases da saúde mental do filho” (1968/2020, p. 38).

Então, a mãe suficientemente boa é aquela que, quando o bebê está pronto para nascer, também está preparada para saber, exatamente, quais são as necessidades do seu bebê, não apenas as biológicas, mas também as psíquicas, cujo autor caracteriza como “incontáveis sutilezas”. Dessa forma o holding compreende tudo aquilo que a mãe suficientemente boa é e faz para com o

seu bebê durante os estágios iniciais. É a maneira como o bebê é sustentado no colo e que constitui, para ele, tanto uma experiência física, quanto uma vivência simbólica. Essa vivência propicia ao bebê a conquista da integração do seu self. Grosso modo, a maneira como a mãe lida com o seu filho, ou seja, como o pega no colo, com firmeza, impedindo que ele caia, como o acalenta, aquece e amamenta, comunica o quanto ele é amado e desejado. Tudo isso é muito sutil, mas a repetição desses cuidados permite que a mãe auxilie o bebê a assentar os fundamentos da sua capacidade de sentir-se real, integrado. Assim, o holding é um protótipo de todo cuidado com o bebê (Winnicott, 1966/2020).

Cabe ressaltar que, assim como a mãe suficientemente boa, o psicoterapeuta também exercerá o holding com o seu paciente durante a prática clínica. Isso vai ao encontro do proposto por Bick ao dizer que a ORMB é uma ferramenta capaz de auxiliar o estudante em formação a desenvolver habilidades importantes para a sua profissão e que, algumas dessas, são desempenhadas, também, pela mãe para com o seu bebê (Oliveira-Menegotto et al, 2010). Entendemos que as pessoas, de maneira geral, necessitam sentir-se, de alguma forma, amparadas ao longo de toda a vida, visto que apenas a sustentação durante a maternagem suficientemente boa, não garante a integração nos estágios posteriores do desenvolvimento (Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2014). A tarefa de integração do self, ou seja, a necessidade de existir, alcançada, inicialmente, pela capacidade materna de holding, jamais se completa. É, na verdade, uma tarefa fundamental para toda a vida que propicia a continuidade do “ser” e facilita o alívio de sofrimentos, evitando o adoecimento emocional (Dias, 2008; Medeiros & Aiello-Vaisberg, 2014).

Considerações finais

Por meio da prática das observações realizadas com a dupla

mãe-bebê, das discussões com o grupo de supervisão e do estudo do Método Bick, é possível concluir que a experiência de observação contribui imensamente para a formação de psicoterapeutas de orientação psicanalítica. A observação pode ser considerada como uma ferramenta de estudo da teoria e da técnica, mas que se dá de forma prática, auxiliando o psicoterapeuta na manutenção do tripé psicanalítico durante a sua formação.

Configura-se como uma oportunidade de conhecer, na prática, fenômenos da clínica psicanalítica sem, de fato, atender um paciente que está em processo de análise.

Destacam-se, também, outros fenômenos psicanalíticos que se manifestam durante a prática da ORMB e que são inerentes à clínica, como, entre outros, os mecanismos de defesa, as resistências, a transferência e a contratransferência, a capacidade de holding, a manutenção do setting, a sustentação do silêncio, a abstinência, a comunicação inconsciente, etc. Tais conceitos são intrínsecos à clínica como um todo, revelando-se em todos os pacientes, sejam adultos, crianças ou adolescentes. Portanto, é preciso ressaltar que o Método Bick é uma ferramenta de estudo para formação de todo e qualquer psicoterapeuta, não apenas para aqueles que desejam realizar atendimento com crianças, como foi inicialmente proposto por Bick e, como ainda é, equivocadamente, compreendido por diferentes profissionais.

REFERÊNCIAS

Bick, E. (1964). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *International Journal of Psychoanalysis*, 45(4), 1-19.

Dias, E. O. (2008). A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza Humana*, 10(1), 29-46. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pi-

[d=S1517-24302008000100002&lng=pt&tlng=pt.](#)

Freud, S. (2015). O esclarecimento sexual das crianças. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 8). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1907)

Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In S. Freud, *Obras completas* (vol. 6). Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1905)

Fulgencio, L. (2010). Aspectos gerais da redescritção winnicottiana dos conceitos fundamentais da psicanálise freudiana. *Psicologia USP*, 21(1), 99-125. www.centrowinnicott.com.br.com.br.

Nasio, J. D. (1995). Introdução à obra de Winnicott. In J. D. Nasio, *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Zahar.

Oliveira-Menegotto, L. M., Lopes, R. C. S., & Caron, N. A. (2010). O método Bick de observação da relação mãe-bebê: aspectos clínicos. *Rev. Psic. Clin.*, 22(1), 39-55. <https://www.scielo.br/j/pc/a/mqgCf8tZj8TZ6y5HTbr758p/?format=pdf&lang=pt>

Prata, A. K. A. V., & Cintra, E. M. de U. (2017). Apoio e acolhimento à mulher que se torna mãe: uma escuta psicanalítica. *Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.*, 20(1), 34-50. <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SztyLyKMmgbDdMsRn6bWpry/?lang=pt>.

Winnicott, D. W. (2021). A observação de bebês em uma situação estabelecida. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1941).

Winnicott, D. W. (2021). Preocupação materna primária. In D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*. Ubu. (Trabalho original publicado em 1956).

Winnicott, D. W. (1984). Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. *Imago*. (Trabalho original publicado em 1971).

Winnicott, D. W. (2020). O recém-nascido e sua mãe. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original de 1964)

Winnicott, D. W. (2020). Amamentação como forma de comunicação. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original de 1968).

Winnicott, D. W. (2020). A mãe dedicada comum. In D. W. Winnicott, *Bebês e suas mães*. Ubu. (Trabalho original de 1966)

TEMPO-FILIAÇÃO, TEMPO-PATERNIDADE

AFFILIATION TIME, PARENTING TIME

MARLENE TERESINHA LUZ DE SOUZA¹

*Que minhas palavras sejam
o perfume que inebria os olhos
de quem lê-las*
Marlene Luz

Resumo

O objetivo deste texto é refletir sobre os elementos fundamentais da responsabilidade dos cuidadores em função da parentalidade a partir do conceitual psicanalítico e das narrativas dos Itans Africanos e contos de fadas para questionar a idealização de família na contemporaneidade. Pretendemos argumentar sobre a importância de nos relacionarmos com os dados de realidade para lidar com as informações advindas dos adolescentes.

Palavras chave: parentalidade, contos de fadas, itans, adolescência.

Abstract

The objective of this text is to reflect on the fundamental elements of the responsibility of caregivers in terms of parenting from the psychoanalytic concept and the narratives of African Itans and fairy tales to question the idealization of Family in contemporary times. We intend to argue about the importance of relating to reality data to deal with information coming from adolescents.

¹ Psicanalista em Formação e membro Psicanalista da *Après Coup* Escola de Psicanálise e Poesia de Porto Alegre-RS, afiliada à *Après Coup* de Buenos Aires; Psicóloga e Psicanalista Clínica; Graduada em Psicologia pela PUR-RS; Especialista em Sexualidade Humana pela UNIARA-SP; membro do Coletivo Negro Gira, no Instagram. Rua Chácara dos Bombeiros, 451, bairro Agronomia. Porto Alegre-RS. 51-98469-4237; marlenetls@gmail.com

Key-words: parenting, fairy tales, itans, adolescence.

Sabemos que todas as histórias são construídas por sujeitos. O que segue neste texto foi cunhado ao longo de quase 45 anos. Quarenta e cinco anos de um olhar que captava o que aqui segue escrito. Um olhar que via, mas não encontrava formas ou palavras para dar formas aos questionamentos que surgiam. Ao adentrar o ambiente acadêmico como graduanda do curso de Psicologia, fui angariando palavras e teorias que, no entanto, ainda não davam conta de minhas dúvidas. Então pesquisa daqui e pesquisa dali, com os vários escritores e/ou autores, professores, colegas, pacientes, alguma coisa foi nascendo, foi sendo construída. E assim foi surgindo essa composição mesclada de uma trama tecida com as palavras de todos esses sujeitos. Saibam que não saberei nomear de onde surgiram todas as palavras que segue neste texto. Meu desejo é de que alguns possam se identificar com a escrita abaixo.

No Itan “Iroco castiga a mãe que não lhe dá o filho prometido”, Mitologia dos Orixás (Prandi, 2020,) ficamos sabendo que o espírito de Iroco morava na primeira árvore a ser plantada. Em determinada época as mulheres da aldeia não engravidavam e pediram a ajuda de Iroco. Ele acatou os pedidos, mas pediu em troca um presente de cada uma das mulheres. Olorumbi era a única mulher da aldeia que não tinha nada para dar em troca e então prometeu a Iroco o primeiro filho que tivesse. Nove meses depois a aldeia se alegrou com as crianças que nasceram e as mulheres foram entregar as suas prendas. Porém, Olorumbi não pôde cumprir a sua promessa, pois havia se apegado ao menino prometido. Irado, Iroco então transforma Olorumbi em pássaro. O marido de Olorumbi a procurou sem encontrar. Um dia ao se aproximar da árvore ele escuta um pássaro, que era, na verdade, sua esposa, exigindo o cumprimento da promessa. O marido de Olorumbi era artesão e para salvar sua

companheira ele entalha, com lenha da árvore de Iroco, uma cópia do seu filho. Era o mais perfeito boneco que ele já havia esculpido. Quando estava pronto ele leva o menino de pau para Iroco. O orixá se alegra muito com o presente. Era o menino que ele tanto esperava. Aquele menino sorria sempre com uma inabalável expressão alegre. O garoto não se assustava quando seus olhos se cruzavam e não fugia dele, como os demais mortais. Iroco canta e embala seu menino de pau e se agradou mais desse filho que se ele fosse de carne e osso.

Para a psicanálise, o que nos move são motivações inconscientes. O desejo de ter um filho é uma aposta com o abismo do desconhecido e com o desejo. Olorumbi desejou um filho, mas teria que entregá-lo a Iroco. Seu filho é salvo pela astúcia de seu marido, um pai artesão. Nos contos de fadas podemos encontrar outros exemplos nessa mesma ordem. Durante minha infância li, várias vezes, a história de Rumpelstiltskin. Esse é um conto de origem alemã e creditado aos irmãos Grimm, onde o personagem que leva o título do conto também deseja um filho. Porém sua sorte não é a mesma de Iroco. Rumpelstiltskin, assim como Iroco, faz um acordo com uma personagem feminina, de quem deveria receber uma criança como pagamento de um desejo dessa mulher, futura mãe. Essa mãe engana a Rumpelstiltskin que acaba sem o filho que almejava. Igualmente na história de Pinóquio, essa de origem italiana, Gepeto anseia por um filho. Ele esculpe o seu menino em madeira, que ganha a vida através da Fada Azul. Os livros em que essas duas últimas histórias foram lidas perderam-se em sua materialidade, mas suas palavras permaneceram na memória desta que vos escreve.

Podemos citar outras histórias em que um personagem masculinizado, na impossibilidade de gerar um outro de si, busca realizar essa tarefa através de outro personagem feminilizado.

Mas, ter um filho pode parecer igual a ser/pai ser/mãe, no entanto não é igual, uma vez que nunca deixamos de ser filhos e trazemos nossa ancestralidade em nosso corpo e mente e psiquismo.

Assim como Olorumbi carregou seu filho em seu ventre e lhe desenhou sonhos e vontades, é necessário o desejo dos pais (*pais* aqui posto na equação = mãe e/ou pai) em relação a existência do sujeito que chega. A gravidez é apenas a ponta do iceberg de tudo que está por vir desta aventura. Assim como Olorumbi, desejou sua criança, é necessário o desejo dos pais em relação a existência do sujeito que chega. A mãe carregará não apenas um filho em seu ventre e não será apenas sonhos e vontades que serão desenhados, a ponta da idealização que tomou Iroco por completo. Uma vez que no caminho acontecerão, com toda a certeza, incidentes vários. Podemos citar a onipotência por se saber/perceber criador de um outro corpo, ou seja, a própria potência criativa. Identificação por amor, pois esse sentimento/afeto, que ao mesmo tempo que engana, também faz laço. E também identificação por inveja, uma vez que o sujeito que se (de)forma terá as possibilidades que os seus genitores estarão deixando para trás em finitude. Como se haver com a finitude?

E como nosso desejo fica (está) implicado no laço cultural, ter um filho passa a ser atravessado por questões culturais. Entre o filho que chega e o filho que se sonha é fundamental que haja um abismo porque esse sujeito é um desconhecido. É um outro sujeito e é necessário que os pais reconheçam que é diferente para que não se caia na alucinação em que Iroco se jogou, pois nosso orixá parece não perceber a estranheza do menino que tem à sua frente. Incomodar-se com a chegada desse ser estranho é saudável, pois é dessa forma que pode surgir o amor e a tecitura da subjetividade. E uma vez que esse amor é contingencial e a sobrevivência do sujeito depende desse amor, ele deve brotar aos poucos e será adubado com

o desamparo do recém-nascido

Chamo a atenção para o fato de que na história de Iroco, o marido de sua esposa não é nomeado, deixando margem a diversas interpretações. Em nossa sociedade atual temos sofrido de uma ausência de pais (aqui colocado no sexo masculino mesmo), ou seja, uma falta real de homens que não se tornam pais e que abandonam suas mulheres. Acaso não vieram eles também de uma mulher? E penso que essa pergunta seja assunto para outro texto, pois longe de culpar ou demonizar a qualquer dos sexos, afinal pais e mães perfeitos é fantasia e onipotência, o que quero ressaltar é esse banimento da figura do pai. Como se esse filho que irá se tornar pai tivesse que viver por toda a eternidade como sendo apenas filho e nunca saindo do lugar de onde se é cuidado e atravessar o rio da aventura de cuidar. Me parece que nossos personagens acima estavam, por seu lado, com planos de ficar apenas com o fruto de suas promessas.

O que é necessário para renunciar a outros amores e cuidar do filho que chega? Talvez seja necessário renunciar a fantasias narcísicas da própria imagem e semelhança, pode ser necessário suportar a angústia do desamparo e sua repetição no sujeito que chega com as suas frustrações. As necessidades de pais e filhos causam desajustes e desencontros pois suas necessidades psíquicas já não são aquelas que o pai projetou e a realidade se apresenta em sua crueza difícil e angustiante. E se no desenvolvimento inicial da criança se atravessam alguns terrenos difíceis, na adolescência se entra, muitas vezes, em uma areia movediça. Neste momento entrar no engodo de Iroco, na ilusão de completude para não sentir a angústia pode ser uma bússola para lá de enganosa.

Pode ser necessário entender que na constituição do sujeito não há garantias, não há como prever o que vai acontecer, não dá para se preparar para o desconhecido.

A chegada (sim, chegada!) de um adolescente na família aponta para outra travessia. Todo o jogo da constituição da subjetividade, iniciado quando da chegada do recém-nascido, deverá ser jogado novamente e embora sejam as mesmas regras não é o mesmo jogo. Embora sejam os mesmos personagens, ou seja, os mesmos jogadores, os *hardweres* e os *softweres* mudam e se atualizam todos os dias e faltam palavras para as atualizações dos afetos e emoções. Com tanto estímulo de um mundo globalizado e *internetizado*, talvez todo pai e toda mãe em algum momento de sua jornada, esqueça que desejou ser o guardião da criatura que está sob sua responsabilidade e alguns podem estar totalmente desmemoriados, assim como o orixá Iroco, que não percebe que a criança precisa de espaço para crescer e que esse espaço precisa de limites.

A Psicanálise professa que todos somos sujeitos assujeitados a linguagem. Iroco queria um filho. Queria saber como é ser pai e ele realiza o seu desejo de um menino perfeito. O filho que lhe chega não o desafia e não lhe exige coisa alguma, apenas o olha com alegria. A tarefa da parentalidade é aceitar a responsabilidade de educar e ensinar ao pequeno ser, vindo a ser sujeito. Nos constituímos no ambiente familiar com todas as nuances e complexidades desse lugar.

REFERÊNCIAS

- Dolto, F. (2015). *Em Defesa dos Adolescentes*. 2ª edição. São Paulo: Ed. Ideias e Letras.
- Dolto, F. (2017). *Imagem Inconsciente do Corpo*. 3ª edição. São Paulo: Perspectiva.
- Freud, S. (1914/1976). Sobre o narcisismo, uma introdução. *Obras completas*, ESB, v. XIV. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1905/1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualida-

de. *Obras completas*, ESB, v. VII. Rio de Janeiro: Imago.
Iaconelli, V.; Garrafa, D.; Teperman, D. Parentalidade. São Paulo: Autêntica; 1ª edição (31 agosto 2020).
Prandi, R. Mitologia dos Orixás. 2020. São Paulo: Companhia das Letras.

OS RELÓGIOS E OS SEUS VINTE CINCO ANOS DEPOIS ¹

THE CLOCKS AND THEIR TWENTY FIVE YEARS LATER

CHARBELLE JABBOUR BELMONT²

Resumo

O texto conta a história de uma paciente que, ainda pequena, chega ao consultório psicanalítico em busca de escuta e atenção. Essas necessidades logo se apresentam na forma de relógios que desenha para marcar os atrasos da analista, o desejo de ficar mais tempo com ela, assim como os bilhetinhos jogados por debaixo da porta fora da hora das suas sessões, as arrumações feitas na sala de espera para deixar sua presença. Vinte cinco anos depois, ela volta, e ambas, paciente e analista, fazem uma viagem no tempo lembrando do que vivido lá trás e do desenvolvimento conquistado. Um encontro que possibilitou viver o *holding*, o *handling* e o nascer de um novo jeito.

Palavras-chave: Winnicott; *Holding*, *Handling*; Relação paciente-analista

Abstract

The text tells the story of a patient who, still a kid, arrives at the psychoanalytic office in search of listening and attention. These needs soon was manifested in the form of clocks that she draws to mark the analyst's tardiness, the desire to spend more time with her, as well as the notes thrown under the door

1 Dois textos que contam a história da mesma paciente escritos para publicação em meu livro *Emoções analíticas na clínica com crianças* (2022).

2 Psicóloga Clínica; Especialista em Psicologia Médica e Psicossomática pela Universidade Estácio de Sá em 2001. Autora dos livros *Palavra Encantada* (2015), *Palavra Encantada II: uma viagem pelo mundo da infância* (2020), *Colocando os pingos nos is* (2021), *Emoções analíticas na clínica com crianças* (2022) e *Retrospectiva analítica, uma experiência de regressão* (no prelo). Charbellejabbour3@gmail.com. (21) 994996567.

outside the time of her sessions, the arrangements made in the waiting room to mark your presence. Twenty-five years later, she returns, and both, patient and analyst, take a trip back in time remembering what they lived back there and the development achieved. A meeting that made it possible to experience holding, handling and being born in a new way.

Keywords: Winnicott; *Holding*; *Handling*; Patient-analyst relationship

A escola onde a menina estudava ficava bem ao lado do prédio do consultório.

Nos víamos todas as terças e quintas às 17h há dois meses. Suas aulas terminavam às 16h45.

Nas sessões de terça, ela sempre desenhava, ao chegar, relógios: os de parede, aqueles que funcionam como despertador, os de celular, o seu próprio. Neles, a hora que marcava era a mesma, o nosso horário da sessão. Também adorava me mostrar o que carregava em seu punho, pedia-me para mostrar o meu, pegava o que ficava na mesinha e o “ajustava” em 16h45. Dizia-me que gostava dessa hora. Eu que ela gostaria de ficar mais tempo em minha companhia.

Nas quintas, os desenhos, os pedidos de terça se davam mais para o fim da sessão que vinha acompanhada de outro, o de “posso ficar só mais um pouquinho?”, e, em seguida, retirava o calendário da mochila para me mostrar que nos encontraríamos somente dali a cinco dias. Às vezes concordava com o pedido, às vezes não, e lhe falava sobre a sua necessidade de estar comigo e da importância que dava aos nossos encontros.

Nas semanas seguintes, passei a receber, nas segundas, bilhetinhos por baixo da porta. Era sempre na hora do seu recreio. O sino tocava, eu o ouvia da minha sala, e, quinze minutos depois, o papel colorido escorregava e enfeitava o chão de ama-

relo ou azul, nossas cores favoritas. Nele, pequenas frases: senti sua falta no fim de semana; hoje, ainda é segunda; tentei esticar o fim de semana para diminuir a saudade; você pode aparecer na janela e me dar um tchau?....

Ela dava um jeito de mostrar sua existência e de se certificar de que não a esqueceria. Dizia tudo isso a ela quando nossa terça chegava, com o qual concordava. Era também na terça que se adiantava dez minutos. Enquanto terminava o atendimento anterior, ouvia a porta da sala de espera se abrindo e o barulho das pedrinhas que adornavam um pequeno jardim desértico cheio de pequenas flores secas. Ela os arrumava do seu jeito, deixava sua marca ali e sua presença.

Eu abria a porta, o cliente saía, ela inspecionava o relógio para verificar o horário em que a sessão começaria e, se me atrasasse alguns minutos, desenhava nos relógios o meu atraso.

E assim nossos encontros aconteciam. Éramos duas, três, quatro, às vezes cinco: eu, ela, os relógios, os bilhetinhos, os calendários.

Um dia, numa segunda, o bilhetinho não chegou. Fiquei surpresa e feliz. Pensei que boa parte de mim já estava com ela, dentro dela, não somente um pedaço, mas a minha pessoa inteira e que tinha certeza de que eu estaria à sua espera. A confiança parecia crescer porque eu sempre estava à sua espera na nossa hora.

Na terça, até meu cliente falou: “Não ouço as pedrinhas”. Despeço-me dele, abro a porta e não a vejo. Quando estou fechando-a, ela me chama, vem correndo, estende as mãos e me entrega uma flor florida e diz: “Temos que colorir as pedrinhas e substituir a desértica por essa”.

Nesse dia, não houve mais desenho de relógio.

Na quinta, deixou-me um beijo e nós duas desenhadas no papel que guardou no seu baú de brinquedos.

CONTINUA.....

Vinte e cinco anos depois

A campainha toca. Me demoro um minuto para atender pois terminava uma ligação. Abro a porta e vejo-a indo na direção do elevador. Chamo seu nome. Ela me olha meio sem-graça, mas sorridente. Retribuo o sorriso e digo:

“Achei que fosse encontrar um bilhetezinho amarelo ou azul debaixo da minha porta.”

Arregala os olhos da mesma maneira como quando era criança ao se surpreender com algo dito por mim e que para ela era como se eu houvesse descoberto um mistério.

Ainda parada, diz que os bilhetinhos foram aposentados mas que a preferência pelo azul e pelo amarelo não, e me entrega uma flor.

Convido-a para entrar e percebo a emoção em seu rosto quando ouve a música que toca. Ela chega perto do aparelho de CD e me diz:

“Parece que você continua gostando de Diana.”

Respondo que sim e, também emocionada, sigo para a outra sala.

Sento-me e acho graça no seu jeito curioso de olhar para os objetos ao redor porque parece ser sua primeira vez ali.

Pouca coisa havia mudado e, certamente, era o que pensava. Tirando pela mudança na cor da minha poltrona, tudo continuava igual: a parede salmão, o quadro com a moça de guarda-chuva que corria para algum lugar, o relógio ao lado do divã e a janela por onde ela pedia que eu olhasse na hora do seu recreio para lhe dar tchau.

Ela senta-se de frente para mim e, antes que pergunte o que a traz aqui, tira uma foto da bolsa e me mostra. É uma menina por volta dos seus sete anos de idade, morena, cabelos cacheados, olhos vivazes como os dela. Segurava uma caixinha

amarela com um lindo laço de fita azul.

Então me diz:

“Quis procurar você há mais tempo, mas só agora foi possível. Depois que me casei, mudamos de país e voltamos este ano para ficarmos de vez. Chegamos há três meses. Então, um dia, passeando no shopping, entrei numa livraria e vi seu livro na estante. Fui atravessada por um sentimento de gratidão e me emocionei. Meu marido e minha filha Sol estavam comigo e me perguntaram se me sentia bem. Disse que sim e lhes contei a história de como conheci você e por que fui levada até você.”

Enquanto me contava sobre nós, lembrei-me dela pequena, curiosa, falante, esperta e carente. Foram alguns meses recebendo seus bilhetinhos de saudade, de tristeza, de medo, de pedidos inusitados, todos jogados por debaixo da porta nos dias que antecediam suas consultas. A lembrança mais viva dentro de mim e que permaneceu por muitos anos depois que nos despedimos era a de ter que ajustar o relógio que ela sempre colocava para as 16h45.

Nesse momento, olha para mim e pergunta:

“Você se lembra dos relógios que eu gostava de desenhar?”

“Como poderia me esquecer? Você sentia tanta necessidade de estar aqui comigo que não só desenhava relógios, mas atrasava o meu em quinze minutos para poder ficar ‘só mais um pouquinho’ falamos num unísono. Fico muito contente de vê-la novamente. Obrigada por ter me encontrado e ter me trazido o seu Sol.”

Ela me diz:

“Vim aqui para isso. Depois que eles ouviram minha história com você, disseram que tinha que procurá-la. Sol foi a que mais insistiu e fez aquela caixa de presente amarela que segura na foto. Ela adorou o sonho que lhe contei sobre nós duas de mãos dadas indo em direção ao sofá para abri-la. Dentro da

caixa, tinha uma carta que escrevi para você e ela a guardou.
Trouxe-a para te ler.

Retira da bolsa um envelope azul e, antes de pegar, digo:

“Aposto que é amarelo.”

Sorri e começa a ler:

Poema suave

Talvez eu não me lembre do que vi quando abri os olhos pela primeira vez.

Talvez não me lembre de quais foram as primeiras palavras que ouvi.

Talvez não me lembre de como eram os olhos que me fitaram quando chorei ou falei pela primeira vez.

Talvez eu me encolhesse, chegasse para o canto, cedia espaço, ia aprendendo a ficar atenta, me preparar para o mundo lá fora. Às vezes me abrigava encostada por dentro na barriga da minha mãe, e vivia a permanente experiência de sentir uma presença pulsante. A saída ou a chegada não foi bem como esperei.

Até que encontrei você. Não! Primeiro encontrei suas palavras que falaram comigo. Elas se abrigavam em folhas que as acolhiam e me acolheram. Umam eram plácidas, doces, suaves, outras, fortes, intensas, marcantes, robustas. Nenhuma delas me lembrava beijo na parede. Elas abriam meus olhos, cantavam em meus ouvidos, pareciam saber meu nome.

A mãe que não me fez bem não me via, não me sabia, não me cuidava, não sintonizava com a melodia que nasceu comigo, mas me levou até você.

Não te vi, BEM-te-vi, e ouvi, e olhei, e senti, e guardei, atentei para cada detalhe da pessoa que você me trazia. Guardei cada palavra, cada cor, seus gestos, e fui crescendo por dentro e foi crescendo meu dicionário de afeto. Encompridei meu ser de “jun-tidade” (estar junto), de balões coloridos, de hesitação, de pen-ti-

mento, do bolo que, um dia, você ainda vai aprender a fazer, da nuvem que caminha, do que é vaga, porque bunda você sabe, do brinco que é pendurado e você diz que dá sorte, do quarto 19, da blusa de alça amarela, da primeira pergunta que me fez: “quero saber o que martela sua cabeça”, da árvore no Japão que as pessoas procuram e que não há em cada esquina, mas existe aqui e eu encontrei.

Nesta noite, acho que quis te ver. Abri os olhos mais de seis vezes, quase a cada duas horas. Não doeu, não chorei, não lamentei. Acho mesmo que vivi a ilusão de despertar para acordar na terça ou na quinta, dias que nos encontrávamos e que nos encontramos por alguns anos.

Ao terminar, levantei-me, fui até ela, agradeci também por ter me ensinado muitas coisas, peguei o relógio de cima da mesinha e coloquei-o em suas mãos. Ela o ajustou para 16h45, colocou-o de volta no lugar, me deu um abraço e me chamou de Sol como costumava me chamar.

Antes que saísse, pegou a fotografia e deixou-a ao lado do relógio.

Despedimo-nos com alegria e com a certeza de que **na confiança da transferência, um novo mundo pode se abrir para receber um novo ser a se fazer a dois.**

SE FAZER SER – SE DESPRENDER DO ABSOLUTO FAZER PARA PODER SER E VIVER

DO BEING – DETACH YOURSELF FROM THE ABSOLUTE
DO TO BE ABLE TO BE AND LIVE

GRACIELLA LEUS TOMÉ¹

Resumo

Neste pequeno artigo busco expressar visão particular sobre laços familiares, laços de amizade, construções vinculares que dão sentido a nossas vidas mesmo quando seguem invisíveis a nossa percepção. Escrevo a partir de pensamentos que desenvolvi após ter assistido ao filme Roma, de Alfonso Cuarón. Com mente analítica inquieta, não pude deixar de unir fatos em cena às observações que Donald W. Winnicott desenhou de suas vivências clínicas, que primam por corresponder às relações humanas ao desenvolvimento do ser.

Palavras-chave: Vínculos; Relações; Esperança.

Abstract

In this concise article, I seek to express a particular view on family bonds, friendship bonds, which are structures that give meaning to our lives even when they remain invisible to our perception. I write from thoughts that I developed after watching the film Roma, by Alfonso Cuarón. With a restless analytical mind, I had to unite facts on the scene with the observations that Donald W. Winnicott drew from his clinical experiences, which excel in corresponding to human relationships to the development of the being.

1 Graciella Leus Tomé. Psicóloga Clínica, Psicóloga do Corpo Clínico do Instituto Cyro Martins; Membro dos Seminários Winnicott Porto Alegre. Endereço: Rua Francisco Petuco, 45, apto. 1303b, Cep: 90520-620, Porto Alegre/RS. Contato: (51) 998076799, graciellatome@yahoo.com.br.

Key-words: Bonds; Relations; Hope

“O amor começa com os mais próximos cuidando dos de casa.”

Madre Teresa

Winnicott (1984/1995, p. 98), em sua obra “Privação e Delinquência”, discorre que “ser capaz de tolerar tudo o que podemos encontrar em nossa realidade interior é uma das grandes dificuldades humanas, e, um dos importantes objetivos humanos consiste em estabelecer relações harmoniosas entre as realidades pessoais internas e as realidades exteriores.” E segue, “quando existe esperança, no que se refere às coisas internas, a vida instintiva está ativa e o indivíduo pode usufruir do uso disto convertendo assim em bem na vida real” (Winnicott, 1984/1995, p. 99).

Assistindo ao filme *Roma* (2018), do escritor e diretor Alfonso Cuarón, obra que nos transporta junto às telas do cinema e ao dia a dia da monótona vida de uma família no México dos anos 70. Evidente constatar que esse escritor consegue contar uma história. *Roma* mexe com nossas entranhas. Na vontade genuína de entender melhor o que estas cenas comunicavam para além da história e, causavam a meu coração, primeiramente escrevi uma crônica que assim inicia:

Roma incendeia

Roma vai além da tela, da atuação, do script, do diretor. É a alma de seu criador. Roma leva ardor a todos nossos sentidos.

(...) *Dói assistir Roma.*

Henrique Holtheirn diz “arte é vida emocional subjetiva” e eu, ao finalizá-la, continuava intrigada. Só uma crônica não me trouxe bem-estar. Me pego bordando conceitos e novamente querendo escrever sobre este tema com o qual me delicio, pois

é inacabável. Para mim ele é eterno enquanto durarmos, nós os seres humanos, o tema das intrincadas relações humanas. Sinto esperança nas palavras de Cuarón, sinto esperança quando Cuarón borda seus sentimentos para seu público.

Então, em meu desejo repenso e penso o que ocorre com somente dois dos personagens da trama e, faço o recorte desses dois papéis dentro do espectro todo do filme. A escolha que faço pelas figuras da “patroa” e da “servente” são meramente ilustrativas do ato de pensar e da capacidade de criar do humano.

Pretendo neste artigo apresentar o que Winnicott nos ensinou sobre poder vir a ser um sujeito e, complementando, poder ser um ser vivo em todas suas potencialidades criativas até sua morte. Lembremos que para Winnicott é essencial estar vivo quando de nossa morte física.

Conto, a seguir, um pouco sobre as relações que se criam no desenrolar da trama, porém antes aproveito para dialogar com os senhores, leitores agora da minha própria trama mental. As ideias estão no ar para serem pensadas, um escritor para narrá-las. Cuarón, certo disso, visita os porões de sua alma e palavras cheias de afeto vão parar no papel. Acredito, e quando digo acredito, é sim minha leitura sobre a trama.

E como diria Winnicott – “esta é minha interpretação dos fatos, provavelmente correta, no momento”.

Este mesmo escritor, agora diretor, encontra em duas atrizes dois olhares que lhe traduzem o que um dia, para ele, fez parte de suas fantasias. Ou como deixou crermos, suas próprias vivências, e porque não... São elas as duas mulheres que vivem os papéis de Cleo e *Doña* Sofia.

Penso que este movimento dele pela busca da perfeição na sua expressão subjetiva atinge também a trama de cada uma das personagens. Afinal, se a ideia original está presente no progenitor da obra acreditamos que estas mesmas verdades

vívidas estarão nos olhares dos protagonistas. Igual à criança que se faz reconhecer no olhar de sua mãe e com isso passa a acreditar durante seu desenvolvimento no quanto pode realmente fazer acontecer sua própria história de vida.

Poder ser seu próprio sujeito, na sua própria narrativa, a isto chamo esperança. Em sua obra intitulada “O Brincar e a Realidade”, Winnicott (1975/1983, p. 99) nos ensina que: “com esperança a criança retoma uma relação criativa com a realidade externa e com o período em que a espontaneidade era segura.” Logicamente entendemos que desde e quando o fracasso no ambiente não dificultar a transmissão desta subjetivação.

Penso em Freud nos olhando e nos dizendo: - algumas “coisas” foram transformadas em “palavras”.

Contarei um pouco sobre o filme Roma: Roma é uma obra semiautobiográfica baseada na infância de Cuarón que nasceu no México, no bairro chamado Colonia Roma. Trata-se de uma obra de ficção com suficientes dados reais narrados com extrema sensibilidade (Guglielmelli, 2019; Wikipédia, 2019).

Personagem Cleo: serviçal, muitas perdas, o criar, o despliegue.

Cleo é empregada do lar formado por Sofia e sua família, esposo, filhos e sua mãe.. Algumas cenas deixam claras as tensões na vida do casal. Cleo entre limpezas, cuidados carinhosos para com as crianças, brincadeiras com o cachorro, encontra tempo para amigos e também ir ao cinema. Engravidada de um sujeito que no decorrer do filme a maltrata. Cleo dá a luz ao seu filho em meio a protestos e confrontos entre jovens militantes e a polícia. Cleo perde o bebê. Nesse momento as cenas transbordam silêncios. O diretor Cuarón estabelece muita dor através de sua câmara confirmando enorme delicadeza ao abordar temas referentes às mulheres, ao respeito, compaixão,

perdas, falta de respeito e abusos. Ao final da obra eleva a força e a capacidade de ser resiliente das mulheres.

Descrevo a seguir algo sobre a personagem Cleo “*la manita que hace todo*”. Como expressei logo acima minha intenção não é fazer relatos sobre o filme, mas sim relações que a mim me foram significativas. Cleo foge de uma vida estéril, ela é uma menina ainda, que trabalha, como tantas outras, em uma casa de família.

Cleo soube amar seus dias, alguns infernais. Essa servente disponível vive atenta tanto às necessidades curativas clamantes nessa família quanto as suas próprias, existenciais. Ela ensina, no filme, quão grandes são as possibilidades de criar uma vida para chamar de sua.

Cleo na inocência adolescente trabalha o *despliegue* de quem possui habilidades afetivas. Algumas cenas a mostram limpando, limpando, em um vai e vem recorrente, integrado a ela como o próprio sangue que corre em suas veias. O vai e vem de quem conhece o que lhe pertence.

Porém, nada indica que ela deixa de admirar o caminhar de *quién hace su camino al andar*, resplandecente e viva. Não esboça medo em estreitas relações: de trabalho, de afeto, de cuidado e lutos. Como a sonoridade que nos traz o brincar, avança ouvindo o som do continuo andar, lavar, esfregar e limpar, cuidar e esfregar novamente, e avança confiante recriando o som dos dois corações batendo juntos em seu corpo. Nesse ritmo se recria e cria, a seu modo, e nas vivencias do que lhe é permitido ser, seu dia a dia, suas relações transformadoras.

Winnicott (1982) por definição chama de “mutualidade” a ação de uma mãe suficientemente boa para com seu bebê e, também, do bebê e sua constituição interna que o leva a procurar por essa mãe. Esse encontro, digamos, soa bem a nossos ouvidos. É um vai e vem nosso conhecido, é a vida

que literalmente dá voltas, em eterno movimento. Segundo o autor, “É desta forma que testemunhamos concretamente a mutualidade que é o princípio da comunicação entre duas pessoas” (Winnicott, 1982, p. 257). Testemunho em Cleo essa capacidade de se comunicar com seus pares.

A outra personagem relevante para minhas divagações, Dona Sofia, esposa, com aparência de uma mulher plena, marido, mamãe que lhe faz sustento, casa, filhos, *staff* de serventes, bela aparência. Aparências que servem para satisfazer nossos falsos selves, nosso *fake*, no filme não vejo assim, sinto serem defesas ao tédio sentido, a falta de significado na vida. Esta personagem traz no peito e no olhar o peso das desvalias, com mente ruidosa e uma submissão enlouquecedora, um frio vazio de alma. Em cena nos apresenta uma triste vida não ativa, apesar de real, pois existir para Dona Sofia transborda angústias. *Anda a lo largo de la escena*. Vive seu hiato em solidão.

Como Cuarón vive seus encontros e, principalmente, desencontros só poderei inferir. No entanto suas possíveis vivências em um México dos anos 70 adentrou nossa alma através da grande tela e desbordou suas e nossas complexidades. Solidão. Rupturas. Guerrilha e mortes. Catástrofes humanas. Cuarón dá voz à voz das mulheres oprimidas, daquela, de todas as épocas, na pele da personagem Dona Sofia e Cleo.

Ela lhe diz em uma cena: *Cleo, nosotras mujeres siempre estamos solas*.

Os ingleses usam corriqueiramente o termo *mother ship*. Gosto do som, implica não estar só, nos completa com a esperança de estarmos acompanhados. No filme, após dissabores a esposa Dona Sofia retoma sua vida cotidiana, de mulher, mãe .

A servente Cleo diagrama novo *stablishment* as suas cenas de vida.

O escritor Cuarón transformando suas tripas em criação de um belíssimo filme, nos brinda com seu ser e seu viver. Capacidade de ilusionar seu ser. Infiro essa minha percepção a partir de entrevistas dadas por ele próprio, fora de cena, quando diz que o filme *Roma* é um tanto autobiográfico. Cuarón no seu desassossego criativo interliga três vidas que se comunicam conosco e faz do filme seu próprio estar-em-união-com.

O “sentimento de SER é algo que precede a ideia de estar-em-união-com”, conforme afirma Winnicott, que em seus escritos dialoga abertamente com a esperança no ser e fazer de cada sujeito.

Concluo justificando o título que escolhi para esta escrita, deixando claro que são percepções minhas, as que abordo neste tema. Acredito sim que não todos possuímos mãos ambientes bons o suficiente para uma vida plena, mas, acredito também que ao termos ternos uma sementinha de amor recebido podemos dela fazer uso produtivo, transformá-la em momentos significativamente abrangentes a ponto de podermos criar nossas vidas.

Por criar nossas próprias vidas, com histórias que sigam o nosso tom, com mais nossas palavras e sentimentos do que réplicas do que poderíamos ser, é a isso que me refiro e que entendo como sendo a essência do fato de poder se-fazer-ser.

ANEXO

***Roma* incendeia**

Roma vai além da tela, da atuação, do script, do diretor. É a alma de seu criador. *Roma* leva ardor a todos nossos sentidos.

O filme *Roma* causa furor entre as homenagens concedidas pelo mundo do cinema. Astros e diretor se consagram.

Passaram-se sete meses de seu lançamento e segue conquistando nossos corações e a crítica com conteúdo.

México, anos 1970. Alfonso Cuarón, escritor e diretor, cidadão mexicano, não convulsiona, consegue ser mordaz sem ser insensível. Tinha uma história para contar que vizinhava sua própria história e, não percam, ele a contou.

Mais que tudo, *Roma* mexe com nossas entranhas, dói fundo ver-se transportada para dentro da vida de Cleo, *la manita que hace todo*, de alma singela e meiga. A história retrata uma intensa vida familiar com fronteiras tênues cobrando alto pedágio para o existir.

Esse povo que vive o contexto de vida retratado no México está lá, vive horror e cotidiano. Esperando liberdade.

Dói assistir *Roma*.

Cléo em seu discurso afetivo *con los niños, él perro y los señores de la casa*, nos diagrama a cena familiar cotidiana inabalável ou nem tanto afável.

Nos vemos frente as verdades, às vezes intragáveis. Fica a questão que Cléo nos ensina: por que não seguir vivendo mesmo quando a vida impacta.

Roma de Cuarón anda reto, toma o caminho sem preâmbulos para unir-se e dialogar com nossas próprias histórias.

Rebobino o carretel de encontros em que cada personagem criado por Cuarón se envolve e busco verdades, referente a qualquer uma de nossa vida familiar que recebem um turbilhão diário de novos paradigmas do ambiente externo.

REFERÊNCIAS

Cuarón, A. (2018). *Roma*. Participant Media Esperanto Filmoj Produção. México/Estados Unidos.

Guglielmelli, A. (2019). *Roma - Longa é eleito o melhor filme estrangeiro de 2018 pela Associação Brasileira de Críticos de Cinema*. Publicado em 17/01/2019. Retrieved from <https://observatoriodocinema.bol.uol.com.br/filmes/2019/01/roma->

longa-e-eleito-o-melhor-filme-estrangeiro-de-2018-pela-associacao-brasileira-de-criticos-de-cinema.
Wikipédia. (2019). Roma (filme de 2018). Página editada pela última vez às 19h00min de 13 de agosto de 2019. Retrieved from [https://pt.wikipedia.org/wiki/Roma_\(filme_de_2018\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Roma_(filme_de_2018)).
Winnicott, D. W. (1983). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1975).
Winnicott, D. W. (1982). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
Winnicott, D. W. (1995). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1984).

AMIZADES TRANSICIONAIS¹

TRANSITIONAL FRIENDSHIPS

ISACC SPRINZ²

Resumo

Neste artigo o autor apresenta a importância da consciência do psicanalista para a presença de relações transicionais tanto na transferência quanto nas relações com outras pessoas. Ele acrescenta que essas relações persistem até que os pacientes tenham adquirido o sucesso significativo almejado.

Palavras-chave: Objeto transicional, transferência, relação de objeto, autoestima, dependência

Abstract

On this paper the author presents the importance of the psychoanalyst awareness to the presence of transitional relations both on transference and in the relationships with other persons. He adds that those relations persist until the patients have acquired the meaningful success aimed.

Key words: Transitional object, transference, object relation, self-esteem, dependency

Amizades transicionais

O que cativa em Winnicott é que ele não é dogmático. A leitura de suas obras é, na verdade, um jogo de rabisco. Ao propor uma ideia, ele estimula o leitor a sobrepor suas próprias ideias. Assim, ao lermos suas obras, formamos uma

1 Trabalho apresentado na XV Jornada Annual do ESIPP

2 Médico Psiquiatra, Psicoterapeuta Psicanalítico, Prof. Titular aposentado da PUCRS, membro jubilado da APRS, Sócio Honorário da SPRS, Professor e Supervisor do ESIPP.

nova obra com a autoria de ambos Winnicott-Leitor que, no entanto, se identifica com o pensamento de Winnicott.

Marilu, pós-graduanda em Direito, me procurou para tratamento porque estava desanimada com sua faculdade, sem vontade de continuar seus estudos e triste por achar que teria que deixar seu sonho de ser magistrada. Ela compareceu à primeira consulta acompanhada de uma namorada. Percebo nas próximas entrevistas que toda vez que ela sai de casa ela pede a companhia da amiga e que a amiga corresponde na maioria das vezes. Se vai ao cinema, às compras ou a uma consulta de rotina ao médico, pede à amiga que a acompanhe. Minha primeira ideia é de uma fóbica ou de um relacionamento homossexual. Marilu, que costuma ser produtiva, demonstra rejeitar qualquer tentativa de examinar seu relacionamento com a amiga. Aos poucos, mudo de opinião e, sob a influência de Winnicott, começo a perceber um fenômeno transicional naquela amiga. Torno-me respeitoso com o relacionamento dela e não interfiro. Depois de um tempo, a empolgação de Marilu com os estudos volta, ela termina a faculdade, faz a prova de magistratura e é aprovada. A partir desse momento ela deixa a amiga de lado e aos poucos a relega ao limbo a ponto de não ter mais contato com ela.

No mesmo período eu estava preocupado com a relação de Freud com Fliess, e me perguntava sobre aspectos estranhos dessa amizade quando percebi que Freud começou a deixar Fliess de lado depois de publicar A interpretação dos Sonhos. A hipótese levantada é a de que Freud teria colocado Fliess no limbo ao se sentir realizado após a publicação daquela que era considerada sua obra mais importante, obra que lhe trouxe notoriedade internacional. Tanto a amizade de Marilu quanto a de Freud têm pelo menos isso em comum, ou seja, a aquisição de uma realização pessoal, e ambas as amizades podem ser des-

critas como fenômenos transicionais. Mas também há outras semelhanças. São amizades reconfortantes e respeitadas, mas os amigos não são ouvidos e também não importa se ouvem ou não. Basta que eles estejam lá sempre que solicitados. Tanto a amiga de Marilu quanto Fließ não são esquecidos ou chorados. Eles apenas vão para o “limbo”. Winnicott não é preciso sobre o momento em que a criança deixa de lado o objeto transicional. Sugiro que a renúncia está relacionada ao sentimento de auto-realização, que pode ser a obtenção da constância do objeto ou apenas o alcance de uma meta ambicionada como o simples fato de se equilibrar numa bicicleta.

Winnicott (1989), colocando os fenômenos transicionais em uma base simbólica, defende as origens de uma terceira área de experiência relacionada à vida cultural do indivíduo, da qual derivam as ambições e os sonhos. Tanto as ambições de Marilu quanto as de Freud brotam no terreno dos fenômenos transicionais que são representados pelas amizades que incubam esses sonhos. Winnicott afirma: “É uma área que não é contestada, pois qualquer reivindicação é feita em seu nome, exceto que existe como um lugar de descanso para o indivíduo engajado na perpétua tarefa humana de manter as realidades interna e externa separadas, embora inter-relacionadas (WINNICOTT, 1971, p. 15). E também entre o que se sonha e o que se torna realidade, acrescentaria. Por outro lado, essa experiência intermediária proporciona a auto-estima do sonhador e, como aponta Winnicott, também constitui uma defesa contra a ansiedade, especialmente em seu tipo depressivo que pode surgir nos momentos de solidão (como sentiu Freud antes de A interpretação da Sonhos ser publicado) ou desânimo (como no caso de Marilu). Essas amizades são abandonadas quando a fantasia se torna um fato real. Esta área intermediária da experiência – as amizades transitórias – mantém-se na

vivência intensa que diz respeito às artes, à religião, à vivência imaginativa e ao trabalho científico do criador (Winnicott).

Ana me procurou porque não conseguiu engravidar, entre outros motivos. Todas as tentativas de examinar seus sentimentos em relação a mim foram sistematicamente repelidas pela paciente. Minha hipótese anterior era que Ana mantinha uma relação narcísica comigo, na qual eu era uma extensão dela. Ao final de cerca de dois anos de tratamento, Ana engravidou e simplesmente me dispensou, logo após o nascimento do bebê, embora eu achasse que ela ainda poderia se beneficiar do tratamento. Repensando sobre o paciente, reformulei minha hipótese para pensar que havia representado o objeto transicional na transferência, mesmo em seus momentos de desânimo. Ana me relatou que se lembrou de mim e isso a deixou confortada. Aqui a relação transitória também pode ser uma incubadora da ambição do paciente.

Rosana me procurou devido a suas dificuldades de relacionamento pessoal tanto com namorados quanto com amigos e familiares. Ela estava desorganizada no início da terapia e em alguns meses demonstrou estar mais organizada, mas não relacionou sua melhora com o tratamento, e notei que ela não me ouvia ou, pelo menos, que ela tentava demonstrar que Não me escutava. Embora fosse dependente dos pais, costumava se mostrar autossuficiente e revelar uma incapacidade de depender de qualquer relacionamento. Optei por trabalhar sistematicamente a sua transferência narcísica para comigo, o que resultou numa melhoria das suas relações de trabalho. Pela primeira vez ela iniciou um relacionamento mais duradouro com um colega, mas muitas vezes o fazia de criado e ele aceitava esse papel. Após cerca de quatro anos de terapia noto uma atenuação das suas relações narcísicas e identifico um fenômeno transicional neste namorado, como uma transição de um tipo

de relacionamento para outro. Acho que a Rosana poderia iniciar essa relação porque trouxe vida a um objeto interno que passou a ser menos agredido, reativando a área da experiência e atenuando a onipotência. Consegui, assim, começar a extrair prazer das relações, libertando-se progressivamente de uma forma narcísica de relação objetal.

Winnicott disse, a respeito desse tema, que não tinha certeza disso porque achava que excluía a ideia de dependência. Talvez o que Winnicott não tenha notado é que o limite narcísico é também um limite de dependência. Acho que quando Kernberg (1995) se refere à incapacidade crônica de certos pacientes de depender do terapeuta, ele estabelece a ponte entre ambas as transferências. Ele relata que esses pacientes têm grandes dificuldades para ouvir e conversar com o terapeuta para influenciá-lo ou para falar consigo mesmo sobre si, deixando o terapeuta com a clara sensação de que foi eliminado da consciência desses pacientes. Transformando o terapeuta, digo eu, em um objeto transicional.

Considerações finais

Percebo que é necessário discriminar a transferência narcísica da transferência transicional, pois a precedente parece ocorrer com mais frequência, como pude confirmar não apenas com meus próprios pacientes, mas também em casos que supervisionei. Essas transferências transicionais representam uma evolução em relação à transferência narcísica. O que proponho é que a qualidade da relação da criança com o objeto transicional é essencial para a capacidade de relações objetais na vida adulta e para a transferência em psicoterapia. A ausência de um objeto transicional pode prejudicar o estabelecimento do vínculo transferencial. Por outro lado, a relação com o objeto transicional reaparece nas amizades transicionais e

pode ser essencial para as atividades criativas. Mesmo na história de muitos personagens famosos e até mesmo na literatura não é difícil identificar a presença e a importância dessas amizades transicionais, como, por exemplo, a amizade entre Dom Quixote e Sancho Pança.

REFERÊNCIAS

Kernberg, O.F. *Transtornos graves de personalidade*. Porto Alegre: Artmed, 1995 [Kernberg,O.F. *Severe personality disorders*. New Haven: Yale University Press, 1984].

Winnicott, D.W., (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975 [Winnicott, D.W., (1971). *Playing and reality*. London: Routledge, 1982].

Winnicott,C. *et al.* (1989). *Explorações Psicanalíticas*. Porto Alegre: Artmed, 1994. [Winnicott,C. *et al.* (1989). *Psychoanalytic explorations*. Cambridge /Massachusetts: Harvard University Press, 1989].

A FÉ ABALADA NA REGENERAÇÃO DA VIDA¹

FAITH SHAKEN IN LIFE 'S REGENERATION

SUELY DUÉK²

Resumo

Trabalho sobre a importância da criatividade na adultez madura, baseado em três pensadores em momentos e situações diferenciadas. Christopher Lasch, com o texto “A Cultura do Narcisismo”, faz uma crítica sobre o envelhecimento na cultura norte-americana. Para justificar a importância da criatividade através do processo transgeracional de contar histórias, trago Walter Benjamin com sua obra “A Arte de Contar Histórias”. Finalmente, Viktor Frankl, em “Em Busca de Sentido”, demonstra a importância do humor, citando o exemplo do teatro iídiche judaico nos campos de concentração durante o Holocausto. O texto tem por objetivo cultivar a saúde mental através da criatividade do ser humano e fazer acreditar na fruição da vida, em todas as etapas, enquanto houver vida.

Palavras-chave: preconceito, envelhecimento, criatividade, narrativas

Abstract

This work approaches the importance of creativity in mature adulthood, based on three thinkers of different periods and

1 Trabalho apresentado durante o II Congresso de Adultez Madura, entre 29.09 e 01.10 de 2022, na mesa Conceitos e Preconceitos sobre o Envelhecimento Humano.

2 Psicanalista, membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Psicóloga clínica / Universidade Federal do Rio de Janeiro. Especialização em Psicologia Clínica / PUC-Rio, RJ, Brasil. Rua Roberto Dias Lopes, 100/210 – Leme – Rio de Janeiro – RJ – 22010-110. Telefone: (21) 99601-8844. E-mail: suely.duek@gmail.com.

situations. Christopher Lasch, in the text “The Culture of Narcissism”, criticizes aging in American culture. To justify the importance of creativity through the transgenerational process of storytelling, I mention Walter Benjamin and the work compiled in “The Storyteller” (“Erzähler). Finally, Viktor Frankl, in “Man’s Search for Meaning”, demonstrates the importance of humor, bringing the example of Jewish Yiddish theater in concentration camps during the Holocaust. The text aims to cultivate mental health through human creativity and to make people believe in the fruition of life, in all stages, as long as life lasts.

Key-words: prejudice, aging, creativity, narratives

Quero dedicar meu trabalho à Luíza Moura pela forma como faz as narrativas afetivas, **não só nos seus escritos, como por exemplo no seu novo livro “Humanos”**, mas também, e principalmente, pela sensibilidade e carinho com os quais ela partilha a vida com o outro.

Ainda antes de trazer meu texto, me acompanha um poema de Cora Coralina no qual me sinto identificada:

*O tempo muito me ensinou:
ensinou a amar a vida,
não desistir de lutar, renascer na derrota,
renunciar às palavras e pensamentos negativos,
acreditar nos valores humanos,
e a ser otimista.
Aprendi que mais vale tentar do que recuar...
Antes acreditar do que duvidar,
que o que vale na vida, não é o ponto de partida
[e sim a nossa caminhada.
Cora Coralina (1997)*

Sob certos aspectos, a expressão mais característica dos tempos modernos é a campanha contra a velhice, que hoje em dia representa um horror especial para muitas pessoas. **À medida em que a proporção de velhos na população aumenta, o problema da velhice atrai a atenção ansiosa de psicanalistas, psiquiatras e sociólogos.**

Para Christopher Lasch (1979/1983) um **número crescente de ciências** e pseudociências se preocupa mais especificamente com o envelhecimento e a morte: a geriatria e a medicina comunitária aderem à luta para aliviar ou abolir os estragos do tempo, uma luta cara ao coração de uma cultura moribunda

Segundo Lasch, predominam duas abordagens sobre a velhice, a científica e a humanista: a primeira, mais do que prolongar a vida, busca melhorar a sua qualidade, especialmente a partir do que eram conhecidos como “os anos do declínio”.

Para resistir à relação entre velhice e a perda de força, seus proponentes exigem um papel social mais ativo especialmente para aqueles que, embora tenham passado da meia-idade, devem seguir além da sua potencialidade.

O nosso momento cultural nos leva a pensar que não conseguiremos deixar nada para os nossos descendentes, para as próximas gerações. Esta característica é um aspecto doloroso no envelhecimento.

A corrente científica diz que, com o passar dos anos, a expectativa de vida aumentou através do desenvolvimento da cultura. Mas, talvez, esta seja uma consideração **válida** apenas para população de maior poder aquisitivo.

Além do ponto de vista científico, é reconhecida também a corrente humanista, sendo que estas duas teorias existentes no momento em que Lasch escreveu “A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana Numa Era de Esperanças em Declínio”

(Lasch, 1979/1983) rejeitam a velhice, apelam para uma quase imortalidade, refletindo o narcisismo da nossa sociedade.

Os cientistas dizem que a medicina vai conseguir abolir o envelhecimento aumentando a longevidade, enquanto que a abordagem humanista defende que o indivíduo **não será eterno** mas poderá melhorar sua qualidade de vida.

Torna-se difícil para muitos acompanhar a rapidez das mudanças, e ambos os pensamentos **são consequências** de uma sociedade que perdeu a ligação com o futuro, com a prática da narrativa e com o compartilhar do conhecimento. A sociedade narcisista da época (1932-1994) pregava que, após os quarenta anos, a pessoa deveria se aposentar. As propostas humanistas de viajar, mudar de vida, ter um hobby, são apenas atenuantes pois o **envelhecimento**, além de psicológico, **é biológico**.

Antigamente, os mais velhos transmitiam sua própria sabedoria para os filhos e para os mais jovens, mas hoje vivemos numa sociedade que exige mais do presente que do futuro. As pessoas procuram então ajuda profissional. Muitos adultos, por questões práticas, não querem ou adiam ter filhos, optam por se divorciar para conseguir mudar de vida pois os 40 anos **já são identificados com** o processo de envelhecimento.

Entendemos que é este o momento em que a criatividade se faz necessária, quando há mais dificuldade para conseguir trabalho, quando há uma desvalorização causada pela idade, como se a pessoa fosse mais lenta, menos capaz.

Para não ser preconceituosamente considerado velho, criou-se o culto da juventude, que **é uma das características reativas à esta crise** e funciona como defesa do ego e do narcisismo. Tornou-se comum a **adoção da moda jovem**. **O mundo não percebe que o envelhecimento é uma categoria social marginalizada**. **Ninguém vai parar de envelhecer** e a medicina não poderá **aumentar indefinidamente a vida**. Concorda-

mos com Lasch. Vivemos um processo crescente de decadência planejada e assim a ligação com o futuro se rompe e a noção de narrativa se perde – ou seja, as gerações não se comunicam.

De acordo com Lasch, a solução seria uma completa reestruturação do trabalho, da educação e da família para tornar menos doloroso o envelhecimento. Encontro uma correlação de pensamento entre os estudiosos europeus durante a Segunda Guerra e a modernidade. Walter Benjamin (2018) analisa o conceito de narrativa, o seu significado histórico-sociológico, afirmando que, com a chegada dos tempos modernos, o homem está perdendo a capacidade de narrar as suas experiências e de contar histórias, dificultando assim, a troca de vivências e a passagem de sua história familiar e cultural.

Viktor E. Frankl, no seu livro “Em Busca de Sentido” (1945/2018) conta um episódio onde um psicólogo no campo de concentração observou que também o humor constitui um acolhimento da alma humana na luta por sua autopreservação. Afinal, é sabido que “difícilmente haverá algo na existência humana que consiga criar distância de um ambiente ameaçador mesmo que seja por alguns segundos” (Frankl, 2018, pp. 62). No entanto, o humor é capaz disso. A possibilidade de optar por viver a vida como uma arte, mesmo em pleno campo de concentração, é **dada** pelo fato de ser um contexto misto de esperança e de medo.

Lembramos que até no campo de concentração havia o teatro **iídiche**. O iídiche é um dialeto dos judeus da Europa Oriental **já em extinção**. O teatro acontecia pleno de humor, de sátiras, de canto e poesia, criados no próprio campo de concentração como enfrentamento da morte. O humor faz parte da cultura judaica até hoje.

No momento em que nossas potencialidades são alcançadas e se transformam em realidades elas são resgatadas e entregues

ao passado e ficam a salvo da transitoriedade, já que no passado nada está perdido. Funciona como arquivo da memória. Se faz necessário criar o caminho para a transmissão do conhecimento.

A todo momento é preciso decidir, para o bem ou para o mal, qual será o monumento da nossa existência. Afinal, o que transmitimos? De acordo com Walter Benjamin (2018), as histórias dos antigos não precisavam de explicações supérfluas. As pessoas não liam muito os jornais porque possuíam a riqueza da sabedoria dentro de si.

Benjamin também destaca o papel do tédio, ou seja, para ele, quem jamais vive o tédio **não é capaz de ser contador** de histórias, sendo que o **tédio não** tem mais espaço no nosso viver porque as coisas não duram e **são** cada vez mais descartáveis. A rapidez das mudanças joga fora as nossas histórias.

“A habilidade para contar histórias está se extinguindo, **não se tece mais ouvindo histórias**”, como diz Benjamin (2018, pp. 62). Contar histórias, na verdade, não é apenas uma arte, é muito mais: é uma dignidade, sendo que no Oriente e na África é um ofício. O contador de histórias é, portanto, alguém que sempre sabe dar conselhos e, para recebê-los, é preciso também contar histórias para ele.

E aqui eu deixo meu texto desejando a todos uma vida plena de belas histórias e não esqueçam que elas não devem ficar trancadas no seu cofre!

REFERÊNCIAS:

- Coralina, C. (1997). *Vintém de cobre: meias confissões de Aninha*. Ed 6. (pp.145) São Paulo: Global Editora.
- Benjamin, W. (2018). *A Arte de Contar Histórias*. São Paulo: Editora Hedra.
- Lasch, C. (1983). *A Cultura do Narcisismo: A Vida Americana*

Numa Era de Esperanças em Declínio. (Publicação original de 1979). [s.l]. Zahar.

Frankl, V. E. (2018). *O Homem em Busca de Sentido. Ed 45.* (Publicação original de 1945). [s.l]. Lua de Papel.

Outeiral, J.; Mendonça, A. M. C.; Souza, D. M.; Santos, S. M. V. e Moura, L. (Org). (2013). *Amadurecer: Ensaio Sobre o Envelhecimento.* Curitiba: Maresfield Garden.

Mendonça, A. M. C. e Souza, D. M. (2020). *O Adulto Maduro no Divã: Ampliações Teóricas.* [s.l]. TGE.

PROMISSORA EXPERIÊNCIA INAUGURAL DE SER CUIDADA

THE PROMISING INAUGURAL EXPERIENCE OF BEING CARE

ERCILENE MENDONÇA DE AMORIM DE CARVALHO¹
RENATA DA SILVA COELHO²

Resumo

A promissora experiência inaugural de ser cuidada constitui o registro descritivo do atendimento psicoterapêutico, oferecido pelo Projeto Apoiar Online-USP, de uma jovem mãe, com quadro clínico de ansiedade e desesperança, incapaz de identificar-se com as necessidades de cuidado de seu bebê. A fragilidade psíquica, relacionada ao histórico de lutos sucessivos, foi agravada pela situação de vulnerabilidade socioeconômica de seu ambiente durante o isolamento social decorrente da pandemia Covid-19. O objetivo do trabalho é relatar a proposta de flexibilidade da psicoterapia breve e focal realizada de modo síncrono por meio das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). O arcabouço teórico winnicottiano fundamenta a prática psicanalítica por intermédio dos conceitos de desenvolvimento emocional primitivo, *holding*, *handling*, apresentação de objetos e espaço potencial, os quais são norteadores psíquicos para a elaboração das tarefas de integração, de personalização e de realização. Considerou-se, ao final do processo, que o *holding* dos encontros terapêuticos ofereceu à paciente a vivência de continuidade e confiança em ser cuidada, experienciando a espontaneidade e a criatividade em seu

1 Psicóloga voluntária no Apoiar Online – Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP) (ercileneamorim@gmail.com).

2 Doutora em Psicologia Clínica e supervisora voluntária no Apoiar Online (IPUSP) (renatacoelhopsi@gmail.com).

viver, o que lhe possibilitou cuidar do próprio filho, assinalando o valor positivo do uso das TICs para o suporte psicológico, em um *setting* clínico considerado como metáfora dos cuidados maternos.

Palavras-chave: Psicanálise. Covid-19. Intervenção baseada em Internet. Projeto Apoiar Online-USP.

Abstract

This work is a primary personal report of a young mother under (psycho)therapeutic cared surveillance. Then it covers a recording description toward her clinical state as for her anxiety and hopeless given she even couldn't take care of her baby needs. Her inner vulnerability due successive misfortunes advanced in virtue of her socioeconomic *setting* during the lockdown issued from Covid-19 pandemic. Thus, this work aims to shed lights on the proposed and emergent adjustability concerning the focal-briefly psychotherapy performed synchronously through the so-called Information and Communication Technology (ICT). The Winnicottian theoretical guidelines underlie psychoanalytic practice through their key conceptual notions such as contentious unfolding, *holding*, *handling*, objects presentation as well as potential space, which are psychic pointers as way of better elaborating integration, personalizing and realization tasks. Ultimately it could be noted that the *holding* tied to therapeutic meetings provided to the patient the living continuity and confidence to be cared for; she also acknowledged spontaneous sense and productivity in her life, which enabled her to take care of her unique child. In the last resort, this work highlights positive side concerning ICTS usage within psychological support regard clinical *setting* viewed as a kind of metaphor for maternal care.

Keywords: Psychoanalysis. Covid-19. Internet-based meditation. Support-Online Project - USP.

1. Introdução

O presente trabalho foi originalmente apresentado ao Curso de Especialização em Psicanálise do Centro Universitário Ateneu em parceria com o Instituto Dédalus de Fortaleza-CE, como requisito parcial à obtenção da certificação de especialista em Psicanálise. Ele foi elaborado como um relato de experiência ampliado do atendimento psicoterapêutico voluntário, vinculado ao Projeto Apoiar Online e desenvolvido pelo Laboratório de Saúde Mental e Psicologia Clínica Social do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Esse projeto encontra-se bem sedimentado em seus fundamentos com sólida história de relatos na prestação de serviço, tanto na formação de futuros psicólogos e pesquisadores da área como à comunidade que o procura, em busca de atendimento psicoterapêutico (TARDIVO, 2004).

Por intermédio de seu corpo de psicólogos voluntários do território brasileiro, com registros ativos em seus respectivos Conselhos Regionais de Psicologia, o projeto tem o propósito de oferecer acompanhamento terapêutico de saúde mental aos seus inscritos, independentemente da locação da dupla paciente-terapeuta. Com efeito, são atendidas todas as faixas etárias, de qualquer classe socioeconômica, consoante as normas éticas, então postuladas pelo Conselho Federal de Psicologia, de atendimentos realizados via Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

Em caso de emergência, havia a disponibilidade de acesso à supervisora nos intervalos das sessões de supervisão, a qual baseava sua orientação clínica a partir da licença teórica depreendida da obra do pediatra e psicanalista inglês, Dr. Donald Woods Winnicott.

Trata-se de acompanhamento de orientação psicanalítica de base winnicottiana, realizado durante a pandemia de Covid-19. É o caso de uma jovem de 27 anos, filha única; que nunca conheceu o pai, o qual raras vezes circulara nos discursos maternos; desempregada; é mãe; família monoparental; responsável financeira da família composta por ela, seu filho e sua mãe; moradora em um terreno que abriga diversos parentes de mesmo ramo familiar materno em que seus membros professam a crença evangélica, no qual a avó materna, já falecida, sempre foi a figura central. No preenchimento de seu formulário de inscrição, a paciente relatava alguns sintomas como angústia, dificuldade para dormir, tristeza e pensamentos recorrentes de morte.

O atendimento teve início em 18 de maio de 2021. As sessões ocorreram duas vezes por semana, com duração média de 50 minutos nos primeiros 18 encontros. Os atendimentos subsequentes passaram a ser de uma sessão semanal. O suporte oferecido pelo Projeto Apoiar Online ao corpo de profissionais voluntários contava com a disponibilidade de supervisões em horários e abordagens diversas. Por afinidade teórico-clínica, optou-se pela supervisão da Dr^a. Renata Coelho, a qual conduz a orientação na perspectiva psicanalítica da escola inglesa winnicottiana. As sessões de supervisão eram grupais e duravam, em média, 2 horas. Contava-se também com sua disponibilidade em caso de emergências nos intervalos dos encontros.

A proposta inicial constava de 12 atendimentos de psicoterapia breve focal. Porém, conforme se observou após os primeiros atendimentos, houve a necessidade de alterações nesse enquadre uma vez que a fragilidade psíquica da paciente requeria uma forma de cuidado diferenciada. Optou-se, então, pelo atendimento de psicoterapia com duração estendida.

Em função da necessidade que houve de encaminhamentos aos equipamentos de saúde pública, a documentação foi

providenciada pela psicóloga do caso, chancelada pela Dr^a. Leila Tardivo e registrada em formulário timbrado do Projeto Apoiar Online. Os documentos foram enviados em arquivos do tipo PDF para a paciente, por meio do aplicativo de mensagens WhatsApp. As unidades de saúde eram previamente selecionadas pela proximidade de acesso da paciente em consonância com a necessidade do serviço de atendimento.

Portanto, a presente investigação compõe um registro teórico-prático da experiência profissional psicanalítica de um atendimento psicoterapêutico voluntário, em que mesmo não tendo um dos pressupostos psicanalíticos – como o do pagamento incorporado no enquadre –, demonstrou ser efetivo no estabelecimento do vínculo terapêutico e do processo transferencial em ambiente virtual com uso das TICs. A abordagem clínica desse relato contribui para corroborar a efetividade dessa modalidade de atendimento e a expansão significativa das formas de cuidados em saúde mental, em todo o território nacional, com aporte teórico-técnico adequado, possibilitando redes de cuidado mais amplas.

2. Metodologia

Trata-se de um relato de experiência (RE) e, portanto, de metodologia qualitativa, que procura registrar a evolução do tratamento psicoterapêutico de uma paciente de 27 anos, inscrita no Projeto Apoiar Online, cujos atendimentos são absolutamente gratuitos. O trabalho assistencial acarretou implicações formativas na prática clínica da autora.

O “RE em contexto acadêmico pretende, além da descrição da experiência vivida (experiência próxima), a sua valorização por meio do esforço acadêmico-científico explicativo, por meio da aplicação crítica-reflexiva com apoio teórico-metodológico (experiência distante)” (MUSSI;

FLORES; ALMEIDA, 2021, p. 64). Esse entendimento é corroborado por Daltro e Faria (2019, p. 223), ao ressaltarem “a importância do Relato de Experiência – RE, como mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas, como é o caso da psicologia e das ciências humanas aplicadas, entre outras”. Dessa forma, espera-se que a presente investigação possa ampliar a compreensão das singularidades associadas aos processos terapêuticos no que concerne à sistematização e ao aprofundamento da práxis clínica psicanalítica online.

Em particular, foi dada atenção diligente aos materiais e aos métodos, o que inclui o enquadramento teórico; a descrição do caso, das intervenções clínicas e dos aspectos éticos. A fim de revelar as circunstâncias ambientais de todo o relato, buscou-se ser sistemático a propósito do registro de atendimentos, da ambientação, da caracterização de participante, do tipo de vivência e do critério de análise do processo, a partir de licença teórica adequadamente referenciada.

As sessões online ocorreram duas vezes por semana, com duração média de 50 minutos nos primeiros 18 atendimentos. Os atendimentos subsequentes passaram a ser de uma sessão semanal devido à estabilização da paciente. A plataforma dos atendimentos online foi o WhatsApp Web, pois este aplicativo não consumia os dados de internet disponíveis da paciente. Por várias vezes, ela não tinha recursos para o aporte de créditos telefônicos em função de sua situação financeira precária (o aplicativo é de acesso gratuito).

Todas as sessões foram meticulosamente registradas, assim como toda a documentação de encaminhamentos e receitas foram arquivadas, respeitando as normas da ética das boas práticas da profissão.

3. Fundamentação teórica

Será consagrada uma explanação a propósito dos fundamentos psicanalíticos concebidos por Donald Woods Winnicott, nomeadamente a caracterização do desenvolvimento emocional e a importância do ambiente pessoal de cuidados, identificados com as necessidades físicas e afetivas, tanto do bebê quanto da criança, e da adequada aplicação desse aporte teórico.

3.1 *Setting*: metáfora dos cuidados maternos

Para Winnicott (2021a), o *setting* terapêutico possibilita ao paciente a revivência da experiência de cuidado vivida outrora, quando ainda era bebê e estava sob os cuidados maternos. Ou seja, o contexto analítico reproduz as técnicas de maternagem como um retorno à dependência [...] um contexto que proporcione confiança. [...] o paciente sente o eu de um novo modo, e o eu até aqui oculto é entregue ao eu total” (WINNICOTT, 2000, p. 384). Essa experiência, repetidamente vivenciada, favorece a confiança em si e no mundo. Como indica o próprio autor:

[...] adaptação suficientemente boa do analista leva exatamente ao resultado esperado, ou seja, à mudança do centro de operações do paciente, antes localizado no falso self para o verdadeiro self. [...] Desenvolve-se no paciente a capacidade de usar o limitado êxito do analista em adaptar-se, de modo que o ego do paciente passa a poder recordar as falhas originais [...] Essas falhas tiveram na época o efeito de provocar rupturas (WINNICOTT, 2021a, p. 490).

A constituição do verdadeiro self requer uma adaptabilidade ambiental, a qual é fundamental para que se estabeleça a

ilusão de onipotência no bebê, pois ele tem a sensação de que tudo o que aparece, para o atendimento de sua necessidade, é criação sua, tamanha é a sincronicidade da unidade mãe-bebê.

Entretanto, com o tempo, a desilusão também passa a ser necessária, apresentada na forma de pequenas falhas ambientais. Em seu processo de amadurecimento, lidar com a realidade no tempo e no espaço adequados, conforme as suas capacidades desenvolvidas, também é uma função materna necessária de ser sustentada por meio do *holding* para o desenvolvimento integral da criança.

A sensibilidade da identificação materna com seu bebê é fundamental, ou seja, a ilusão é tão importante no desenvolvimento emocional primitivo, como o momento de começar a desiludi-lo paulatinamente. Essa filigrana do entrelaçamento das funções maternas é um desdobramento do *holding*. Winnicott (1990, p. 121) esclarece que “a ilusão deve surgir em primeiro lugar, após o que o bebê passa a ter inúmeras possibilidades de aceitar e até mesmo utilizar a desilusão”.

Esse tipo de cuidado faz-se importante tanto nas primeiras experiências do bebê, como nos estados regressivos do paciente em atendimento, como relata Winnicott (1994). “As bases da saúde mental do indivíduo [...] são lançadas por esse cuidado materno, que quando vai bem dificilmente é percebido [...] provê um apoio de ego silencioso, mas vitalmente importante” (WINNICOTT, 1983, p. 49). O *setting* como metáfora dos cuidados maternos se constitui pela identificação do terapeuta com as necessidades primitivas do paciente e a adequada provisão, em termos de suporte afetivo.

3.2 Da dependência absoluta rumo a independência: um processo contínuo

O desenvolvimento emocional primitivo do bebê se inicia bem “antes que ele reconheça a si mesmo (e, portanto, aos ou-

tros) como a pessoa inteira que ele é (e que os outros são)” (WINNICOTT, 2000, p. 286). Essa conquista de sentir-se uma pessoa inteira dependerá da qualidade das experiências que ele terá no ambiente que o recebe desde o seu nascimento. Portanto, “o desenvolvimento emocional do primeiro ano de vida lança as fundações mesmas da saúde mental do indivíduo humano” (WINNICOTT, 2011, p. 5).

Anterior à efetivação da saúde mental, três processos cruciais devem, necessariamente, ocorrer: a integração, a personalização e a realização. Na integração torna-se uma unidade e adquire o sentido de “eu existo”. Essa fase do desenvolvimento emocional se dá na dependência absoluta dos cuidados ambientais proporcionados comumente pela mãe ou por quem exerce sua função, o que requer um estado de identificação com as necessidades do bebê para que seus potenciais inatos encontrem condições suficientemente boas de desenvolvimento, sem que o bebê precise se adaptar. Durante a dependência absoluta, a principal tarefa materna será o *holding*, que significa tanto segurar o bebê no colo, como afetivamente assisti-lo em suas necessidades.

Se tudo correr bem, “a existência de um grau razoável de adaptação às necessidades da criança é o que melhor possibilita o rápido estabelecimento de uma relação forte entre psique e soma” (WINNICOTT, 2011, p. 8). Melhor dizendo, as experiências iniciais de se sentir existindo vão pouco a pouco conferindo maior complexidade de coesão psicossomática; suas percepções passam a ser substrato vivencial ao desenvolvimento das suas funções mentais de catalogação; memória; noção de tempo e espaço; relação de causa e efeito; elaboração imaginativa das funções corporais e o estabelecimento da realidade interna e externa devido à noção dos limites psicossomáticos.

Em vista disso, a tarefa materna do *handling*, manusear e

tocar o bebê, em conjunto ao *holding*, possibilitará a conquista da personalização estabelecendo, gradualmente, o sentimento de “eu sou”. A dependência, que antes era absoluta, vai se tornando relativa, e pequenas falhas passam a ser toleradas, em função das novas conquistas do amadurecimento emocional, que vai se desenvolvendo.

A disponibilidade de um ambiente suficientemente bom confluirá para que as conquistas do bebê se ampliem em seu processo, segundo Winnicott (2000, p. 223), de “apreciação do tempo e do espaço e de outras propriedades da realidade”, ao que se dá o nome de processo de realização. Nesta fase, a tarefa materna de apresentação de objetos torna-se possível de ser vivenciada pelo bebê sem que isso lhe pareça intrusivo. A partir daí, a diferenciação da realidade eu da não eu vai se tornando mais consolidada.

Ao bebê integrado e personalizado é possível criar o mundo em que vive. Em outras palavras, a realidade é criada pelo bebê, e suas realizações pessoais enriquecem suas relações com os objetos. O desenvolvimento emocional é um processo contínuo, que se inicia ainda antes do nascimento e segue sendo psicologicamente elaborado a cada experiência ao longo da vida. Esse princípio tem significativa implicação na compreensão e manejo do contexto psicoterapêutico, pois, como ressalta Winnicott (1990, p. 179):

[...] os estágios iniciais jamais serão verdadeiramente abandonados, de modo que ao estudarmos um indivíduo de qualquer idade, podemos encontrar todos os tipos de necessidades ambientais [...] ao realizar uma psicoterapia, é necessário estarmos sempre atentos à idade emocional do momento, de modo a podermos fornecer um ambiente emocional adequado.

Com efeito, tendo em vista o estabelecimento de um ambiente emocional adequado na psicoterapia, o manejo clínico se dá por cuidados ambientais de suporte afetivo, *holding*, mais do que interpretativos de palavras e silêncios.

3.3 Holding

Essa forma de adequação ambiental, chamada *holding*, remete à experiência de uma rotina de cuidados (dia e noite) disponibilizados pela mãe ou pessoa que exerce a função materna nas primeiras semanas após o nascimento em que a sustentação (*holding*) é fundamental. A sustentação (*holding*) envolve o cuidado que vai, segundo Winnicott (2012b, p. 218), “adaptando-se suficientemente bem às necessidades variáveis. [...] através da espécie de amor apropriado a esse estágio, amor que contém uma capacidade de identificação com o bebê, e um sentimento de que é proveitosa a adaptação às necessidades”. Tal experiência se dá no aconchego do colo concreto da mãe ou daquele que exerce essa função, bem como no olhar atencioso “que é uma forma de amar” (WINNICOTT, 1983, p. 49). Assim, a mãe sensível às necessidades de seu bebê oferece segurança e sustentação tanto física quanto emocional, o que acaba por se constituir no próprio viver, conforme descrito por Winnicott (1990).

A mãe ou a pessoa que cuida do bebê, em sua identificação com as necessidades e o cuidado adequado proporciona a conquista de um estado unitário no bebê, ao longo de seu processo de integração, por meio do *holding*, no período da dependência absoluta. A experiência do *holding*, tal qual registrada por Figueiredo (2017, p. 154), reforça que:

[...]como é concebido por Winnicott, não funciona para acolher, transformar, modificar ou atenuar angústias primitivas projetadas sobre ou para dentro

da mãe, mas para impedir a queda do bebê no estado de desamparo absoluto, que pode vir a ser ocasião de uma experiência de agonia:4 trata-se de uma queda a ser evitada pela presença segura e discreta da mãe que oferece sustentação.

O amparo e o aconchego psíquico realizados por aquele que cuida, sustentando a integração do bebê, no espaço e no tempo, conforme o segura e acolhe, também se manifesta nas formas de cuidado disponibilizados no *holding*.

3.4 Handling

Em relação à função materna do *handling* (manejo), que refere aos cuidados rotineiros com o corpo do bebê, tais como o banhar e amamentar, e que fazem parte da saúde e integração psicossomática. O manejo contínuo proporciona o alojamento da psiquê no corpo. Para a psicanalista winnicottiana, Adriana Mendonça, essa experiência vivida de modo rotineiro:

auxilia a formar as bordas do corpo, a harmonizar a vida psíquica (realidade interna) com o corpo (esquema corporal), a diferenciar o Eu do outro, e a reconhecer sua própria psique dentro de seu próprio corpo (personalização). Dessa forma o par segurar-manejar é fundamental para o estabelecimento das bases mínimas que possibilitarão a instauração de um ser saudável e criativo (PRÉ-ENCONTRO..., 2022).

3.5 Apresentação de objetos

Quanto à função materna da apresentação de objetos, que corresponde a apresentação da externalidade e da realidade compartilhada de modo a conduzir o amadurecimento rumo à independência, Winnicott (2011, p. 27) salienta que a “apresentação de objetos ou ‘realização’ [...] dá início à capacidade

do bebê de relacionar-se com objetos. As falhas nesse cuidado bloqueiam ainda mais o desenvolvimento da criança de sentir-se real em sua relação com o mundo dos objetos e fenômenos”. Por outras palavras, a realidade compartilhada (o eu e o não-eu) decorre da equivalência entre as apresentações dos objetos e da externalidade, que “é muito sutil, mas, ao longo de muitas repetições, ajuda a assentar os fundamentos da capacidade que o bebê tem de sentir-se real. Com essa capacidade, o bebê pode enfrentar o mundo ou (eu diria) pode continuar a desenvolver os processos de maturação que ele ou ela herdaram” (WINNICOTT, 2012a, p. 5). Essa tarefa materna – acontecendo de modo parcimonioso, conforme as capacidades conquistadas anteriormente durante suas experiências de ser cuidado – amplia as possibilidades do bebê se relacionar, de modo seguro, com tudo que é não-eu sem perder a espontaneidade.

3.6 Espaço potencial

O espaço potencial se dá em uma “área intermediária de experimentação, constituída pela realidade interior e pela vida exterior”, como nos diz Winnicott (2019, p. 15). É um espaço que não está posto, ele é potencial e para atualizar-se, é importante a disponibilização de um ambiente confiável, que acolha as necessidades do indivíduo e seus gestos espontâneos numa relação inicial de mutualidade. Em seus estudos sobre os conceitos teóricos de ambiente desenvolvidos por Winnicott, Serralha (2019, p. 157) salienta que “o espaço potencial é o *locus* de um processo que acontece no indivíduo, iniciando-se em uma área intermediária, com seus fenômenos e objetos transicionais e evolui para o brincar, para o brincar compartilhado e para as experiências culturais”.

A constituição do espaço potencial é favorecida pela simultaneidade das experiências com elementos subjetivamente

concebidos e os objetivamente percebidos, conforme a temporalidade e a espacialidade das necessidades do processo de desenvolvimento do indivíduo, o qual internalizou, pela vivência própria, a confiabilidade da presença cuidadora de sua mãe ou de quem exerce essa função no período da dependência, de modo a caminhar rumo à independência e ter autonomia no seu viver. É nas relações potenciais com o ambiente, que a criatividade – o brincar, o brincar compartilhado, as experiências culturais, o transformar e transformar-se – acontece espontaneamente, possibilitando respostas em vez de reações.

4. Descrição dos atendimentos

Nesta seção, será apresentada uma contextualização dos atendimentos, que englobam as queixas da paciente e sua respectiva evolução clínica diante do manejo aplicado ao caso ao longo do processo de psicoterapia breve focal de abordagem psicanalítica winnicottiana.

4.1 Queixas

A compreensão que se estabelece sobre a queixa da paciente se dá no sentido de compreender o sofrimento do ser humano que está diante do atendimento. Como nos dizem Brandão Junior e Besset (2012, p. 52), “quem procura atendimento apresenta-se com uma queixa. A demanda é, invariavelmente, a de alívio para um sofrimento”. No entanto, ao receber a paciente desse relato, pelo princípio psicanalítico, era preciso ir além daquilo que estava sendo registrado na ficha de cadastro e apresentado nos primeiros encontros. Era preciso aguardar que a demanda emergisse e o indivíduo pudesse trazer suas implicações naquilo que lhe fazia sofrer, o que requer tempo e espaço de escuta sensível.

Nas sessões iniciais, a paciente, residente na capital paulista, relatava desejo de isolar-se; insônia com pensamentos intrusivos e

recorrentes de morte; um evento de autolesão nos punhos, o qual guardava em segredo consigo; taquicardia; opressão torácica; cansaço; cefaleias; irritabilidade que vinha afetando a relação com a mãe e o filho; ganho de peso; desânimo, avolia e anedonia; total falta de esperança e uso de maconha para amortecer o sofrimento. Os sintomas foram se tornando mais intensos após diversas perdas de familiares por doenças incapacitantes e terminais, como câncer e Alzheimer. Em todas essas ocasiões, ela exerceu a função de cuidadora principal desses parentes. Essas vivências suscitaram em acúmulos de lutos seguidos e não elaborados em função de seus mecanismos de defesa condizentes ao seu amadurecimento emocional de interrupções de continuidades, que impediram a capacidade de ter esperança pela ausência de suporte afetivo emocional de um ambiente adaptado às suas necessidades.

De acordo com Vaisberg e Granato (2006, p. 13), “o melhor cuidado acontece quando há, no campo social, espaço para solidariedade e respeito pelas necessidades do outro”, algo que, no caso em questão, demonstrava não haver. Afinal, residia, desde o nascimento, em um ambiente familiar repleto de conflitos fomentados por muita agressividade atuada de modo passivo-agressivo e silêncios avassaladores, os quais dificultavam os vínculos, a empatia, a comunicação e a confiança de todos; o que enfraquecia, consequentemente, a rede de cuidado mútua de todos os integrantes.

O histórico de vida da paciente configurava uma vivência de muito sofrimento que a impedia de ter uma experiência de integridade, coesão e coerência, o que lhe causava um sofrimento pela ruptura de integração psicossomática, como descreve Tardivo (2004, p. 42):

O sofrimento afeta o sujeito (a subjetividade) em sua unidade e integridade, sua coesão e coerência. [...] O mal-estar, a doença, o patológico, literalmente o que é

sofrido, são rupturas ou desestabilização dessa unidade e desse equilíbrio. Essa ruptura é experimentada como difícil de suportar, causando sensações desagradáveis, equivalentes, no plano psíquico, à dor física, podendo a dor psíquica e a dor física converterem-se uma na outra ou se sobreporem uma à outra [...] excesso emocional que acompanha a interrupção do sentido ou uma representação difícil de se entender.

Nesse contexto, a paciente ainda precisou lidar com a situação pandêmica ocasionada pela Covid-19 e o confinamento, sem que houvesse condições de sustento financeiro, pois ela e a mãe estavam desempregadas e não tinham acesso a nenhum benefício assistencial do Estado. Esta situação intensificava sua angústia, com significativos impactos em sua saúde mental, semelhante aos resultados encontrados por Coelho *et al.*, (2021) a propósito da percepção dos pacientes relativa ao isolamento, em 2020, em que a maioria relatou medo, irritabilidade, tristeza, solidão e ansiedade. A possibilidade de vir a passar fome e de adoecer passaram a ser reais, ativando medos primitivos de aniquilação e sensações de impotência que reforçavam a percepção de ameaça à sua sobrevivência.

A falta de perspectiva no cenário sociocultural somada à realidade de seu ambiente afetivo emocional frágil resultaram em somatizações e perturbações psíquicas, como sendo efeito cumulativo, analisadas como “resultantes de elaboração problemática e deficitária de momentos mais precoces do desenvolvimento”, como registrado por Vaisberg e Granato (2006, p. 17), diante do trauma, ou seja daquilo “contra o qual um indivíduo não possui defesa organizada, de maneira que um estado de confusão sobrevém”, no entendimento de Winnicott (1994, p. 201), e pode promover cisões do ego, tendo em vista

o sofrimento imposto pela situação demandar muito além do que era a capacidade dela suportar.

4.2 Evolução clínica

No contexto dos atendimentos, o par analítico experimentou sensações semelhantes, pois se estabeleceu, com os encontros pessoais e online, um estado de mutualidade “quando o paciente se acha em uma fase, longa ou curta, na qual a regressão à dependência é a característica principal da transferência” (WINNICOTT, 1994, p. 199). Por sua vez, tal estado favoreceu a identificação e a compreensão das necessidades da paciente pela terapeuta. No caso da paciente, ter esse tipo de experiência sustentada por alguém era fundamental para seu processo terapêutico, o qual em função da continuidade e previsibilidade dos cuidados permitiu o estabelecimento da confiabilidade, que sustentava o atendimento das suas necessidades emocionais por meio de uma comunicação silenciosa pela simples disponibilidade pessoal da analista. No caso da terapeuta permitia que um maior estado de tranquilidade de que a paciente estaria em maior segurança, por estar sendo cuidada pela terapeuta com maior adaptabilidade do manejo às necessidades da paciente. Para isso, a previsibilidade e a confiança foram cuidadosamente mantidas para que fosse proporcionada à paciente a vivência de ilusão de onipotência e fluxo da criatividade primária que possibilitasse o seu gesto espontâneo, sem faltas ou atrasos nas sessões e também atendendo, inicialmente, toda a solicitação por mensagens.

Na primeira sessão, a terapeuta alertou a paciente de que os atendimentos seriam de psicoterapia breve focal, de no máximo 12 sessões. A este respeito, em relação à temporalidade “nas chamadas terapias breves é comum que a fixemos previamente e que seja mais curta, em geral de uns meses” (BRAEIR, 2008, p. 21).

No início do processo, o discurso da paciente era repleto de desesperança; significantes como “bizarro”, “morte” e “difícil” eram aplicados a todas as experiências que relatava. Além disso, por se tratar de um contexto de moradia muito carente – na casa em que morava, quarto, sala e cozinha eram um mesmo cômodo – resultava em dificuldade para suas associações, pois a privacidade e o sigilo do *setting* eram constantemente interrompidos pelo trânsito de sua mãe, filho e demais familiares nas sessões iniciais. Conforme Mizrahi (2010, p.61), “temos aqui uma subjetividade que se encontra, na verdade, rendida à invasão externa, na medida em que está envolvida numa luta solitária contra o desamparo [...] a extrema banalização da precariedade”. Isso demandou paciência e adaptabilidade até que se criasse/encontrasse o *setting* adequado, enquanto o próprio processo terapêutico evoluía na construção de um espaço seguro de atendimento, como parte de construção do processo.

Enquanto as sessões aconteciam, verificou-se a necessidade de uma adaptabilidade do manejo diante da fragilidade psíquica da paciente e a necessidade de sustentação psíquica psicológica em conjunto à medicalização. As 18 primeiras sessões aconteceram duas vezes por semana e decidiu-se pela extensão dos atendimentos até que ela pelo menos conseguisse ser atendida e acompanhada em um Centro de Atenção Psicossocial (CAPS), devido a sua necessidade de suporte farmacológico e psicoterápico de longa duração, visto que havia manifestações somáticas e psíquicas que afetavam a capacidade de funcionamento da paciente condizentes com transtornos depressivos, nos termos da APA (2014), bem como o uso de substâncias psicoativas ilícitas. Entretanto, considerando seus sintomas consonantes com o diagnóstico de depressão, a paciente apresentava-se resistente ao comparecimento do serviço, sem que houvesse nenhuma alteração em seu estado de saúde mental, o

que aumentava a cronicidade da condição depressiva. Situação de resistência e ambivalência, que em várias sessões foi verbalizada pela paciente, como uma possibilidade que a seduzia e ao mesmo tempo apavorava.

Diante das condições socioeconômicas de extrema vulnerabilidade na qual vivia, as quais lhe deixavam suscetível a falta de apoio diante de recaídas decidiu-se, em supervisão, que o acompanhamento terapêutico acontecesse até que houvesse condições minimamente seguras de alta, mesmo que esse enquadre extrapolasse o que era a proposta inicial do projeto. Não havia suporte egóico autônomo consistente, visto que os elos afetivos e a comunicação eram inconsistentes entre os membros de seu convívio.

Os atendimentos seguiram, até que a paciente, em sua 14ª sessão, aquiesceu a orientação de que recebesse acompanhamento psiquiátrico da rede pública de saúde. Porém, mesmo com o encaminhamento fornecido e chancelado pelo Projeto Apoiar Online, a paciente só conseguiu acessar a medicação após 27 semanas de atendimentos. Apesar de superada a resistência do atendimento psiquiátrico coadjuvante, após idas e vindas aos equipamentos públicos, absolutamente sobrecarregados dada a situação da pandemia e do isolamento social imposto, os atendimentos seguiram semanalmente, até que ela fosse medicada. Dessa forma, o vínculo foi se estabelecendo e a construção espontânea de um espaço potencial foi sendo criada, conforme postula Winnicott (2019), relacionado ao avanço do desenvolvimento emocional da dependência absoluta de cuidados para a dependência relativa.

Em sendo o *setting* analítico um espaço, virtual neste caso, da metáfora dos cuidados maternos, a constância e previsibilidade dos encontros, a presença viva e a atenção acolhedora promoveram a confiança da paciente que, aos poucos, foi pos-

sibilitando o acesso seguro de suas vivências dolorosas e a produção de simbolizações que se expressavam na comunicação cada vez mais fluida dos sentidos de suas experiências, de seus afetos e de suas sensações. Tal entendimento se verificou nos atendimentos oferecidos, ao longo da pandemia de Covid-19, em meio ao Projeto Escuta Solidária, vinculado à Sociedade Psicanalítica de Fortaleza (SPFOR), por Lousada (2020, p. 44), uma vez que seu manejo clínico se deu no “equilíbrio do tripé dos três Cs: Confiança, Comunicação e Continuidade do desenvolvimento emocional”.

Aos poucos, a intimidade estabelecida com a paciente favoreceu a consequente promoção da confiança e da evolução da comunicação, bem como a viabilidade de expressões afetivas e as elaborações de sentidos para suas experiências traumáticas, de acolhimento e de atendimento de suas necessidades afetivo-emocionais, desde muito precocemente processadas em seu desenvolvimento. Algumas manifestações somáticas – como crises hipertensivas, cefaleias, palpitações, extremidades frias, insônia, aperto na garganta – foram desaparecendo e modos mais maduros e criativos foram se apresentando para lidar com seus afetos e a sua realidade. Antes dos atendimentos, sua experiência era tal como a descrita por McDougall (2013, p. 68), isto é, constituída por “fenômenos somáticos desse tipo são mensagens enviadas pelo psiquismo quando este se sente ameaçado pelo reaparecimento de acontecimentos dolorosos, culpabilizantes ou ameaçadores, cuja representação, porém é logo lançada para fora do consciente”.

O corpo reclama por cuidado com a somatizações ante as dificuldades repetidas ao lidar com os fatos traumáticos, a revivência, pela paciente, da sensação de interrupção da continuidade de ser para além de sua capacidade, o que provavelmente já havia sido experimentado nos estágios primitivos de seu de-

envolvimento emocional, o que foi paulatinamente confirmado em seus relatos. Com isso, a não integração psicossomática enfrentada outrora, quando ainda na primeiríssima infância de modo insuficiente, nos chamados estágios de integração (eu existo), de personalização (eu sou”) e de realização (eu faço), tais quais articulados por Winnicott (2000), geraram modos frágeis de existir, em que as falhas do cuidado materno se reatualizaram diante da revivência da falta de amparo na qual se encontrava na atualidade.

Diante dessa realidade, coube à terapeuta a instauração de um *setting* previsível, seguro e acolhedor, no qual as tarefas maternas iniciais precisaram ser disponibilizadas, na esperança de que a paciente retomasse seu processo de amadurecimento emocional, resgatasse seu gesto espontâneo e criativo. À vista disso, o *holding*, o *handling* e a apresentação de objetos da função materna, conforme postulados por Winnicott (2012a), precisaram ancorar o manejo clínico, enquanto se cuidava da paciente que aguardava o atendimento psiquiátrico.

No processo terapêutico em questão, o *holding* se deu na disponibilização do *setting* previsível, constante, regular, acordando antecipadamente todas as condutas, com pontualidade, sem trocas de horários nem faltas; um olhar amoroso que sustentasse sem constranger ou invadir; um tom de voz calmo, mesmo diante de expressões de cunho agressivo ou em momentos de agitação e desconforto da paciente; na escuta empática e acolhedora; mantendo a presença viva com reduzido tempo de espera sempre que mandava mensagem, que paulatinamente, conforme percebeu que não seria abandonada, tornaram-se esporádicas até se interromperem nos intervalos das sessões. Assim, sua comunicação poderia ser feita sem temores e com maior espontaneidade possível, respeitando sua sensibilidade, seus silêncios, sua capacidade de associação e de elaboração, as

quais foram conquistadas, aos poucos, na relação terapêutica, evitando qualquer tipo de agitação da paciente.

Considerando-se as necessidades primitivas da paciente com queixas relativas à integração psicossomática, a experiência do *handling* adaptado ao *setting* foi possibilitada nas orientações de nutrição, hidratação, higiene pessoal, higiene do sono. Igualmente, quando foi solicitada a falar de suas sensações somáticas diante das mobilizações afetivas experienciadas, seja no intervalo das sessões ou durante seus relatos durante o atendimento. Nessas ocasiões, o manejo era feito de modo a facilitar acurácia de percepções sobre o próprio corpo para estimular e ampliar suas possibilidades criativas em seus cuidados pessoais. Isso era feito inclusive quando se avaliava os prazeres e os riscos associados ao uso de psicotrópicos como a maconha. Afinal, isso lhe trazia uma experiência que possibilitava maior aprofundamento de desintegração entre a psiquê e o soma. O *handling* também era experimentado quando relatava suas necessidades psicossomáticas.

Concernente à tarefa materna da apresentação de objetos, basicamente caracterizada pela presença pessoal constante e cuidadosa de apresentação da externalidade da realidade compartilhada, pode ocorrer no *setting* por meio de orientações psicoeducativas, por exemplo, ao se tratar da postura para uma entrevista de emprego, criando oportunidade para que a paciente possa assim avaliar e aprimorar suas condutas; em conversas sobre os desdobramentos éticos, sociais e legais do consumo de maconha; orientação para procura de serviços públicos de saúde, de modo a acessar benefícios sociais de políticas públicas. Todos os exemplos de apresentação da realidade, dentro das possibilidades e das necessidades de cada paciente, bem como discutir sobre decisões e consequências de tomadas de decisão e comportamentos, de modo que as respostas de interação in-

terpessoal sejam mais organizadas e menos reativas; reconhecer acertos, erros e a necessidade de possíveis reparações diante destes, assumindo responsabilidades pelos seus atos.

Entretanto, uma vez por outra, ao final de suas sessões, indagava se já receberia alta, visto recordar-se do enquadre inicial, no qual fora comunicada de se tratar de psicoterapia breve focal de no máximo 12 sessões. Isso demonstrava seu temor da iminência da interrupção dos cuidados, conforme suas experiências anteriores de perdas sucessivas de figuras que desempenharam papéis de cuidado importantes em sua vida.

De modo tranquilo, até que se dissipasse o temor do abandono, sempre que trazia o assunto, era-lhe assegurada que sua alta seria um processo construído pela dupla terapêutica e que nada seria decidido à sua revelia. Dessa forma, seus atendimentos seguiam independentemente de os dias das sessões serem em feriados ou período de férias, assegurando-lhe a experiência de continuidade e a confiança.

Durante esse tempo, a experiência desse cuidado lhe gerou condições de viver novas sensações. Disse perceber que suas atitudes e formas de ver as situações estavam com outra perspectiva a cada dia, manifestando um aspecto esperançoso, antes inexistente. Como afirma Tardivo (2004, p. 42), a “reinscrição em um contexto significativo permite assimilar novamente o sofrimento e mesmo destituí-lo, devolvendo os investimentos que ele drenou ao serviço de uma dinâmica viva e coerente”. Um manejo terapêutico que permite ressignificar a vida, demonstrado no relato da paciente, isso significava estar entrando em uma nova fase de seu processo de amadurecimento. Observa-se nessa experiência da paciente, conforme o registro de Winnicott (1990, p. 51), ao falar acerca da natureza humana, “que, com a mente funcionando, gradativamente se transforma na autoconsciência pessoal do indivíduo, uma pessoa não ape-

nas relacionada com o ambiente, mas cedo ou tarde tomando parte na manutenção e recriação desse ambiente”. Uma pessoa total, com suas funções egóicas adaptadas ao autocuidado e à resolução dos problemas da vida.

As mudanças foram se estendendo por várias searas de sua vida. Um exemplo disso foi quando registrou uma experiência inédita entre ela e a mãe, relatada na sessão de nº 33. Ambas puderam conversar sobre todas as perdas que a família tivera desde que sua avó era jovem. Por meio dessa experiência comunicativa, resgatou a história de sua família, reintegrou pessoas ao sistema familiar em seu discurso. Apesar de ser uma experiência dolorosa, trouxe um sentido para os acontecimentos e “não ditos” de e entre seus membros. Não se tratava de segredos, mas de dores que nunca foram simbolizadas por meio linguageiro, por estarem apartadas do viver, não elaboradas e não sentidas pessoalmente, a partir da elaboração dos lutos, podemos lidar com a configuração familiar existente. Como afirma Moura (2019, p. 124), “sua vida está entremeada demais por outras vidas, disse-lhe o filósofo [...] este é um dos grandes riscos de quem perde precocemente, ou que nunca teve uma figura central, imbuída da responsabilidade pessoal de ser o cuidador ou a cuidadora”.

Com essa experiência de afetivamente cuidada em terapia, online, a paciente pôde compreender que sua avó começou a definhar, após a perda de um filho assassinado na porta de casa e não como uma consequência exclusiva de erro médico, como sempre acreditara. O que pôde levá-la, mais tarde, a compreender que não se tratava de a avó ter sido vítima de des-caso médico, mas de um sofrimento que a avó sentiu e não teve como lidar vindo a somatizações, em vista da carga afetiva a qual se encontrava, para além de sua capacidade para lidar com ela, culminando em perda de sentido para viver, assim como

a própria paciente. Morrer aos poucos foi a forma que teve para reencontrar seu filho, pois o viver não valia mais a pena. Segundo os pressupostos religiosos da avó, quando se morre, todos se encontram no reino de Deus. Isso comprometeu seu viver, pois passou a aguardar o reencontro do pós vida o que mortificou o próprio viver. A partir deste diálogo atual com memórias que estavam dissociadas, pessoas e eventos puderam ser resgatados, pois estavam excluídas da história e das tramas de afetos daquela família, mas inconscientemente permaneciam nas ações diárias e nas repetições, de modo sintomático.

A paciente mencionou a sensação de bem-estar ao referir que gostou muito de ouvir sua própria mãe relatar a história familiar, sentiu-se mais próxima dela, como se tivesse tido condições de acolher a mãe, que havia tanto tempo guardado tanta dor sem expressar. Isso fez com que se sentisse importante e estreitassem a intimidade. Espantava-se com a sensação que percebera. Não apenas não se sentia triste, mas otimista com suas conquistas e realizações. Contava isso ainda em tom de surpresa e alegria de quem, aos poucos, passa a se sentir uma pessoa inteira. Falou sobre sua experiência em cuidar das pessoas, como o fez com sua avó e seus tios em seus processos de adoecimento até suas respectivas mortes. Foi aí que resgatou a lembrança de que já havia substituído uma cuidadora no trato com uma senhora idosa. Relatou como aquela vivência foi importante para a senhora e como ela se sentiu valiosa. Perguntei por que ela não investia nessa área profissional, afinal, com o envelhecimento populacional, seria um nicho que tendia a aumentar a demanda, o que lhe geraria maior empregabilidade. Ademais, se ela gostava dessa atividade, poderia aos poucos ir se aperfeiçoando e melhorando suas capacitações profissionais, fazendo cursos técnicos e, quem sabe, vir a ser uma enfermeira. Indaguei-me se eu achava que ela poderia experimentar essa possibilidade laboral. Imediata-

mente afirmei que sim, como a “mãe”, que com o olhar amoroso, assegura a certeza nas competências de seu filho, instando-lhe autoconfiança. Ela disse que naquela tarde haveria uma feira de emprego. Logo, sugeri que sondasse vagas nesta área. Orientei a registrar essa experiência em sua ficha e listasse contatos profissionais anteriores, caso lhe requisitassem referências. Ela ficou muito empolgada. Disse que nunca pensara nessa possibilidade, mas que a achava atraente.

Conforme observado na sequência das sessões, os pensamentos de morte e de formas de morrer mudaram, que antes eram constantes, em função de seu desespero, passaram a ser rápidos flashes diurnos. Entretanto, conforme seu estado de saúde mental melhorava, o que antes era atraente, pensar na morte, passou a lhe causar medo, combatendo-o. Contou que ainda lhe vinham à mente imagens vívidas de morte. No entanto, ela já conseguia evitá-las e se posicionar diferentemente. Pois mesmo quando surgiam, ela já encontrava recursos mentais para lidar, criando estratégias e práticas salutares de cuidar de si e do ambiente. Com o tempo, relatou não querer ou pensar mais morrer e passou a se preocupar com a criação e bem-estar do filho, pois o aumento do apreço por sua vida também foi manifestado pelo apreço com a vida do filho. Tanto que, para protegê-lo, em caso de algum imprevisto, ela confeccionou uma ficha com os dados pessoais e telefones de contato para que ele a tivesse na mochila sempre que saísse de casa.

Com a proximidade das festas natalinas de 2021, contou que seu filho a tinha indagado sobre os motivos de nunca comemorarem, mesmo a família sendo evangélica não celebravam o Natal em família. Agora, sentindo-se à vontade para fazer diferente, contou que independentemente de a família não celebrar, no ano vigente pretendia comemorar. Disse que tinha motivos para celebrar a recuperação de sua saúde, sua vida,

a da mãe e do filho. Não precisaria ter apelo comercial nem religioso, mas juntos poderiam dar vez à criação de significados amorosos entre eles, gerando registro de boas lembranças e sensações.

5. Amadurecimento da unidade paciente-terapeuta

Ao longo dos atendimentos, pôde-se observar mudanças de postura da paciente. Posto que na sessão de nº 36, ela relatou uma vivência absolutamente emblemática desse entendimento. Havia conseguido uma importante conquista. Contou, que por intermédio de uma prima, conseguira um trabalho, ainda que informal, que apesar de extenuante – trabalhava 12 horas diárias –, trazia-lhe muito contentamento, pois estava podendo comprar alimentos para sua família. Estava ciente de que era uma atividade exploradora e temporária, mas compreendia que, mesmo frustrante pelas condições inadequadas do vínculo trabalhista, estava experimentando a satisfação de poder levar o sustento para casa. Relatou que isso lhe dava forças e esperanças para seguir em busca de melhorias, o que demonstrava sua maior capacidade para investir em uma satisfação futura com visão mais pragmática, mesmo diante de uma situação difícil.

Apesar de situações muito incômodas, encontrou respostas para resolver as questões que se apresentavam. Uma dessas ocorreu nos primeiros dias de trabalho, quando seus patrões jocosa e agressivamente falaram de seu peso e do modo como se vestia. Isso afetou significativamente seu humor, fragilizando sua autoestima. Muito abalada, evitou contar para a mãe, pois não desejava preocupá-la. Porém, fazendo uso de sua rede de apoio, desabafou com uma amiga.

Mais lúcida, quando foram lhe criticar novamente, pôde se defender. Falou que sabia de seu peso, mas que o processo

depressivo tinha contribuído para que engordasse. Quanto às suas vestes, disse que estava desempregada há 4 anos, e que nos dois últimos anos, vestir-se bem foi sua última prioridade, visto que nem dinheiro suficiente para alimentação possuía. Comprometera-se em se esforçar no trabalho e que tão logo fosse ganhando seu salário e equilibrando as contas, iria investir na melhoria de sua aparência, mas que no início precisava dessa chance. Comunicou que aquelas críticas foram cruéis, desnecessárias e derrubavam sua frágil autoestima. Afinal, seu trabalho seria de camelô. Isso posto, pediu que observassem suas qualidades de venda e de organização. Contou que após essa conversa, eles não falaram mais nada e acabaram se desculpendo pelo mal-estar que lhe causaram. O que lhe promoveu um sentido reparador.

Também contou sobre o convite do ex-companheiro para que fossem comemorar o Natal na casa da família dele. Confessou que se não fosse pelo filho, não iria, pois não se sentia à vontade. Mas que compreendia a importância disso para o desenvolvimento do pequenino, pois notava que o menino, aos poucos, estava rejeitando a figura paterna. Ela concluiu que a falta de contato e estar exposto aos comentários dela e da avó, criticando as atitudes do pai, teriam colaborado para isso. Pensou que ele precisaria ter a própria experiência com o pai. Afinal, como disse em algumas sessões anteriores, “esse é o pai que ele tem”. Disse que está ponderando se não deveria fazer esse esforço para proporcionar a experiência paterna ao menino, pois sabia a falta que a figura do próprio pai tivera em sua vida. Com essa reflexão demonstrava estar criando maior capacidade de avaliar suas atitudes, alicerçada em suas próprias experiências, o que lhe permite dar respostas com sentido real para si.

Nessas tentativas de gerar aporte financeiro para o sustento familiar, vendia seus artesanatos de crochê em parceria com

uma prima. Entretanto, contou sobre um golpe que levou de sua prima. Conversamos sobre estratégias para contornar a atitude de desonra, sem que fosse agressiva e não “viesse a fechar portas desnecessariamente”. Desenvolver estratégias criativas seria mais importante do que brigar apenas para provar seu ponto de vista. Pontuei que agora possuía melhores condições de lidar com a situação/frustração e poderia resolver a situação de modo produtivo. Embora, para que a situação pudesse parecer semelhante às anteriores, ela agora tinha capacidade para responder criativamente em vez de reagir prejudicando-se, visto que enriquecera seu repertório de experiências, o qual havia se diversificado nos últimos tempos. Agora já possuía noção de seu potencial, porém, que a determinação a fazer uso de seus recursos para não repetir os mesmos erros cabia principalmente a ela.

Diante de sua evolução, já estávamos com sessões quinzenais, as quais sustentei com vistas a favorecer maior autonomia e não o retraimento patológico. Como postula Winnicott (1994), este poderia haver um recuo patológico baseado em experiências anteriores de trauma ou retaliação do ambiente ao gesto espontâneo em que houve a perda da confiança. Portanto, foi preciso manter a estabilidade do *setting*, representado por nossos acordos.

Conforme as sessões aconteciam, demonstrava estabilidade, respostas mais criativas e apropriadas, as sessões passaram a ter intervalos mensais. Em sua primeira sessão mensal, a paciente contou que voltara a fazer negócio com sua prima. Porém, com bases mais firmes e menos submissa. Antes, quando tinha qualquer desavença, ela costumava eliminar o indivíduo que lhe causava frustrações de seu círculo de convívio, mas que agora, e naquele evento, pudera reparar a relação, o que demonstra avanço em seu processo de amadurecimento emocional.

Esse evento demonstrava que ela estava constituindo um espaço interno cada vez mais robusto e que os limites dos seus aspectos internos com a realidade compartilhada (externo) estava progressivamente mais bem diferenciados, o que vinha lhe proporcionado apropriação de suas experiências subjetivas, abastecendo sua “despensa afetiva”, termo utilizado por Lousada (2020), com suas conquistas e não apenas com falhas, perdas e frustrações, como antes. Esse progresso vinha se mostrando importante para sustentar sua autoconfiança e lucidez para lidar com as demandas e os desafios que se apresentavam.

A evolução satisfatória ficou mais explícita quando em sua penúltima sessão, que combinamos uma antecipação, desde que ela temia que uma audiência judiciária pela guarda do filho, há muito aguardada, fosse marcada para antes de nosso encontro, o que realmente ocorreu. Na data da sessão, portanto, a paciente havia já ido à audiência e tudo correria bem. Disse que decidiu comparecer à audiência para ver se seria capaz de fazê-lo de modo autônomo. Afinal, já estava percebendo que nosso processo estava chegando ao fim, ainda que paulatinamente.

Disse que mesmo muito nervosa, pôde se sair bem. Em momento algum se desorganizou ou pensou em desistir. Contou que, apenas em alguns momentos, arrependera-se de não ter antecipado a sessão, mas que precisava seguir, visto estar frente a frente com o juiz. Porém, passado tudo, ficou muito contente com sua conquista e ficou ansiosa para relatar em sessão. Tal como uma criança que lança a mensagem subjetiva para mãe de que tem competência para seguir rumo à independência, e ambas podem celebrar a conquista

Observou-se que, aos poucos, o *holding* disponibilizado em nossos encontros foi resultando em condições de a paciente vivenciar a continuidade e confiança de ser cuidada, o que teria levado ao aprimoramento da espontaneidade da paciente,

algo pontuado em seu discurso como sendo uma experiência inédita. Percebeu-se também que, ao longo dos atendimentos, após o uso coadjuvante da medicação por 8 semanas, houve o favorecimento de estados tranquilos, que junto ao processo psicoterapêutico permitiu maior percepção de suas sensações corporais, inaugurando possibilidade de integração psicossomática de vivências.

No caso da paciente, poder ter momentos como esse, sem precisar bater em fuga para a realidade objetiva como um mecanismo de defesa das sensações aniquiladoras, foi uma conquista significativa de seu movimento de integração. Seu sono foi se estabelecendo com regularidade e as sensações somáticas deixando de se manifestar.

Durante o tratamento, houve experiências de trocas afetivas e verbalização mais fluida em seu ambiente familiar, e exploração de potencialidades adormecidas que podem ampliar suas ações no mundo. Ao compreender melhor a si, suas necessidades, seus desejos, suas experiências e sua história familiar, a paciente foi passando a se posicionar de modo mais autêntico. Lembrando que: “Se o manejo (*handling*) é confiável e oferece sustentação (*holding*), então o indivíduo pode vir a se reconhecer como uma unidade e também, por outro lado, a não se integrar, entregando-se de forma relaxada aos cuidados que recebe” (MIZRAHI, 2010, p. 19).

Tudo indicava que a paciente estava em processo de amadurecimento, desenvolvendo meios criativos e mais de acordo com seu gesto espontâneo. Ademais, nos intervalos de sessão, foi demonstrando maior organização para lidar com os desafios psíquicos, típicos do processo de constituição do self. Isso levou a inferir que a paciente havia incorporado as experiências de cuidado e introjetado representantes mentais de sua relação terapêutica com a analista (WINNICOTT, 1994). O que

lhe gera recursos para lidar com as suas questões, típicas da integridade do self. De acordo com Winnicott (1990, p. 51), “com a mente funcionando, gradativamente se transforma na autoconsciência pessoal do indivíduo, uma pessoa não apenas relacionada com o ambiente, mas cedo ou tarde tomando parte na manutenção e recriação desse ambiente”.

Entendeu-se que, aos poucos, com escuta acolhedora, amorosidade e respeito ao seu tempo e capacidade emocional, foi possível no manejo clínico, atuar na apresentação de objetos à paciente, ao falarmos de seu sofrimento, possibilidades e decisões. Afinal, o suporte egóico de quem cuida e investe afetivamente no desenvolvimento humano pôde resultar no amadurecimento rumo à relativa independência, conforme o entendimento winnicottiano. O que tendia a possibilitá-la o desapego de defesas enrijecidas para modos mais dinâmicos e fluidos de viver, de modo a experienciar a vida com maior espontaneidade e criatividade.

Outro aspecto que denotou maior desenvolvimento emocional pôde ser registrado quando nos intervalos de sessão foi conquistando a capacidade de fazer relação entre eventos que lhe davam possibilidade de lidar com a temporalização conforme a necessidade. Sua percepção mais acurada de passado, presente e futuro de suas experiências foram potencializando a capacidade de articular seus recursos e sensações, com independência cada vez maior, semelhante ao que observa Winnicott (2011, p. 6):

Com um ano de idade, a criança já é capaz de manter viva a ideia da mãe e também do tipo de cuidado que se acostumou a receber; é capaz de manter viva esta ideia por certa extensão de tempo [...] só pode acontecer se processar numa outra pessoa uma adaptação

sensível às necessidades [...] tarefa sumamente delicada e constante [...].

Igualmente, ao usar os próprios recursos mentais, a paciente foi demonstrando o sentimento de diferenciação do eu e não-eu. O que é comentado por Winnicott (1994, p. 81), quando afirma que:

É só gradualmente que ele separa o não-eu do eu, e um estágio importante de desenvolvimento emocional ocorre quando o bebê se torna capaz de reconhecer o fato da dependência e conseguir ter um self que é apenas relativamente dependente — ao invés de absolutamente dependente — do estado temporário da mãe em que ela se conluia com o bebê, de maneira que este tem, por causa do conluio dela, um ego, uma organização do ego e um certo grau de força e elasticidade do ego.

Outro ponto que chamou atenção da terapeuta foi a conquista da capacidade de poder se preocupar e se responsabilizar cada vez mais pelo bem-estar de sua mãe e de seu filho, em detrimento de seu desconforto com as condições de trabalho imediatas, demonstrando maior capacidade de tolerância a frustrações para dispor de maior satisfação posterior. O que leva a se compreender algo semelhante ao processo de concernimento, no qual o bebê passa a ser “capaz de um reconhecimento quase pleno dos fatores agressivos e destrutivos presentes no amor instintivo e das fantasias inerentes a eles” (WINNICOTT, 1990 p. 92). Com isso, a continência de sua agressividade pode ser controlada para que seu objeto de amor pudesse conservar a integridade.

A evolução das conquistas da paciente até aquele momento levou a nova reavaliação e adequação do enquadre e mane-

jo, visto que a paciente foi demonstrando estar avançando em seu processo de amadurecimento. Com isso, ponderou-se que, a partir de janeiro de 2022, o espaçamento dos atendimentos seria quinzenal e, a partir de fevereiro, caso tudo corresse bem, para mensais, com o término dos atendimentos previsto para abril do mesmo ano, o que colocava o tratamento na direção mais próxima de alta. Essa possibilidade de encaminhamento assentou-se no que postulou Winnicott (2021b, p. 84-85), a saber:

A fonte desse progresso é o processo de amadurecimento inato no indivíduo, que é facilitado pelo ambiente. O ambiente facilitador é necessário e, se não for suficientemente bom, o processo de amadurecimento se enfraquece ou se interrompe [...]. Assim, a estrutura e força do ego tornam-se um fato, e a dependência de um novo indivíduo em relação ao ambiente transforma-se cada vez mais, indo do extremo da dependência absoluta à independência, embora jamais alcance a independência absoluta. O desenvolvimento e a instalação da força do ego são a característica básica ou importante que indica saúde.

Afinal, como o próprio Winnicott (2021b, p. 128) afirma:

A psicoterapia à qual me refiro pode parecer uma amizade, mas não é, pois o terapeuta está sendo pago e só vê o paciente com hora marcada, por tempo limitado – afinal, o objetivo de toda terapia é chegar ao ponto em que cessa a relação profissional, porque a vida e o viver do paciente “assumem o comando” e o terapeuta passa ao trabalho seguinte.

Tudo indica que essa experiência de cuidado amoroso foi significativamente importante para a unidade paciente-tera-

peuta, tal como o é a da unidade mãe-bebê nos cuidados fundamentais do início da vida do bebê, pois “bebês que foram seriamente desapontados em estágios iniciais podem ser quase ‘curados’ de seus desastrosos começos por cuidados terapêuticos em estágios posteriores” (WINNICOTT, 1994, p. 201).

Assim, de modo intensivo e condessado, nós duas vivemos os processos de dependência absoluta e relativa, de modo que ambas poderiam, dali em diante, seguir rumo à independência para novas experiências. Estávamos mais maduras e guardamos no espaço subjetivo de cada uma o carinho desse encontro significativo.

6. Considerações finais

O aporte da supervisão deste caso oferecido pela Dr^a. Renata Coelho e todo suporte do corpo discente do Apoiar Online, possibilitou orientação e discussão teórico-técnica importantes, as quais foram fundamentais para o manejo adequado à necessidade da paciente e, com isso, acompanhá-la em seu processo de amadurecimento para que tivesse condições de responder aos seus desafios.

Conforme os pressupostos psicanalíticos do tripé de formação do clínico (estudo, supervisão e análise pessoal do profissional) foram intensamente experienciados ao longo de todos os atendimentos dessa paciente. Daí decorreu um grande amadurecimento pessoal e profissional, que influenciou a práxis da terapeuta desde então.

A flexibilização do enquadre e a adaptação da técnica psicanalítica para o ambiente virtual síncrono da não presença física no mesmo espaço, mas da presença pessoal foram discutidas nos encontros com a supervisora. Elas englobaram leituras e discussões sobre os aspectos paradoxais da objetividade/subjetividade demandadas no atendimento da modalidade de Psico-

terapia Breve de base psicanalítica com as TICs, o que permitiu ampliação da experiência e da sensibilidade profissionais da terapeuta na condução do tratamento do caso em questão e dos subsequentes.

Com isso, foram desenvolvidos e aprimorados os processos perceptuais e as habilidades da terapeuta, de modo a sustentar a clínica da metáfora dos cuidados maternos com vistas a possibilitar o amadurecimento emocional e da paciente em prol de uma existência criativa e saldável, assim como de seus demais atendimentos futuros.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. Ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

BRAIER, E. A. *Psicoterapia breve de orientação psicanalíticas*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BRANDÃO JUNIOR, P.M.; BESSET, V.L. *Psicanálise e saúde mental: contextualizando o atendimento às demandas*. **Psicologia USP** [online]. v. 23, n. 3, p. 523-538, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012000300006>. Acesso em: 6 nov. 2022.

COELHO, R. S. *et al.* Feelings and reactions of men and women to the COVID 19 pandemic in Brazil. **Psychological Applications and Trends**, p. 113-117, 2021. Disponível em: <http://inpact-psychologyconference.org/wp-content/uploads/2021/05/2021inpact024.pdf>. Acesso em: 21 mar. 2022.

DALTRO, M.R.; FARIA, A.A. *Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade*. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em:

27 out. 2022.

FIGUEIREDO, L.C. A matriz ferenciana de adoecimento psíquico e seus ecos: Balint e Winnicott. **Rev. bras. psicanál.**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 153-165, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2017000200012&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 6 nov. 2022.

LOUSADA, D. S. T. O desafio da intimidade na pandemia. **Revista de Psicanálise Reverie**, Fortaleza, v. 13, n. 1, p. 44-59, 2020.

MCDougall, J. **Teatros do corpo**: o psicossoma em psicanálise. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

MIZRAHI, B. G. **A vida em Winnicott**: um contraponto ao biopoder e ao desamparo no contexto contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

MOURA, L. **Ferenczi e Winnicott**: análise de adultos na língua da infância. Terra de Areia-RS: Triângulo Graf. Ed., 2019.

MUSSI, R. F. de F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 60-77, 2021. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/9010>. Acesso em: 11 dez. 2022.

PRÉ-ENCONTRO de Fortaleza 2022. [S.l.: s. n], 2022. 1 vídeo (1h55 min). Publicado pelo Espaço Transicional Winnicott Fortaleza. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Qk4U5qdbDYQ&t=729s>. Acesso em: 6 out. 2022.

SERRALHA, C.A. O espaço potencial: da origem à evolução. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 157-172, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282019000100016&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 out. 2022.

TARDIVO, L. C. O Laboratório de Saúde Mental e Psicologia

Clínica Social e o APOIAR: fundamentos e propostas. **Psic: Revista da Vetor Editora**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 40-47, 2004. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142004000100006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 21 mar. 2022.

VAISBERG, T. M. A.; GRANATO, T. M. **Ser e fazer: na clínica winnicottiana da maternidade**. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2021a.

WINNICOTT, D. W. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Ubu Editora, 2021b.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

WINNICOTT, D. W. **Os bebês e suas mães**. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.

WINNICOTT, D. W. **Privação e delinquência**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012b.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

WINNICOTT, D. W. **Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2000.

WINNICOTT, C. **Explorações psicanalíticas**: D. W. Winnicott. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

WINNICOTT, D. W. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

WINNICOTT, D. W. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.

UMA ANÁLISE WINNICOTTIANA DO FILME
**NOMADLAND: ENTRE A SOLIDÃO
E A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ¹**

A WINNICOTTIAN ANALYSIS OF THE FILM *NOMADLAND*:
BETWEEN LONELINESS AND THE CAPACITY TO BE ALONE

ALEXANDRE PATRÍCIO DE ALMEIDA²
FILIPE PEREIRA VIEIRA³

Resumo

Neste artigo, apresenta-se um olhar psicanalítico sobre o filme “Nomadland”, lançado em 2021, dirigido por Chloé Zhao. A partir de um referencial fundamentado na obra de D. W. Winnicott, analisa-se a trajetória da personagem principal, Fern (Frances McDormand), e o seu processo de reinvenção da vida após as grandes perdas vivenciadas por ela. Enfatiza-se a noção da capacidade de estar só, abordada durante toda a narrativa do filme, à medida que Fern encara os seus dramas pessoais, sem recorrer a estados depressivos de adoecimento ou

1 Pesquisa financiada pelo CNPq (bolsa 2021/2023).

2 Psicanalista. Mestre e doutor pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Autor de diversos livros e artigos científicos. Membro da *International Winnicott Association* (IWA). Curador do projeto “Psicanálise de Boteco” (podcast disponível nas principais plataformas de *streaming*).

Endereço: Rua do Símbolo, 100, 62-A. Panamby, São Paulo, SP. CEP: 05713-570. Telefone: (11) 97372-3696. E-mail: alexandrepatriciodealmeida@yahoo.com.br

3 Psicanalista e psicólogo. Mestrando pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor universitário em cursos de pós-graduação. Integrante do podcast “Psicanálise de Boteco”.

Endereço: Rua do Símbolo, 100, 62-A. Panamby, São Paulo, SP. CEP: 05713-570. Telefone: (11) 96199-2675. E-mail: filipepevi@hotmail.com

fugas maníacas. As complexidades que envolvem o luto, a solidão existencial e a liberdade vão ganhando nuances diferenciados ao longo do enredo. Por fim, lança-se uma compreensão mais ampla da essência humana e da história de superação que, inevitavelmente, comove o espectador ao ser tocado pelas experiências estéticas e sensoriais derivadas dessa grande obra cinematográfica.

Palavras-chave: Winnicott, solidão, capacidade de estar só, luto.

Abstract

This paper presents a psychoanalytic view on the movie “Nomadland”, released in 2021, directed by Chloé Zhao. From a reference based on the work of D. W. Winnicott, we analyze the trajectory of the main character, Fern (Frances McDormand), and her process of reinventing life after the great losses she experienced. The notion of the ability to be alone, which is addressed throughout the film’s narrative, is emphasized as Fern faces her personal dramas without resorting to depressive states of illness or manic escapes. The complexities surrounding grief, existential loneliness, and freedom take on different nuances throughout the plot. Finally, a broader understanding of the human essence and the story of overcoming that inevitably moves the viewer when touched by the aesthetic and sensory experiences derived from this great cinematographic work.

Keywords: Winnicott, loneliness, capacity to be alone, mourning.

Sobre o filme

*Quem sabe o que essa morte
trouxe à vida?
As casas*

coloridas
estão alegres sem motivo.
(Marques, 2021, p. 17)

Nomadland (2021), filme dirigido por Chloé Zhao, retrata a temática de pessoas que vivem de forma nômade e encaram, no seu cotidiano, o paradoxo entre o ar da liberdade e a clausura de uma van. Há, também, a predominância de um cenário gelado e desértico que nos remete ao terreno sombrio do luto e da solidão. A história é repleta de elementos híbridos e o elenco é composto por indivíduos comuns, em vez de atores. Trata-se, portanto, de uma obra quase documental.

Acompanhamos, então, a trajetória da viúva Fern, interpretada por Frances McDormand – com uma atuação impecável, merecidamente reconhecida pela Academia, que a consagrou com um Oscar de melhor atriz. Fern viaja pelas estradas norte-americanas, em seu trailer, depois da morte do marido e do fechamento da fábrica que sustentava a cidade. Não obstante, foi por conta dessa falência que ela perdeu a sua casa e os seus bens pessoais.

O filme começa justamente por essa cena: enquanto guarda os seus objetos em um depósito, Fern abraça e sente o cheiro de uma jaqueta jeans, que pertencia ao seu falecido marido. Esse item, em específico, ela não deixa no galpão. Poderíamos pensar aqui em um renascimento ou em uma reinvenção de si? Acreditamos que as duas coisas.

A nossa aventureira passa, agora, a morar em seu próprio carro – uma van –, que ela mesma personalizou com os utensílios que ela foi adquirindo ao longo de sua jornada – uma metáfora para a reconstrução do Eu? Com o andamento do filme, assistimos à Fern conhecendo outros nômades, arranjando alguns empregos ou bicos aqui e acolá. Ela escolhe simplesmente (sobre)viver, enquanto vai de um lugar para outro,

sem rumo e sem qualquer destino prévio – o que gera angústia no espectador.

As pessoas que vemos nas cenas são as “sobras” de uma sociedade neoliberal, exploradas pelo capitalismo e expulsas de suas próprias vidas. É surpreendente observar o ideal de potência dos Estados Unidos através dessas lentes que revelam as suas fragilidades, diga-se de passagem. Apesar da crítica ao capitalismo, não se trata de uma história sem esperança, pois esses sujeitos ajudam uns aos outros. Esse foco na humanidade, à propósito, é a grande qualidade do filme.

Voltando à Fern, ela está fugindo ou finalmente encontrou o seu rumo? Está presa ao passado ou abraçando o único futuro possível para ela? Vale destacar que a aliança de casamento continua em seu dedo e Fern demonstra ser incapaz de se relacionar com outro pretendente apaixonado – David – que atravessa o seu caminho em um dos acampamentos nômades que ela frequenta. Os dois criam uma relação mais íntima, porém, ao ser convidada por ele para ficar em sua casa com a sua família – o que a obrigaria a ter uma morada fixa –, Fern desiste da proposta e foge disfarçadamente do local, antes que todos pudessem vê-la, no início de uma manhã gelada. Segue dirigindo sua van, sem destino, sem rumo, mas na companhia de si própria.

Algumas hipóteses teóricas: de Freud a Winnicott

Freud, em “Introdução ao narcisismo” (1914), nos apresenta uma nova perspectiva de compreensão para a construção do Eu: o narcisismo primário. Precisamos ser amados, ou seja, ocuparmos o lugar de “a vossa majestade o bebê”, nas palavras do autor, para termos um Eu minimamente estruturado, com formas e contornos que edificam o nosso ser. Essa demonstração de afeto, que ocorre nos primórdios da vida, assegura

o nosso sentimento de autoestima, de amor-próprio, formando as bases de um Eu ideal. “A esse Eu ideal dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição” (Freud, 1914/2010, p. 40).

Por outro lado, o que também pode ocorrer é a identificação de um Eu fragilizado com um determinado ideal ou objeto. É essa identificação que dará corpo à construção da identidade, caso o Eu ideal tenha sofrido falhas e inconsistências no seu processo de estruturação. Geralmente, encontramos essa forma de subjetivação naquelas pessoas que costumam dizer que só existem ao lado do outro ou a partir de um lugar ou posição. O Eu, nesse contexto, não sobrevive à falta, à ausência, pois precisa de tais “próteses” para se constituir. Trata-se, portanto, de um Eu que gira em torno do “ideal do Eu”. Citamos Freud, à guisa de melhor compreensão:

O desenvolvimento do Eu consiste num distanciamento do narcisismo primário e gera um intenso esforço para reconquistá-lo. *Tal distanciamento ocorre através do deslocamento da libido para um ideal do Eu imposto de fora, e a satisfação, através do cumprimento desse ideal.* Ao mesmo tempo, o Eu enviou os investimentos libidinais de objeto. *Ele se empobrece em favor desses investimentos, tal como do ideal do Eu, e novamente se enriquece mediante as satisfações ligadas a objetos, assim como pelo cumprimento do ideal.* (Freud, 1914/2010, p. 48, *itálicos nossos*).

Essa tese freudiana será mais bem trabalhada em outro texto bastante rico de sua obra. Nos referimos ao ensaio clássico “Luto

e melancolia” (1917 [1915]), em que Freud irá investigar com maior atenção as causas do adoecimento melancólico, estabelecendo uma possível relação com os processos psíquicos que atravessam o luto. Nesse sentido, um indivíduo que diz que não consegue mais enxergar o valor da vida, quando sofre a perda de uma posição, de um ideal ou de uma pessoa amada, pode ser compreendido, na perspectiva freudiana, pela via da identificação do Eu com um (ou vários) desses objetos (ou ideais) perdidos. Em outras palavras: o Eu deixa de existir na medida em que se depara com a perda, com o vazio. “Assim, a sombra do objeto caiu sobre o Eu, e a partir de então este pôde ser julgado por uma instância especial como um objeto, o objeto abandonado” (Freud, 1917 [1915]/2010, p. 181, *itálicos nossos*). Pois bem, a perda do objeto se transformou, então, numa perda do próprio Eu, empobrecendo-o de modo geral – o que configura o estado de subjetivação que encontramos, frequentemente, na maioria dos quadros melancólicos que chegam aos nossos consultórios.

Não é isso, porém, que ocorre com Fern. Ela vivencia um luto de extrema magnitude: por conta da crise financeira de 2008, como já fora mencionado, ela perde a sua casa, o seu emprego e, por questões de saúde, as mãos impiedosas da morte “rouba” a companhia do seu amado marido. Mesmo diante de tais ausências, Fern escolhe viver e seguir. O filme desperta em nós, espectadores, um profundo sentimento de tristeza, de vazio e, sobretudo, de inquietação. Em vários momentos, nos perguntamos: por que essa mulher não faz questão de ter uma residência fixa? Ou então: por que ela dirige tanto, rumo ao nada e geralmente estaciona a sua van em lugares tão frios e desérticos?

A solidão de Fern nos incomoda porque a sociedade atual nos impõe um estilo de vida que contradiz todas as maneiras de ser (e viver) sustentadas por nossa personagem principal. Por isso, talvez, nos sentimos tão deslocados, porque somos

desafiados, através da narrativa, a enfrentar o oposto da “normalidade capitalista/neoliberal” – que tanto nos adocece atualmente – amparada no gozo e na fruição. Byung-Chul Han, em sua obra “Sociedade do cansaço”, descreve precisamente o que estamos querendo dizer:

Hoje, o capital se submete a tudo. *Lifetime value* significa a totalização dos valores que podem ser hauridos de uma pessoa como cliente, quando se comercializa cada momento de sua vida. Aqui a pessoa humana é reduzida ao valor de cliente, ou ao valor de mercado. A intenção que está ao fundo desse conceito é que toda a pessoa, toda sua vida é transformada num valor puramente comercial. O hipercapitalismo atual dissolve totalmente a existência humana numa rede de relações comerciais. Já não existe nenhum âmbito da vida que consiga se eximir da degradação provocada pelo comércio. O hipercapitalismo transforma todas as relações humanas em relações comerciais. Ele arranca a dignidade do ser humano, substituindo-a completamente pelo valor de mercado. (Han, 2017, pp. 126-127)

Seguindo na direção oposta dessa “filosofia comercial”, Fern encara as dores de seu luto sozinha, num estilo de vida quase franciscano. Para tanto, conta somente com a ajuda de desconhecidos que ela encontra nos acampamentos por onde estaciona o seu trailer; pessoas avulsas que a auxiliam a ressignificar as agonias da perda. Fern não permitiu que a sombra do objeto recaísse sobre o seu Eu. Ela segue dirigindo livremente a sua morada de quatro rodas – seria essa liberdade também inquietante para nós que assistimos, de forma passiva, a esse movimento “transgressor”?

Fern constrói um Eu metafórico com peças e objetos que vai recolhendo em seu caminho. Ela personaliza a sua van. Entretanto, essa mesma van, na altura de um certo trajeto, quebra e o concerto acaba saindo mais caro do que a compra de uma nova; fator que não a impede de arrumá-la, pois essa mesma van representa a sua liberdade, a sua reinvenção, moldada a “ferro e fogo” com os objetos de valor que ela mesma escolheu, em primeira pessoa.

Em nossa prática como analistas e pesquisadores, gostamos de costurar os pensamentos dos autores, montando uma espécie de “van viajante” que nos auxilia a encarar os percursos da clínica, sempre tão complexos e intrincados. Ao ler o texto de Winnicott “A capacidade de ficar sozinho” (1958), um trecho, em especial, nos desperta a atenção. Vejamos:

Acredito que seja geralmente aceito que o impulso do id só é significativo se contido na vivência do ego. O impulso do id ou perturba um ego fraco ou então fortifica um ego forte. Pode-se dizer que a relação de id fortifica o ego quando ocorre em um contexto de relação de ego. A compreensão da importância da capacidade de ficar sozinho decorre naturalmente da aceitação desse fato. Apenas quando sozinho (isto é, na presença de alguém) o bebê pode descobrir sua vida pessoal própria. A alternativa patológica é a vida falsa fundamentada em reações a estímulos externos. (Winnicott, 1958/2022, pp. 40-41)

Ora, para ser capaz de dizer “eu estou só”, o indivíduo deve ter se estabelecido como uma unidade. A integração é um fato, para Winnicott, e para isso, o mundo externo, inicialmente é repellido pelo bebê e o mundo interno se torna possível de ser habitado. O sujeito, portanto, só pode atingir o estágio do “EU

SOU”⁴ porque existe um meio que é protetor. Sendo assim, a habilidade de “estar só” é uma consequência do “EU SOU”. Esse bebê, que um dia ocupou o lugar de majestade, pode, aos poucos, desenvolver a capacidade de estar só na presença de uma mãe cuidadora ou de um ambiente que exerceu os cuidados essenciais para ele. Nas palavras do pediatra inglês:

Embora muitos tipos de experiência levem à formação da capacidade de ficar só, há um que é básico, e sem o qual a capacidade de ficar sozinho não surge: *trata-se da experiência de ficar sozinho, como bebê ou criança pequena, na presença da mãe*. Assim, a base da capacidade de ficar sozinho é um paradoxo; é a experiência de estar sozinho quando mais alguém está presente. (Winnicott, 1958/2022, p. 36, *itálicos do autor*)

Logo, este Eu se tornará menos vulnerável diante dos ideais impostos que produzem uma vida falsa ou, até mesmo, perante a falta dos objetos advindos de uma perda. O Eu, então, tem condições de seguir, de dirigir, de habitar a sua própria solidão e, com isso, romper as exigências da necessidade do convívio social. O luto pode ser processado, mesmo que lentamente e,

4 No ensaio “Sum: eu sou” (1968/2021), Winnicott escreve: “Para o bebê, a primeira unidade que surge inclui a mãe. Se tudo corre bem, o bebê vai perceber a mãe e todos os outros objetos e os verá como não eu, de tal modo que agora há o eu e o não eu. (O eu pode incorporar e conter elementos não eu etc.) Esse estágio dos primórdios do EU SOU só se instala com efeito no self do bebê na medida em que o comportamento da figura materna é suficientemente bom – no que diz respeito à adaptação e à desadaptação. Assim, a mãe é, no início, um delírio que o bebê precisa ser capaz de desautorizar e que tem de ser substituída pela desconfortável unidade EU SOU – e isso envolve a perda da segura fusão unitária original ‘mãe-bebê’. O ego do bebê é forte se houver um apoio egoico materno para fazê-lo forte; do contrário, ele é fraco” (p. 72).

aqui, não se fala de uma negação, mas de um luto que é vivido (experenciado)⁵ em doses homeopáticas, com lágrimas que vêm e vão, bordejando a dor da ausência.

Fern não tem uma vida patológica, vivida às custas de estímulos externos, como bem destacou Winnicott. Ela prefere caminhar, mesmo convivendo com os ecos de sua solidão, pois algo interno a mantém em pé. Neste ponto, é impossível não recordar de uma passagem do livro “Natureza humana” (1988), em que Winnicott nos diz:

A proposição de uma condição deste tipo envolve um paradoxo. No princípio há uma solidão essencial. Ao mesmo tempo, *tal solidão somente pode existir em condições de dependência máxima*. Aqui, neste início, a continuidade de ser do novo indivíduo é destituída de qualquer conhecimento sobre a existência do ambiente e do amor nele contido, sendo este o nome que damos (nesse estágio) à adaptação ativa de uma espécie e dimensões tais, que a continuidade de ser não é perturbada por reações contra intrusão.

Com exceção desse próprio início, não haverá jamais uma reprodução exata desta solidão fundamental e inerente. Apesar disso, pela vida afora do indivíduo *continua a haver uma solidão fundamental*, inerente e inalterável, ao lado da qual continua existindo a inconsciência so-

5 Naffah Neto (2007), indica a noção de experiência como algo basilar do pensamento winnicottiano: “A definição desse conceito aparece um tanto marginalmente na obra de Winnicott, o que não deixa de ser curioso, em função da importância que ele ocupa na sua obra. Encontramo-la numa carta a Roger Money-Kyrle, datada de 1952: “A experiência é um constante trafegar na ilusão, a repetida consecução de um entrelaçamento (*inter-play*), tendo de um lado a criatividade; do outro, o que o mundo tem a oferecer” (Winnicott 1987b, p. 43, a tradução é minha)” (pp. 230-231).

bre as condições indispensáveis a este estado de solidão.
(Winnicott, 1988/1990, pp. 153-154, *itálicos nossos*)

Podemos presumir a existência desses cuidados iniciais, no estágio de dependência máxima o qual Winnicott se refere, em um momento do filme em que a nossa heroína revisita as fotos de sua infância e sorri, lembrando dos afetos, do carinho e da presença de seu pai que tanto marcou a sua história pessoal. Além disso, Fern sempre se refere ao seu falecido marido com muito amor e gratidão. Como se ele fosse uma espécie de objeto bom internalizado que a acompanha em suas jornadas solitárias, pois

A relação do indivíduo com esse objeto interno, junto com a confiança quanto às relações internas, lhe dá autossuficiência para viver, de modo que ele ou ela é capaz de passar algum tempo descansando contente mesmo na ausência de objetos ou estímulos externos. Maturidade e capacidade de ficar sozinho significam que a maternidade suficientemente boa permitiu ao indivíduo construir uma crença num ambiente benigno. Essa crença se constrói através da repetição de gratificações instintivas satisfatórias. (Winnicott, 1958/2022, p. 38, *itálicos nossos*).

Após a cena belíssima em que ela revisita as suas fotos de criança, Fern percorre o interior de uma floresta e abraça uma árvore com um tronco gigantesco, sentindo o “barulho do silêncio” e a ligação com as suas próprias raízes – existe representação mais linda que possa simbolizar essa conexão interior?

Da solidão à capacidade de estar só

A capacidade de ficar só ou é um fenômeno altamen-

te sofisticado, ao qual uma pessoa pode chegar em seu desenvolvimento depois do estabelecimento de relações triádicas, ou então é um fenômeno do início da vida que merece um estudo especial por ser base sobre a qual se constrói a solidão sofisticada. (Winnicott, 1958/2022, p. 36)

Fern segue a sua trajetória sem rumo. Passa o ano novo sozinha e feliz, rindo de modo espontâneo e leve. Dirige sua van até chegar a um mirante onde consegue avistar o mar. Sente o vento tocar os seus cabelos enquanto fecha os olhos e experiencia a imensidão do infinito de uma vida que não parou, mesmo após tantas perdas.

Chegando ao final do filme, nossa personagem retorna ao encontro anual da comunidade nômade – que é um tipo de evento – e conversa, intimamente, com o líder dessa tribo de viajantes. Os dois começam a falar sobre a morte e o luto, pois haviam acabado de perder uma conhecida do grupo que era bastante querida por todos. Fern menciona que o seu pai dizia que só morre quem é esquecido. O líder, por sua vez, a observa com admiração, se sensibiliza com a sua fala e diz que, um dia, também espera encontrar o seu filho em algum outro caminho das rodovias da vida – o rapaz havia se suicidado há cinco anos. A tragédia, contudo, não paralisou a sua história; pelo contrário, deu-lhe forças para ajudar as pessoas que precisavam enfrentar as dores da perda e, por alguma razão, Fern chegou até ele – da mesma forma que muitos outros nômades fizeram. Para essa gente, o adeus nunca é definitivo, pois o encontro, inesperado nas estradas, é sempre uma possibilidade de certeza, como nos versos de Mia Couto:

*A ausência que desejo
é a da viagem sem distância,
sombra sem teto nem parede.*

*Onde reine, não o silêncio,
mas a palavra emudecida.*

*Que eu sonho a morte
como o poeta quer o poema:
um falso morrer
de quem não quer viver em falso.
(Couto, 2016, p. 59)*

Depois desse diálogo, Fern decide retornar à cidade em que vivia com o seu esposo, visita a fábrica que faliu e, em seguida, encontra coragem para adentrar a sua antiga residência – nesta cena, ela usa a jaqueta jeans que pertencia ao marido. Aqui, ela chora. Vive as mazelas do luto. Permite que as lágrimas escorram sem qualquer censura. E, então, se depara com o deserto, congelante, cheio de cactos espinhosos (que atravessam várias fotografias do filme, vale mencionar). Mais tarde, Fern retoma o seu caminho na estrada, sem rumo. Apenas dirige. Poderíamos dizer que essa é a maior lição que o luto nos ensina: sobreviver através do frio e dos espinhos, sem perder a capacidade de poder observar a beleza sutil de um pôr do sol.

Coincidentemente ou não, Winnicott (1958/2022) nos alerta: “Apenas quando sozinho (isto é, na presença de alguém) o bebê pode descobrir sua vida pessoal própria. A alternativa patológica é a vida falsa fundamentada em reações a estímulos externos” (pp. 40-41, *italicos nossos*). Talvez por essas razões enunciadas, o filme desperta em nós tantas angústias, pois, de fato, não somos e nem estamos suficientemente bem maduros para lidarmos com os abismos da solidão, que Fern encara com tanta maestria e, por esse motivo, nos inquieta e nos convoca a reviver o sentido e a importância da necessidade de estar só.

REFERÊNCIAS

Couto, M. (2016). Poemas escolhidos. São Paulo: Companhia das Letras.

Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In S. Freud, Obras completas, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1914)

Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In S. Freud, Obras completas, vol. 12. São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917 [1915])

Han, B. C. (2017). Sociedade do cansaço. Rio de Janeiro: Vozes.

Marques, A. M. (2021). Risque esta palavra (poemas). São Paulo: Companhia das Letras.

Naffah Neto, A. (2007). A noção de experiência no pensamento de Winnicott como conceito diferencial na história da psicanálise. *Natureza humana*, 9(2), 221-242.

Winnicott, D. W. (1990). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1988)

Winnicott, D. W. (2021). Sum: eu sou. In D. W. Winnicott, *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1968)

Winnicott, D. W. (2022). A capacidade de ficar sozinho. In D. W. Winnicott, *Processos de amadurecimento e ambiente facilitador*. São Paulo: Ubu. (Trabalho original publicado em 1958)

Zhao, C. (Diretor). (2021). *Nomadland* [Filme]. Searchlight Pictures.

**CEM ANOS DE SOLIDÃO... CEM DIAS DE SOLIDÃO;
A CAPACIDADE DE ESTAR SÓ E O SENTIMENTO
DE SOLIDÃO ENTRE O REALISMO MÁGICO E A
REALIDADE PANDÊMICA¹**

*ONE HUNDRED YEARS OF LONELINESS... ONE HUNDRED
DAYS OF LONELINESS; THE CAPACITY TO BE ALONE AND THE
FEELING OF LONELINESS BETWEEN MAGICAL REALISM AND
PANDEMIC REALITY*

NILCE BADARÓ DE CAMPOS MARTINS²
RITA HELENA CUCÊ NOBRE GABRIADES³

Resumo

O tema “Solidão: Entre o Sentimento e a Capacidade de Estar Só” nos direcionou para a obra de Garcia Márquez “Cem Anos de Solidão” com a intenção de refletirmos sobre o Realismo Mágico. A brilhante narrativa do autor transcende além dos artifícios técnicos e das influências literárias, transitando na abundância do imaginário sobre as gerações de solitários, da família Buendía. Com a declaração da pandemia e a vivência caótica desencadeada pelo surto emergente da Saúde Pública Internacional, identificamos a importância de refletir sobre a Realidade Pandêmica. O artigo visa tecer algumas reflexões ao

1 Trabalho apresentado no XV EBSPDW – Manaus, na Mesa Redonda, Eixo Temático: Leituras Filosóficas, Literárias, Artísticas e Poéticas Acerca do Sentimento de Solidão.

2 Psicóloga, Especialista pelo Instituto Sedes Sapientiae/ SP em Psicanálise. RG 5.045.890 CRP: 06/7495 Cel: 11 999938-1133. Rua Dr. Jorge Veiga 175 apto 32 CEP 03424-000 VILA CARRÃO São Paulo SP

3 Psicóloga, Professora Universitária, Mestre em Educação (UNIP), Mestre em Psicologia Clínica (PUC/SP), Especialista pelo Instituto Sedes Sapientiae/ SP em Psicoterapia com Base Psicanalítica.

Alameda Ministro Rocha Azevedo, 976 apto 122. São Paulo/SP CEP: 01419-002. (11) 99991.4161 E-mail: rita.gabriades@gmail.com

articular a presença do sentimento de solidão e a capacidade de estar só, de autoria de Winnicott, sobre as expressões artísticas na narrativa do realismo mágico e em uma crônica publicada na internet após os cem primeiros dias de isolamento.

Palavras-chave: *Literatura, Poesia, Pandemia, Solidão, Imaginário, Winnicott.*

Abstract

The theme “Loneliness: Between Feeling and the Ability to Be Alone” directed us to the work of Garcia Márquez “One Hundred Years of Solitude” with the intention of reflecting on Magic Realism. The author’s brilliant narrative transcends beyond technical artifices and literary influences, moving through the abundance of imagination about the lonely generations of the Buendía family. With the declaration of the pandemic and the chaotic experience triggered by the emerging outbreak of International Public Health, we identified the importance of reflecting on the Pandemic Reality. The article aims to make some reflections by articulating the presence of the feeling of loneliness and the ability to be alone, by Winnicott, on the artistic expressions in the narrative of magical realism and in a chronicle published on the internet after the first hundred days of isolation.

Keywords: Literature, Poetry, Pandemic, Loneliness, Imaginary, Winnicott.

*À poesia, enfim, a essa energia secreta da vida cotidiana,
que cozinha seus grãos e contagia o amor
e repete as imagens nos espelhos.*

Gabriel Garcia Márquez, Discurso para o Prêmio Nobel

Gabriel García Márquez (1927-2014), escritor colombiano, publicou em 1967 o romance latino-americano mais impor-

tante do século XX, *Cem anos de solidão*, um marco da literatura mundial, e somente depois de quase 15 anos ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, em 1982. Jornalista e escritor, viveu um período com seus avós maternos que exerceram grande influência em sua obra. Referências importantes para o desenvolvimento do seu potencial criativo ocorreram na adolescência e juventude marcadas por leitura, em especial *A Metamorfose*, de Franz Kafka e ouvindo contos das *Mil e Uma Noites*. Inspirado nos episódios fantásticos das histórias de seu avô Nicolás Márquez, que era um veterano da Guerra dos Mil Dias, mescla lembranças pessoais com acontecimentos extraordinários que foram retratados principalmente nos personagens da família Buendía. O romance foi escrito em uma época de muito sofrimento e solidão quando foi acusado de colaborar com a guerrilha colombiana e vivia exilado no México. Utilizando recursos como o realismo mágico, trabalha com temas complexos, habitado por desejos, sonhos, paixões, revoluções, incesto, corrupção e até loucura, descritos com insuperável talento poético. As principais referências históricas que formavam o contexto da própria infância do autor centralizam a Guerra dos Mil Dias e o massacre dos trabalhadores bananeiros em Ciénaga, no ano de 1928. O realismo e a magia transcrita no texto do romance podem ser vistas como opostos, mas ambas são importantes para transmitir, a concepção particular de Márquez sobre a subjetividade da realidade vivida individualmente por aqueles com diferentes origens.

Cem Anos de Solidão

No maravilhoso universo da fictícia Macondo e a ascensão e queda de seus fundadores, vivem diversas gerações dos Buendías, um povo imaginário com uma triste história de solitários, para a qual não será dada “uma segunda oportunidade sobre a

terra”.O fundador e patriarca José Arcadio Buendía, representa tanto uma grande liderança quanto a inocência do mundo antigo, casado com a prima Úrsula Iguarán a matriarca da família, que viveu durante mais de cem anos cuidando da família e do lar. Tiveram três filhos: José Arcadio, Aureliano e Amaranta, nomes que se repetirão nas próximas gerações. A cidade vai crescendo pouco a pouco e com esse crescimento chegam habitantes do outro lado do pântano. O contexto da família parece estar em luta contra a realidade, a qual não lhes é muito propícia e lhes deixa à beira da destruição, atravessando, em ficção, as situações mais importantes da história da Colômbia, e da história da América Latina; guerras civis, imperialismo, ditaduras, corrupção, vinganças e, sobretudo abandono resignado a um destino triste, por isso, ao final, apesar da grandeza dos Buendía, o último descendente trancado na casa secular da família, se enfrenta com sua maldição, porque as estirpes condenadas aos *Cem anos de solidão* não têm uma segunda oportunidade sobre a terra.

O Realismo Mágico.

A expressão realismo mágico utilizada nos fins dos anos de 1940, surge como uma resposta latino – americana à literatura fantástica europeia. Desenvolveu-se fortemente nas décadas de 1960 e 1970 na América Latina com duas visões: a cultura da tecnologia e a cultura da superstição. A referência mais importante se destaca pela reação, através da palavra, contra os regimes ditatoriais que assolavam vários países por ditaduras militares e extremamente repressivas. A forte censura à liberdade individual, política e artística conduziram a necessidade de incorporar o “mistério” à realidade, que passa a ser negada em sua tentativa de sempre expressar o real lógico-racional. O contexto histórico, social e cultural compõe a estrutura da narrativa do realismo mágico com disfarces entre correntes geralmente opostas como

o naturalismo, o maravilhoso e o fantástico, com idéias implícitas para retratar uma realidade reconhecível, transfigurada pelo imaginário e na qual o racionalismo é rejeitado.

O realismo mágico é uma corrente artística, pictórica e literária, constituídas por diversas variações e pode caracterizar vários estilos, estéticas, gêneros, correntes e movimentos. No plano da linguagem utiliza símbolos e metáforas, no plano temático o enredo é estruturado com elementos mágicos e mirabolantes para os personagens. Com uma linguagem peculiar evidencia as contradições da realidade, mas de forma mascarada, apresentando aspectos absurdos, denunciados de forma velada e permeados por situações mágicas e sobrenaturais. O enredo torna-se alegórico, unindo o mundo mágico e fantástico ao mundo real, mostrando coisas irreais e estranhas como algo corriqueiro e habitual no dia a dia. Os elementos mágicos são representações intuitivas e sem explicações reais, como por exemplo; o tempo que é cíclico e não linear, e muitas vezes distorcido, a peste de insônia e de esquecimento que atinge a população, assim como a morte e o retorno à vida de um cigano, e uma mulher que vai ao céu etc. Enfatizamos também o terreno onírico, os sonhos, que se desenvolvem nas tramas dos protagonistas. Segundo Damasceno:

O realismo mágico se define basicamente por uma narrativa que naturaliza ou normaliza o supranatural. Real e fantástico, natural e o supranatural adquirem um estado de equivalência. No nível textual, nenhum dos dois termos possui uma reivindicação maior sobre a verdade ou referencialidade. Em outras palavras, é como se resolvesse uma antinomia entre a mágica e a realidade, não se decidindo entre um ou outro.

García Márquez costuma dizer que todo grande escritor está

*sempre escrevendo o mesmo livro. “E qual seria o seu?”,
perguntaram-lhe.
“O livro da solidão” foi a resposta.*

Refletindo sobre o contexto sócio-histórico, entendemos que o realismo mágico na narrativa de Cem anos de Solidão, possibilitou a Gabriel Garcia Márquez acessar a consciência de sua situação e questionar a ordem sociocultural. Como já descrito ser exilado e viver no México, foi um período difícil, de sofrimento e solidão. Considerando o indivíduo que experimenta uma intensa solidão e vive; “Eu sou só” crescimento emocional e integração, “Eu estou só” reconhece a existência continuada da mãe, como também teve a chance de viver o impacto da falha de afinidade egóica. Segundo Winnicott 1958 uma pessoa pode encontrar-se em confinamento solitário, e ainda assim não ser capaz de estar só. O quanto ela precisa sofrer é algo que se coloca além da imaginação. Garcia Márquez no contexto do exílio recorreu as experiências de sua vida com os avós maternos, os livros, os contos e as histórias de seu avô para produzir a narrativa de suas obras com mais ênfase e representatividade do sentimento de solidão na obra “Cem Anos de Solidão”. Fez uma equivalência de suas vivências entre o real e o fantástico natural e o supranatural evidenciando as contradições da realidade de forma mascarada.

Sobre a origem da criatividade, assinalamos que existe a esperança quando uma pessoa não perdeu a possibilidade de sofrer e estar próxima de sua condição. Segundo Safra 2012, a problemática para o ser humano seria o não-ser, e a perspectiva de ser criativo no registro sociopolítico implica também em reconhecer que possa sofrer determinações socioculturais na condição de tomar consciência de sua existência. O viver

criativo na narrativa do romance e as principais características do realismo mágico, Garcia Márquez, demonstram transitar com fluidez sobre o sentimento de estar só. A maturidade emocional está relacionada com um dos fatores desenvolvido pela experiência de estar só na presença de alguém. Lembremos a referência importante da presença de seus avôs materno na vida e na obra do autor.

Março de 2020

Quando retomamos nossa produção, sentimos a necessidade de correlacionar nossa escolha da corrente artística e literária do realismo mágico, com os desafios trazidos pela emergência do novo coronavírus. Identificamos uma variedade de publicações em espaços midiáticos modulado por diferentes contextos e linguagens, com uma narrativa sobre os efeitos do medo da morte e da interrupção da vida social. Todos nós tivemos que lidar com o enfrentamento das mudanças e conseqüências geradas pelo isolamento, pela ação de transmissão rápida, destrutiva e fatal da existência do desconhecido coronavírus SARS-CoV-2, o planeta entra em estado de Pandemia. O que de fato essa Realidade Pandêmica causou foi um pandemônio em nossas vidas, criando um caos, isolando o indivíduo de sua vida e deparando com a intensidade do medo da morte e rompendo com a convivência social. Objetivamos os 100 (cem) primeiros dias em função do impacto da situação disruptiva de sermos surpreendidos com o nunca vivido. Thomé (2009) na elaboração da “Cartilha para Intervenção em Catástrofes” define:

Desastres e catástrofes são ocorrências que atingem uma população de maioria saudável que passa a viver na realidade uma situação repentina desorganizadora ou disruptiva que destrutura sua vida, de forma violenta e traumatizante. Em situações deste tipo pas-

sa-se a viver em um mundo que desestabiliza o equilíbrio emocional e/ou psíquico, gerando sentimento de insegurança, descrença e desamparo. Este sentimento se desenvolve também com as duplas mensagens e as inverdades que banalizam padrões e valores antigos e estabelecidos para amenizar o fato inesperado.

A vivência do caos da realidade pandêmica foi um desafio; exigiu o repensar o modo como o ambiente irrompe no psiquismo humano, emergindo reações em todos os seres humanos do planeta com o impacto psicológico. Sem conhecimento e domínio técnico para o enfrentamento do novo vírus, e ao mesmo tempo lidando com o impacto psíquico em si mesmo, os profissionais de saúde/saúde mental e as autoridades nessa situação de catástrofe não dominavam o conhecimento específico e técnico para intervenções necessárias. Segundo Thomé, 2004 em resposta às solicitações próprias ao desastre e a limitações da capacidade de adaptação podem surgir a Síndrome Desruptiva, termo cunhado por Moty Benyakar, na qual o fator patogênico se encontra no “entorno”, ou seja, no evento, sendo o psiquismo humano afetado de forma direta ou indireta, e caracterizado pela presença da angústia. No quadro de transtorno de estresse pós-traumático, o psiquismo afetado se caracteriza pela presença da ansiedade.

A realidade pandêmica nos restringiu a vivência intensa do isolamento, assim como nos forçou a conviver com o sentimento de solidão. Pesquisamos nas mídias sobre a temática e nos deparamos com uma variedade de textos jornalísticos, reflexivos, e poéticos com o título “Cem dias de Solidão”. Escolhemos citar a crônica “**Cem dias de solidão**” da Professora Renilda Viana 2020, publicada no site Recanto das Letras. Recortamos algumas frases da crônica e

dividimos em relação ao significado representativo entre o Sofrimento e a Capacidade de estar Só.

SOFRIMENTO	CAPACIDADE DE ESTAR SÓ
Cem dias, enclausurado no meu eu	Em cem dias, conheci cada cantinho da minha casa e percebi que ela é mais do que suficiente para viver.
Cem dias, afastado fisicamente de amigos, familiares e vizinhos.	Precisei apenas de cem dias para descobrir que Poder nem sempre significa “eu posso”!
Cem dias dedicados a mim, de mim para mim mesma.	Cem dias resume uma vida inteira.
Foi também em cem dias de solidão que descobri que cada dia vivido, é um dia a menos e não um dia a mais!	Em cem dias também descobri o significado de: “básico para sobrevivência “e que o abraço faz parte desse kit.

Na realidade pandêmica a autora busca inspiração na vivência do isolamento e nos acontecimentos aos cem primeiros dias de pandemia. Escreve a crônica baseada no seu olhar e no processo de auto reflexão, crescimento emocional, integração o que possibilitou elaborar por intermédio da consciência e vivência de “Eu estou só” criar a narrativa poética da crônica.

Conclusão

Compreendemos que “o sentimento de solidão” e a “capaci-

dade de estar só” foram elementos fundamentais para descrever o sentido do Realismo Mágico na obra de Garcia Márquez, como também verificar que na Realidade Pandêmica estão presentes, relevando a importância da contextualização sociocultural, sociopolítica e pandêmica como desencadeador da necessidade de adquirirmos mecanismos de enfrentamento diante de uma crise disruptiva. Entendemos que a o desenvolvimento emocional e o voltar-se para si mesmo, foram duas condições importantes para a narrativa de ambas as obras, os autores mediante a percepção criativa como assinala Winnicott (1975), integraram o enredo em um único evento, a objetividade e a subjetividade numa perspectiva fundamental do evento paradoxal. Ao existir a coexistência do subjetivo e do objetivo compõem-se o que Winnicott denomina o viver criativo, reconhecendo o sentimento de solidão na condição de tomar consciência de sua existência.

REFERÊNCIAS

- ABRAM, J. “A Linguagem de Winnicott”. Rio de Janeiro, Livraria e Editora Revinter, 2000.
- SAFRA, G. “Implicações do Conceito de Criatividade para a Situação Clínica” in: RAMOS, H. & SUCAR, I. “Winnicott Ressonâncias”. São Paulo, Primavera Editorial, 2012.
- WINNICOTT, D.W. “O Brincar e a Realidade” Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda, 1975.
- _____ “O Ambiente e os Processos de Maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional”. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.
- ABP, Associação Brasileira de Psiquiatria – Psiquiatria Para um Mundo Melhor; Cartilha para Intervenção em Catástrofe. Cartilha elaborada por: José Toufic Thomé, 2009.
- Site: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Garcia_Marquez
- Site: www.renildadviana.recantodasletras.com.br

O SER, O FAZER E O VIVER EM ANNE FRANK¹

BEING, DOING AND LIVING IN ANNE FRANK

SORAYA MARIA PANDOLFI KOCH HACK²

Resumo

Anne Frank foi uma jovem judia, que viveu em um esconderijo com sua família, onde escreveu um diário, publicado após a sua morte. “O Diário de Anne Frank” é conhecido mundialmente. Neste criou uma personagem ficcional, a *Kitty*, para quem retratava seus dilemas: a sua adolescência, a vivência da guerra e da perseguição aos judeus. Para entender como conseguiu usar criativamente este recurso da escrita, apresento primeiramente a história de vida da jovem escritora, literalmente atravessada por um acontecimento trágico da história da humanidade, no contexto da segunda guerra mundial e da perseguição aos judeus. Tento entender como o *ser* de Anne (o seu *self* espontâneo) se conecta com o *fazer*, no ato de sua escrita e na sua postura dentro da casa, diante dos fatos que se atravessavam, externos ou internos. Os conceitos de Winnicott são a base para o entendimento.

Palavras-chave: guerra, elemento feminino e masculino, adolescência, criatividade

Abstract

Anne Frank was a Jewish young lady, who lived – along with her family- in a hideout, where she wrote a diary/ journal. Published after her death – “The diary of Anne Frank”- became

1 Trabalho apresentado no VIII Encontro Gaúcho sobre o Pensamento de Winnicott.

2 Psicóloga, Psicoterapeuta, Especialista e Mestre em Psicologia Clínica, Docente e Diretora do IPSI – NH – RS
sohack@uol.com.br – 051-999721494

known worldwide. *Kitty*, is a fictional character created in the diary, to whom Anne Frank depicted her predicaments such as her adolescence, the living of war and the Jewish Pogroms, as well. For a better understanding on how she was able to use this resource in writing, in a creative way, I firstly present the young writer's life story, which was literally crossed by a tragic event in human history, in the context of World War II and the Jewish Pogrom. I try to understand how Anne's *being* (her spontaneous *self*) connects itself with the *doing*, as she writes ; and also her posture at home, before the internal or external events which were happening concurrently. Winnicott's concepts are the basis for such understanding.

Keywords: war, male and female element, adolescence, creativity

Uma jovem de 13 anos é repentinamente obrigada a viver em um esconderijo, sem data marcada para sair. A família decide refugiar-se em um Anexo Secreto que foi preparado para isso, face aos horrores da segunda guerra mundial e da perseguição aos judeus existente na época. Pouco antes do refúgio, Anne ganha de aniversário um caderno de capa xadrez, que se transforma num diário em seu período de isolamento. Neste, relata a sua experiência de confinamento, terror e ameaça de morte, ao mesmo tempo em que retrata os dilemas típicos da adolescência. Anne sonhava em ser uma estrela de cinema de Hollywood, mas com a experiência da escrita passou a desejar ser jornalista e escritora. Porém, não viu seu sonho ser realizado. "O Diário de Anne Frank" foi organizado e publicado após a sua morte (Metseler, 2016; Santos, 2012).

A jovem não teve uma simples experiência de confinamento no período em que ficou no Anexo, o que por si só já seria traumático. Estavam todos num contexto de guerra e terror.

Segundo Winnicott (1975):

[...] se tomamos conhecimento de indivíduos dominados no lar, prisioneiros, ou mortos em campos de concentração, ou vítimas da perseguição de um regime político cruel, supomos, antes de mais nada, que somente algumas dessas vítimas permaneceram criativas [...] os outros [...] abandonaram a esperança” (p. 99).

Anne enfrentou este caos através da escrita. Dizia: “A melhor coisa é poder escrever todos os meus pensamentos e sentimentos; do contrário, iria me sufocar” (Frank, 2022, p. 247, em 16/04/44).

O início de tudo

Annelise Maria Frank nasceu em 12 de junho de 1929 em Frankfurt, na Alemanha, filha de Edith Holländer Frank e Otto Frank. Tinha uma irmã mais velha chamada Margot (Santos, 2012). Foram para Holanda, quando Hitler e seu partido nazista chegaram ao poder em 1933. Em 1939 o exército alemão invadiu a Polônia marcando o início da segunda guerra mundial, e em 1940 foi a vez da Holanda (Metseler, 2016).

Em 1942 mudaram-se para um esconderijo montado nos fundos da fábrica onde Otto foi diretor. No Anexo Secreto, contavam com ajuda de voluntários, recebendo alimentação. Tinham acesso a rádio e livros e certa rotina. Além da família Frank, vieram morar com eles mais quatro pessoas (Metseler, 2016). Havia um esforço em manter a continuidade dos cuidados, a vida criativa e cultural da família, apesar das muitas brigas entre eles relatadas. Obviamente, viviam sob eterna vigilância.

O diário e as reflexões de Anne

O diário é um “precioso relato das problemáticas da adolescência” (Medioli, 2010, p. 31). Em meio ao caos da guerra, da

cruel realidade, da privação da liberdade e da dificuldade de convivência no Anexo, Anne escreve sobre vários aspectos de sua vida: o relacionamento com os pais, o despertar da sexualidade, a menarca, a primavera que ela referia explodir dentro dela (Medioli, 2010).

Algumas falas importantes sobre a guerra: “Hoje só tenho notícias tristes e deprimentes. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes” (Frank, 2022, p. 70, em 09/10/42). “Qual é o sentido da guerra? Por que, por que as pessoas não podem viver juntas em paz? Por que toda esta destruição?” (Frank, 2022, p. 311, em 03/05/44).

Sobre sua vivência pessoal dentro do Anexo:

Acredite, se você ficasse trancada um ano e meio, acabaria achando demais. Mas os sentimentos não podem ser ignorados, não importa que pareçam injustos ou ingratos. Gostaria de andar de bicicleta, dançar, assoviar, olhar o mundo, me sentir jovem e saber que sou livre, mas não posso deixar isso transparecer. (Frank, 2022, p. 176, em 24/12/43)

Ela ficava feliz aos sábados quando recebia livros novos para ler. Domingo era o dia mais difícil para Anne (Metzler, 2016). Dizia:

Meus nervos costumam me dominar, principalmente aos domingos: é quando me sinto péssima. A atmosfera é sufocante e pesada como chumbo. Lá fora não se ouve um pássaro, e um silêncio mortal e opressivo paira sobre a casa e se gruda em mim [...] e me sinto um pássaro de asas cortadas, que fica se atirando contra as barras da gaiola. Me deixem sair para onde existem ar puro e risos!, gritava uma voz

dentro de mim. (Frank, 2022, p. 160-161, em 29/10/43).

Sabemos que o adolescente tem necessidade de conviver com o grupo de iguais, e com pessoas fora do contexto familiar, algo que foi brutalmente privado ou limitado para ela. Para Winnicott (1997), o adolescente “luta para sentir-se real [...] para estabelecer uma identidade pessoal [...] para viver o que deve ser vivido sem ter de conformar-se a um papel preestabelecido” (p.123).

Anne descrevia as “ruidosas brigas na casa dos fundos” (Metseler, 2016). Dizia:

Os relacionamentos aqui no Anexo pioram a cada dia. Não ousamos abrir a boca na hora das refeições (a não ser para botar comida), porque não importa o que se diga, alguém acaba se ressentindo ou entende de modo errado. (Frank, 2022, p. 155, em 16/09/43)

Para Blos (1996), na adolescência, observamos uma certa “rejeição por parte do adolescente do apoio do ego parental” (p.99). No caso de Anne isso era notável em relação à mãe, da qual nutria queixas.

Sinto falta [...] de uma mãe que me compreenda. Imagino o tipo de *mãe* que eu gostaria de ser [...] O tipo de mãe que não leva tão a sério tudo o que as pessoas dizem, mas que me leva a sério. (Frank, 2022, p. 176-177, em 24/12/43)

“Se Deus me deixar viver, vou realizar mais do que mamãe jamais realizou, vou fazer com que minha voz seja ouvida, vou para o mundo e trabalhar em prol da humanidade” (Frank, 2022, p. 292, em 11/04/44).

Ficava clara a necessidade que Anne tinha de diferenciar-se da mãe. Em uma competição edípica desejava ficar numa posição superior à da mãe, tentando ter um espaço maior com o pai, com quem relatava sentir mais afinidade.

“Não consigo evitar. Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor” (Frank, 2022, p. 56, em 27/09/42).

Sua idealização com o pai foi mudando quando se apaixonou por Peter, um rapaz que morava no Anexo. Escreveu: “Sempre que ele me olha com aqueles olhos, com aquele sorriso quando pisca, é como se uma luz se acendesse dentro de mim. Espero que as coisas continuem assim e que tenhamos muitas, muitas horas felizes, juntos” (Frank, 2022, p. 254, em 19/03/44). Mas o pai, percebendo o envolvimento, pediu para se encontrar menos vezes com o Peter, causando revolta em Anne. Enfrentou o pai e depois se arrependeu. (Metseler, 2016). Anne admitiu que sua vida dentro do Anexo Secreto melhorou por causa de sua amizade com Peter, mas acabou por se afastar por se sentir frustrada com a falta de entrega total por parte dele (Santos, 2012). “Será que ele é superficial ou será que é a timidez que o puxa para trás, mesmo com relação a mim?” [...] “Bem no fundo, os jovens são mais solitários do que os adultos” (Frank, 2022, p. 364-365, em 15/07/44).

Anne evoluiu em suas reflexões...

“Eu mudei de um jeito radical, tudo em mim é diferente: minhas opiniões, minhas ideias, a visão crítica [...] e posso afirmar [...] mudei para melhor” (Frank, 2022, p. 265 em 25/03/44).

Estou ficando cada vez mais independente de meus

pais. Mesmo sendo jovem, enfrento a vida com mais coragem e tenho um sentimento de justiça melhor e mais verdadeiro do que o de mamãe. Sei o que quero, tenho um objetivo, tenho opiniões, uma religião e amor. Se ao menos eu pudesse ser eu mesma, ficaria satisfeita. Sei que sou uma mulher, uma mulher com força interior e muita coragem! (Frank, 2022, p. 292, em 11/04/44).

Reflexões sobre o feminino em Anne

Antes de entrar no Anexo, quando frequentava a escola, teve que escrever uma composição como castigo intitulada “Uma tagarela” (Santos, 2012, p. 49).

Argumentei que falar era uma característica feminina e que eu faria o máximo para me controlar, mas nunca poderia acabar com o hábito, pois minha mãe falava tanto quanto eu, se é que não falava mais, e é muito difícil mudar características herdadas. (Frank, 2022, p. 24, em 21/06/42)

Apesar das desavenças, havia um aspecto de identificação de Anne com a mãe: o falar associado ao feminino.

No seu diário, criou uma personagem feminina, a *Kitty*, sua confidente. É para esta que relatava seus dilemas existenciais e íntimos e suas percepções. Penso que esta personagem surgiu pela necessidade de ter outro para conversar, fora da família. Mas podemos pensar também que *Kitty* seria uma parte de si mesma.

Anne dizia: “Querida Kitty, você pode me dizer poque as pessoas se esforçam tanto para esconder seu eu verdadeiro? Ou porque sempre me comporto de modo muito diferente, quando estou perto dos outros?” (Frank, 2022, p. 194, em 22/01/44) Mais adiante: “Sou honesta e digo às pessoas o que eu sinto, mesmo quando não é um elogio. Quero ser honesta: acho que

assim você chega mais longe e que isso faz você se sentir bem consigo mesma” (Frank, 2022, p. 266, em 25/03/44).

Retratava assim, neste encontro ficcional tão criativo, a tentativa de se conectar com seu *self* verdadeiro. A *Kitty* que habitava dentro dela lhe proporcionava uma função terapêutica. Este reconhecimento e encontro com o *self* verdadeiro diz respeito ao elemento feminino, como sugeriu Winnicott (1999). Para o autor, citado por Abram (2000):

O elemento feminino tem suas raízes na experiência fusional com a mãe. Esta identificação primária [...] é a precursora e fundadora de todo o desenvolvimento futuro. O elemento feminino está situado “no centro da estrutura ambiente-indivíduo, o mesmo local em que posiciona a cultura e a criatividade. (p. 94)

Podemos inferir que Anne recebeu no início da vida uma maternagem suficientemente boa, já que a capacidade para *ser* começa na relação com a mãe. Porém, nesta adolescência vivida praticamente em quatro paredes, precisava fugir de qualquer fusão e indiferenciação. Anne se distanciou da mãe, mas se aliou na imaginação à outra mulher, a *Kitty*, buscando se reconhecer e lutando por sedimentar sua identidade pessoal.

Penso em considerar ainda três aspectos importantes. Primeiro, “é característica da faixa etária em questão a rápida alternância entre independência rebelde e dependência regressiva, e mesmo a coexistência dos dois extremos num mesmo momento” (Winnicott, 1997, p. 117). O segundo aspecto diz respeito ao feminino. Winnicott (1999) no texto intitulado “Este feminino” afirmou que “não é possível esquivar-se ao fato de que todo homem e toda mulher vieram de uma mulher” (p. 192-193).

Anne fugia do poder da mãe. Numa leitura contemporânea, conforme Piai (2016):

[...] se a mãe é a primeira referência de prazer com que o sujeito tem contato, então a ampliação do estudo do feminino é indispensável para compreendermos o poder que a mulher exerce nas relações, tanto pela via da maternidade, como através do tornar-se mulher sob a influência da mãe (p. 4).

Um terceiro aspecto diz respeito a determinadas características de Edith. Segundo Santos (2012), “era uma mãe atenta às questões práticas do dia-a-dia das filhas e com um instinto protetor muito grande” (p. 20). Durante o período de clausura, apresentou sintomas de depressão. Enquanto uns falavam o que iriam fazer quando a guerra terminasse, ela achava que esse dia nunca iria chegar. Isso pode ter potencializado o afastamento de Anne.

Outra figura importante feminina, mas livre de conflito, foi sua avó materna, que morou com eles por algum tempo no Anexo Secreto. Anne tinha uma afeição muito grande pela avó e sofreu muito quando esta faleceu. Neste ponto lembro-me da citação de Winnicott (1999) quando diz que “para toda mulher, há sempre três mulheres: 1) o bebê menina; 2) a mãe; 3) a mãe da mãe” (p.193).

Margot, sua irmã, era um modelo feminino questionado. Era reservada, educada e aluna exemplar, ao passo que Anne era conversadora e rebelde (Santos, 2012).

Estou sempre ouvindo [...] Porque você não segue o exemplo de sua irmã? Odeio isso. Confesso que não tenho qualquer desejo de ser como Margot. Ela é muito fraca e muito passiva para o meu gosto; deixa-se levar pelos outros e sempre recua quan-

do é pressionada. Eu quero ter mais brio! (Frank, 2022, p. 101, em 05/02/43)

Anne lutou para ter mais brio, e, movida por toda sua sensibilidade, vitalidade e criatividade, tinha fortes atitudes. Sabia o que queria e agia. Quando soube da convocação que o ministro Bolkenstein fez pela rádio para que o povo holandês guardasse suas cartas, ela tratou de organizar tudo para uma futura publicação (Metseler, 2016). “Imagine como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto” (Frank, 2022, p. 272, em 29/03/44).

O *fazer* de Anne estava totalmente conectado ao *ser*. Para Winnicott, o *fazer* associa-se ao elemento masculino, que é originalmente associado à luta travada pelo bebê para distinguir *eu* e *não-eu*. “Faz parte do processo de separação”. (Abram, 2000, p. 94). “O elemento masculino *faz*, ao passo que o elemento feminino *é*” (Winnicott, 1975, p. 115).

A ilusão e o processo criativo

“O papel é mais paciente do que as pessoas” (Frank, 2022, p. 19, 20/06/42).

De acordo com Santos (2012), “a escrita é também um processo criativo e uma forma de expressão emocional a partir da criação” (p.25). Inspirado nas concepções de Bion, o autor cita que “a escrita, tal como a capacidade de *rêverie* materna, pode permitir que o sujeito experimente estabilidade, bem-estar e constância” (p. 30).

Anne, para sobreviver ao caos da guerra e da própria adolescência, precisou fazer uso do diário com seus rabiscos, circulando entre o seu mundo subjetivamente concebido e o mundo objetivamente percebido. E, como sugere Dias (2003), uma terceira área de experiência. “O lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente” (Winnicott, 1975, p.139).

O caderno e a personagem Kitty, então, habitavam um espaço transicional.

Até agora você tem sido um grande apoio pra mim, como também tem sido Kitty, para quem tenho escrito com regularidade. Esse modo de manter um diário é bem melhor, e agora mal posso esperar os momentos de escrever em você. Ah, estou tão feliz de ter você comigo! (Frank, 2022, p. 13, em 28/09/42).

Para Winnicott (1975), a criatividade “relaciona-se ao estar vivo” (p. 98). “É através da apercepção criativa [...] que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida” (p. 95).

Pra mim, é praticamente impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte [...] E, mesmo assim, quando olho para o céu, sinto de algum modo que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que a paz e a tranquilidade voltarão. Enquanto isso, devo me agarrar aos meus ideais. Talvez chegue o dia em que eu possa realizá-los! (Frank, 2022, p. 365-366, em 15/07/44).

Em meio a angústias, dilemas e desafios, Anne manteve a esperança, esperança essa que brotou de sua espontaneidade, de seu *self*, de seu elemento feminino. “E tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se [...] se não houvesse mais ninguém no mundo” (Frank, 2022, p.370, em 01/08/44). Estas foram as últimas palavras escritas no diário.

O desfecho

Ninguém é independente do meio, e existem condições

ambientais que destroem o sentimento de liberdade mesmo naqueles que poderiam gozá-lo. Uma ameaça prolongada poderia minar a saúde mental de qualquer pessoa e [...] a essência da crueldade é destruir no indivíduo aquele grau de esperança que faz algum sentido a partir do impulso criativo e do viver e pensar criativos. (Winnicott, 1999, p. 242)

Anne esperava publicar seus escritos, mas não conseguiu ver sua comunicação compartilhada. A família capturada permaneceu por 10 meses nos campos de concentração: mulheres e homens foram separados. Elas passaram frio e fome. A mãe fez de tudo para conseguir comida extra para suas filhas, e ficou desesperada ao ter que se separar delas. As duas irmãs acabaram falecendo de tifo (Metseler, 2016). E a mãe também veio a falecer. O pai ficou muito abalado com as mortes, pois tinha esperança de encontrá-las em vida. Um amigo lhe entregou os escritos de Anne. Depois de ler, Otto disse: “Eu não fazia nenhuma ideia da profundidade de seus pensamentos e sentimentos” (Metseler, 2016, p. 202).

O pai passou a lutar pela sua publicação do diário. E em 25 de julho de 1947 foi publicado pela primeira vez, e desde então novas edições vem surgindo e percorrendo o mundo. A casa foi transformada no “Museu Anne Frank”. Definitivamente, Anne sobreviveu através de seu diário.

REFERÊNCIAS

- Abram, J. (2000). *A linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.
- Blos, P. (1996). *Transição adolescente*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Frank, A. (2022). *O diário de Anne Frank*. Rio de Janeiro: Best

Bolso.

Dias, E. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.

Medioli, C. G. (2010). Sexualidade na adolescência – o despertar de Anne. *Reverso*, 60, 31-34

Metseler, M. (2016). *Anne Frank – sonhar, pensar, escrever*. Amsterdam: de Anne Frank.

Piai, R. B. C. (2016). Os papéis exercidos pela família e a relação mãe e filha a partir do diário de Anne Frank. Recuperado de <https://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20211109141112.pdf>. Acesso em 06/08/22.

Santos, M. M. (2012). Um olhar sobre o “Diário de Anne Frank”. (Tese de mestrado, ISPA: Instituto Universitário Ciências Psicológicas, Sociais e da vida). Recuperado de <https://core.ac.uk/download/pdf/70652147.pdf>. Acesso em 06/08/22.

Winnicott, D. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

Winnicott, D. (1988). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Winnicott, D. (1997). *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo: Martins Fontes.

Winnicott, D. (1999). *Tudo começa em casa*. São Paulo: Martins Fontes.

QUANDO A VIDA NÃO VALE A PENA SER VIVIDA: A RELAÇÃO ENTRE O FALSO *SELF* E O RISCO DE SUICÍDIO¹

WHEN LIFE IS NOT WORTH LIVING: THE RELATIONSHIP
BETWEEN THE FALSE SELF AND THE RISK OF SUICIDE

ISABELLA DOS SANTOS RIBEIRO²
CARLOS AUGUSTO PEIXOTO JUNIOR³

Resumo

O presente trabalho visa traçar, valendo-se do pensamento winnicottiano, o percurso necessário para o processo de amadurecimento emocional e examinar o risco de suicídio nos indivíduos que não puderam contar com um ambiente suficientemente bom, ou seja, vivenciaram falhas ambientais precoces. Para isso, analisaremos o conceito de falso self e o sentimento de que a vida não vale a pena ser vivida tão presentes nesses casos. Por fim, discutiremos o lugar do analista nessa clínica tão específica e pontuaremos possíveis manejos.

Palavras-chave: falso self, suicídio, falha ambiental

Abstract

The present work aims to trace, using Winnicott's thought,

1 Trabalho originalmente produzido para o XVI Encontro Brasileiro sobre o pensamento de Donald Winnicott.

2 Psicóloga pela Universidade Federal Fluminense. Mestra em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Este trabalho teve apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES/PROSUC). E-mail: isasantosribeiro@hotmail.com

3 Doutor em Saúde Coletiva pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). E-mail: cpeixotor@terra.com.br

the path necessary for the process of emotional maturation and to examine the risk of suicide in individuals who could not count on a sufficiently good environment, that is, who experienced early environmental failures. For this, we will analyze the concept of false self and the feeling that life is not worth living so present in these cases. Finally, we will discuss the place of the analyst in this very specific clinic and point out possible managements.

Keywords: false self, suicide, environmental failure

O tema do suicídio é um assunto delicado e difícil de ser abordado academicamente, apesar de identificarmos em nossa clínica um crescente número de pessoas que apresentam fortes ideias suicidas, que buscam atendimento após uma tentativa não exitosa e/ou que tentam o suicídio no percurso de análise. Todavia, os casos dessa prática estão presentes em toda a história ocidental e ocupam diferentes lugares de acordo com a cultura vigente (Minois, 2018).

Não é por acaso que esse tema é abordado por diferentes campos do saber. A Literatura, nesse sentido, contribui para nossa reflexão, já que, após a pergunta norteadora introduzida por Shakespeare, em Hamlet, em 1600, “ser ou não ser eis a questão”, a discussão ganhou novos contornos, pois há um questionamento se a vida vale a pena ser vivida ou não (Minois, 2018). No entanto, “os séculos XIX e XX fizeram o suicídio se esconder no silêncio, sob o inquestionável dever de viver. Paradoxalmente, as ciências humanas e sociais reergueram o tabu do silêncio em torno do suicídio” (Iannini, 2021, pp. 11). Embora o tema ganhe destaque nas discussões, inclusive acadêmicas, na campanha do Setembro Amarelo, data que é mundialmente conhecida pela prevenção do suicídio, acreditamos que não podemos resumir essa discussão a um único mês

do ano e de maneira alguma deixar em segundo plano nessa questão que valorizar a vida, slogan tão difundido nas campanhas do Setembro Amarelo, não é negar a morte.

O suicídio é um grave problema de saúde pública e, aqui em nosso país, o último boletim epidemiológico assinalou que, “entre 2010 e 2019, ocorreram no Brasil 112.230 mortes por suicídio, com um aumento de 43% no número anual de mortes – de 9.454 em 2010, para 13.523 em 2019” (Brasil, 2021, pp. 2). Mesmo que as taxas sejam consideradas baixas, é a terceira maior causa de morte entre jovens no país, sendo suplantadas apenas por acidentes automobilísticos e homicídios. Aqui vale recorrer ao pensamento de Cassorla (2017, pp. 11), ao nos mostrar que o termo suicídio significa “morte de si mesmo”, e nos alertar que essa definição pode ser inconsistente quando nos deparamos com sujeitos que acabam se colocando em inúmeras situações de risco, como uso abusivo de álcool e de outras drogas, direção proposital sob efeito de alguma substância e muitas outras maneiras que são colhidas em nossa clínica diariamente.

Recentemente uma matéria da *Folha de S. Paulo* ganhou destaque nas redes sociais, pois publicou a seguinte manchete: “Brasil vive '2ª pandemia' na saúde mental, com multidão de deprimidos e ansiosos: Suicídios sobem sem parar, segundo Datasus, e matam mais que acidente de moto, na contramão do resto do mundo” (Barbon & Vizoni, 2022). A matéria aponta para dados epidemiológicos pertinentes e ressalta que a região Sul do país concentra as maiores taxas de suicídio, além de registrar o aumento de casos na população indígena e na população LGBTQIA+, apesar desses dados, temos poucas pesquisas que falam sobre o risco de suicídio referente a esses grupos específicos.

Dito isso, a proposta deste trabalho é pensar o risco de suicídio na obra winnicottiana, e acreditamos que o conceito de fal-

so self pode enriquecer essa discussão. Winnicott (1945/2021) descreveu um longo caminho a ser percorrido para ocorrer o amadurecimento emocional primitivo de modo satisfatório ao lactente. Para ele, o bebê precisa de um ambiente suficientemente bom para se tornar uma pessoa integrada, com uma membrana limitadora do mundo interno e externo, sendo capaz de reconhecer objetos identificados como sendo eu e não eu e de se relacionar com eles.

Durante o estágio inicial da vida, o lactente vive como ser não integrado, sendo o processo de integração iniciado assim que nasce, mas isso depende dos cuidados concedidos pelo ambiente. Nesse momento do amadurecimento emocional primitivo, o bebê encontra-se no estágio de dependência absoluta dos cuidados maternos e do holding. No entanto, falhas ambientais podem ocorrer nesse período muito precoce, e isso terá efeitos que poderão ser mais ou menos grave (Winnicott, 1960/2007).

Logo, em casos de falhas excessivas do ambiente, o bebê não tem a oportunidade de estabelecer um verdadeiro self, ele pode parecer real, mas não o é de fato (Winnicott, 1960/2007). Essas crianças podem crescer e conquistar uma vida adulta até bem-sucedida, mas não se sentirão plenas, pois não conseguirão acessar o verdadeiro self que pode seguir vida afora dissociado e submetido ao predomínio do falso self.

Seguindo essa linha de raciocínio, Winnicott (1960/2007) nos diz que o conceito de self não é novo, porém busca compreendê-lo por um viés psicanalítico. Abram (2000) nos alerta que o pediatra e psicanalista inglês, no decorrer de sua obra, faz uma distinção entre os conceitos de ego e self, todavia essa diferença não é clara e acrescenta: “para Winnicott, o termo self apresenta-se essencialmente como uma descrição psicológica de como o indivíduo se sente subjetivamente, sendo o

‘sentir-se real’ o que coloca no centro do sentimento de self” (Abram, 2000, pp. 220, grifos da autora).

No texto intitulado *Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro self*, de 1960, o autor faz referência a uma paciente de meia idade, mas com relato de não ter começado a existir. Essa passagem ilustra clinicamente os pacientes que chegam a nossos consultórios e que apresentam uma vida baseado no falso self. A etiologia do predomínio do falso self encontra-se nas primeiras relações objetais (Winnicott, 1960/2007), ou seja, estamos pensando em um momento muito precoce no processo de amadurecimento emocional.

Nesse ponto, vale fazer uma breve retomada de outro importante conceito na teoria winnicottiana que é a mãe suficientemente boa, pois, para o autor, é no momento de dependência absoluta dos cuidados ambientais que tem origem o falso self (Winnicott, 1956/2021). Segundo essa ideia, a mãe suficientemente boa é capaz de alimentar a onipotência de seu bebê e, desse modo, ele poderá experimentar o momento de ilusão, ou seja, do ponto de vista do infante, ele é criador da realidade externa, e isso é de suma importância, pois, “periodicamente um gesto do lactente expressa um impulso espontâneo; a fonte do gesto é o self verdadeiro, e esse gesto indica a existência de um self verdadeiro em potencial” (Winnicott, 1960/2007, pp. 133). Por outro lado:

A mãe que não é suficientemente boa não é capaz de complementar a onipotência do lactente, e assim falha repetidamente em satisfazer o gesto do lactente; ao invés, ela o substitui por seu próprio gesto, que deve ser validado pela submissão do lactente. Essa submissão por parte do lactente é o estágio inicial do falso self, e resulta da incapacidade da mãe em sentir

as necessidades do lactente (Winnicott, 1960/2007, pp. 133).

Portanto, indivíduos que desenvolvem um falso self patológico são aqueles os quais não puderam contar com um ambiente suficientemente bom no início de suas vidas. Acreditamos, assim, que, na clínica com pacientes com risco de suicídio, esse self possa estar estilhaçado por um ambiente não suficientemente bom, isto é, traumático em sua constituição. Assim, Winnicott explicita:

A mãe que não pode se adaptar suficientemente bem, o lactente é seduzido à submissão, e um falso self submisso reage às exigências do meio e o lactente parece aceitá-las. Através deste falso self o lactente constrói um conjunto de relacionamentos falsos, e por meio de introjeções pode chegar até uma aparência de ser real, de modo que a criança pode crescer se tornando exatamente como a mãe, ama-seca, tia, irmão ou quem quer que no momento domine o cenário. O falso self tem uma função positiva importante: ocultar o self verdadeiro, o que faz pela submissão às exigências do ambiente (Winnicott, 1960/2007, pp. 134).

Winnicott (1960/2007) ainda descreve algumas condições do falso self e nos aponta um importante caminho para pensar a clínica com sujeitos que trazem o suicídio como questão. Ele diz: “suicídio nesse contexto é a destruição do self total para evitar o aniquilamento do self verdadeiro. Quando o suicídio é a única defesa que resta contra a traição do self verdadeiro, então se torna tarefa do falso self organizar o suicídio” (Winnicott, 1960/2007, pp. 131).

De forma complementar, Faria (2007) nos convoca a pensar que esses indivíduos estão sempre na iminência de realizar algo, no entanto, isso não ocorre, ou seja, estão “numa vida que ainda não se tornou vida, o ser permanece suspenso sobre o abismo do aniquilamento, na expectativa de que o falso si-mesmo cumpra sua função de possibilitar a emergência do verdadeiro si-mesmo. (Faria, 2007, pp. 25). Assim, o falso self funciona como uma defesa que protege e oculta o verdadeiro self. E, paradoxalmente, o suicídio pode vir a ser um gesto espontâneo para evitar o aniquilamento do verdadeiro self que permaneceu oculto e eclipsado durante toda a vida (Winnicott, 1960/2007, Faria 2007) daí o sentimento de irrealidade, de um vazio difícil de nomear e o sentimento de que a vida não vale a pena ser vivida, uma vez que “o ser humano que busca, de alguma forma, antecipar o inevitável fim de sua existência está lançado desde sua condição de ter de viver uma não vida, na mais aterradora e impensável agonia” (Faria, 2018, pp. 36).

Nesse sentido, quando ouvimos em nossa clínica indivíduos com risco de suicídio, é necessário estarmos advertidos de que a questão traumática no início das relações objetais deve estar em análise, na medida em que o verdadeiro self acaba ficando protegido, encapsulado, podendo chegar à radicalidade de ficar inacessível, havendo poucas trocas com o meio. Assim, na clínica, serão aqueles pacientes que apresentam poucas associações e dificuldade em falar de si, com pouca simbolização.

Avançando em nossa discussão, a vida que vale a pena ser vivida é pautada no gesto espontâneo, e isso só é possível graças à possibilidade de contar com um ambiente suficientemente bom no início da vida. Entretanto, quando isso não é possível, alerta-nos Winnicott (1960/2007) que o infante pode até sobreviver, mas sobrevive falsamente. Ou seja, perde-se a espontaneidade e há uma racionalidade que se adapta às ne-

cessidades do ambiente, havendo, assim, uma submissão a ele.

Desse modo, o ambiente em que nasce e vive uma criança exercerá um papel muito importante em sua história de vida, podendo ser suficientemente bom, intrusivo ou excessivo. Os desdobramentos do que ocorre nesse período fundamental do amadurecimento emocional irá, de alguma forma, aparecer na clínica, seja com crianças, seja com adolescentes, seja com adultos, seja com idosos. Com isso, esses fatores nos convocam a problematizar nosso lugar enquanto analistas, a fim de não reproduzirmos o trauma já estabelecido nos nossos analisandos. Sob esse viés, afirma Ferenczi:

Mas, no momento de um novo traumatismo, muito mais forte, o santo protetor deve confessar sua própria impotência e seus embustes bem-intencionados a criança martirizar, e nada mais resta, nessa altura, senão o suicídio, a menos que no derradeiro momento, se produza algo de favorável na própria realidade. Essa coisa favorável a que nos referimos em face ao impulso suicida, é o fato de que nesse novo combate traumático o paciente não está inteiramente só. Talvez não lhe possamos oferecer tudo o que lhe caberia em sua infância, mas só o fato de que possamos vir em sua ajuda já proporciona o impulso para uma nova vida (Ferenczi, 1934 [1931-1932]/1992, pp. 117).

Sendo assim, apostamos em uma vida que vale a pena ser vivida e, para isso, consideramos ser pertinente uma psicanálise que não esteja pautada em grandes interpretações, mas que permita uma confiabilidade no setting analítico (Dias, 2014), além disso:

O psicoterapeuta precisa ser capaz de sentir-se suficientemente transtornado para sentir pelo paciente e, ao mesmo tempo, suficientemente sadio para pensar com ele, até que o ego do próprio paciente – seu self pensante – cresça o suficientemente para fazê-lo por si mesmo (Alvarez, 1936/2020, pp. 12).

Isso deve ocorrer, para que o sujeito conquiste fases do amadurecimento emocional que não foram possíveis no período de sua infância. E, ainda, a fim de que o analista não repita o trauma, ao desacreditar do sujeito, pois:

Quando tudo falhar e toda a técnica parecer esboroar-se frente à iminência do fim, deverá restar a experiência da presença do analista, que permanecerá para além dos significados e das palavras, junto, vivo e ativamente presente. Sendo um pouco como a mãe boa comum, que vê todos os sentidos do humano na experiência primitiva do bebê, que ainda não se humanizou (Faria, 2007, pp. 27).

Portanto, como proposto por Ferenczi (1929/1992), o bebê, quando não é bem-vindo à sua família, precisa suportar a intolerância psíquica dos pais e pode não ser beneficiado por uma psicanálise que reforce essa indisponibilidade. Então, podemos retomar o conceito de preocupação materna primária (Winnicott, 1956/2021), aqui pensando o lugar do analista como uma metáfora para essa mãe dedicada comum, e poder “resgatar o fio da vida através do fio da palavra” (Ianinni, 2021, pp. 16) e, assim, construir junto com nossos analisandos um modo menos desastroso de estar vivo.

Sendo assim, acreditamos que indivíduos que apresentam

o risco de suicídio são, de modo geral, essas pessoas marcadas por falhas ambientais primitivas e não puderam estabelecer um verdadeiro self. Por isso, como já dito, são pacientes com pouca simbolização e dificuldade em verbalizar o que estão sentindo de associar livremente e elaborar suas questões. Talvez, por esse motivo, o ato suicida pode ser uma via para extinguir o sofrimento psíquico tão intenso e mortífero, instigando o manejo na clínica a ofertar uma possibilidade de vir a ser, pois muitos dos nossos pacientes irão experimentar, pela primeira vez em suas vidas, o holding e o ambiente suficientemente bons no setting analítico, ou seja,

(...) se, por um lado, as sensações de fragilidade e desamparo conduzem ao desespero, por outro, o traço mais forte do holding é dar apoio à ilusão de ter poder. Mesmo na vida adulta, é preciso manter certo grau de crença na onipotência para compensar a desigualdade entre as dificuldades da vida cotidiana e os recursos de que disponibilizamos para enfrentá-las. O holding garante, pois, uma reserva de onipotência necessária à vida para que se sinta esperança no futuro (Cintra, 2003, pp. 41-42).

Logo, podemos compreender o holding como a mãe ambiente – uma presença que não se faz notar, que oferece o suporte através do cuidado e pensar isso como uma metáfora para a função do analista (Winnicott, 1967/2019, Cintra 2003). Compreendemos que essa não é uma tarefa nada simples, sobretudo quando estamos diante de pessoas que já perderam todas as esperanças e não acreditam mais na possibilidade de continuar a ser. Contudo, reconhecendo toda a complexidade do tema, apostamos em uma clínica que possibilite reduzir

pelo menos um pouco o sofrimento psíquico do paciente de modo a fortalecer nele o sentimento de que a vida vale a pena, o que a torna mais digna de ser vivida.

REFERÊNCIAS

Abram, J. (1996). *A Linguagem de Winnicott*. Rio de Janeiro: Revinter.

Alvarez, A. (1936/2020). *Companhia Viva*. São Paulo: Blucher.

Barbon, J. & Vizoni, A. (2022) Brasil vive '2ª pandemia' na saúde mental, com multidão de deprimidos e ansiosos. In: Folha de São Paulo, 17 de julho de 2022.

Brasil. Ministério da Saúde (2021) Boletim Epidemiológico – Secretaria de Vigilância em Saúde. Ministério da Saúde. Volume 52, nº33, setembro/2021.

Cintra, E. M. U. (2003). As funções anti-traumáticas do objeto primário: holding, continência e rêvieri. In: *Tempo Psicanalítico*. 35, pp. 37-55.

Dias, E. O. (2014). *Interpretação e Manejo na Clínica Winnicottiana*, São Paulo: DWW editorial.

Faria, F. D. M. (2007) A questão do suicídio na teoria de D.W. Winnicott. In: *Winnicott e-prints*, São Paulo, vol 2, n1.

_____. (2018) Algumas considerações sobre a questão da transferência e da contratransferência na clínica do suicídio. In: *Revista Natureza Humana*, v 20, pp. 34-43. São Paulo.

Iannini, G. (2021). (Orgs) *Vamos falar sobre suicídio?* 1º edição; São Paulo: Cult Editora.

Minois, G., A (2018) *História do Suicídio: a sociedade ocidental diante da morte voluntária*. São Paulo: editora Unesp.

Winnicott, D.W. (1945/2021). *Desenvolvimento Emocional Primitivo*. In: Winnicott, D. W. *Da pediatria à psicanálise*. (pp. 281-299). São Paulo: Ubu editora.

_____. (1956/2021) *A preocupação materna primária*. In:

Winnicott D. W. Da pediatria à psicanálise. (pp. 493 – 501) São Paulo: Ubu editora.

_____. (1960/2007) Distorção do ego em termos de falso e verdadeiro “Self”. In: Winnicott, D. W. O Ambiente e os Processos de Maturação. (pp. 128-144) Porto Alegre: Artmed.

_____.(1967/2019). O papel de espelho da mãe e da família no desenvolvimento infantil. In: O brincar e a realidade. (p. 177-188). São Paulo: Ubu Editora: 2019.

Ferenczi, S. (1923/1992). O sonho do bebê sábio. In: Obras Completas, Psicanálise III, (pp. 223-224). São Paulo: Martins Fontes.

_____. (1934 [1931-1932]/1992). Reflexões Sobre o Trauma. In: Obras Completas Psicanálise, v. IV. (pp. 110 – 117). São Paulo: Martins Fontes.

DE NAZARÉ A PADILHA: O SAGRADO E O PROFANO DE SER MARIA¹

FROM NAZARÉ TO PADILHA: THE SACRED AND THE PROFANE OF BEING MARY

LARISSA MENEZES SANTOS BEZERRA²

Resumo

O presente artigo tem como objetivo trazer referências da imagem feminina na sociedade e como a liturgia religiosa contribuiu de forma negativa no estereótipo da mulher. Sob ótica de Donald Winnicott, discute as representações de mulheres como Maria de Nazaré, Maria Madalena, Maria Padilha e Marielle Franco e procura entender por que a mulher transita em características ora vultosas, ora promíscuas. A proposta é analisar a ótica cristã que permanece até os dias atuais e como isso motivou a forma que o sexo feminino é visto e tratado, problematizando as práticas machistas e patriarcais que auxiliaram em como, hoje, podemos enxergar o que é sagrado e profano quando tangenciamos o elemento feminino.

Palavras-chave: Sagrado. Profano. Mulher. Sociedade.

Abstract:

The present article aims to bring references of the female image in society and how the religious liturgy has contributed in a negative way to the stereotype of women. From Donald Winnicott's point of view, it discusses the representations of women such as Mary of Nazareth, Mary Magdalene, Mary Padilla and Marielle Franco and seeks to understand why wom-

1 Trabalho apresentado como requisito de obtenção do grau de Bacharel em Psicologia na Universidade Santa Úrsula.

2 Bacharel em Psicologia pela Universidade Santa Úrsula, Rio de Janeiro. Email: larissa_menezeslm@hotmail.com. Telefone: (21) 99937-9551

en are sometimes vulturous and sometimes promiscuous. The proposal is to analyze the Christian view that remains until today and how this motivated the way the female gender is seen and treated, problematizing sexist and patriarchal practices that helped in how, today, we can see what is sacred and profane when we touch the female element.

Key-words: Sacred. Profane. Woman. Society.

1. Introdução

A mulher luta por seu caminho de igualdade há séculos. Por conta do histórico de opressão sofrido e difícil de ser superado em tão pouco espaço de tempo, as mulheres permaneceram atrás, muito longe de atingirem a igualdade social em relação aos homens.

O início no mercado de trabalho foi uma grande evolução para a conquista da independência, visto que, após vários séculos, seu único papel na sociedade era voltado à família. Sendo assim, construir-se economicamente era um passo para sua emancipação. Apesar de em tempos de República no Brasil e a dualidade Constituição e Religião ainda negligenciarem os direitos das mulheres, a luta e a busca por liberdade seguem constantes na sociedade contemporânea. Hoje, os objetivos são outros, como escolher o próprio destino, decidir sobre o próprio corpo, a própria roupa e a própria vida.

Dentre essas mulheres, cito três que exemplificam o quanto o machismo dinamizou a lógica “ora Deusas, ora Satã”, conforme as escolhas e o comportamento da mulher, sujeitando-as à subalternidade. A primeira representação feminina é a de Maria, mãe de Jesus, construída pela igreja e como ela informou o papel social da mulher numa sociedade judaico-cristã. A segunda, a de Maria Madalena, que representa a força vultosa e o amor leal, e como e por que os fiéis por muito tempo a

abominavam. A terceira, a de Maria Padilha, a representação de provocação e desobediência, da negação da submissão, o espírito-mulher da denúncia; nela vive o sagrado e o profano de ser mulher.

Existem outras milhares de mulheres que são exemplos desse silenciamento que corroboram nas interferências do que foi dito como certo ou errado para o público feminino. Marielle Franco, Maria da Penha (Lei Maria da Penha), Anastácia, Dandara dos Palmares, Maria Mulambo, dentre tantas outras que expressaram sua força e ânsia de dias melhores para suas filhas, netas, bisnetas, para as novas gerações de meninas que viriam a surgir. Independente do tempo e espaço, o que há de comum em todas é o sofrimento e o desejo de justiça e igualdade.

2. Análise das implicações: ferramenta de liberdade e potência

Para pensar e escrever um artigo que poderia ser julgado erroneamente, utilizei a ferramenta da Análise de Implicações. Segundo Lourau (1975, citado por Coimbra & Nascimento, 2008), o intelectual estará implicado nas suas pertencas e referências institucionais – “onde possamos nos situar nas relações em geral, em vez de nos fixarmos cristalizados numa posição pseudocientífica”. A Análise de Implicações é um romper do saber engessado institucional, e, como escrita para uma Instituição de Ensino, com suporte, embasamento e ética. Por isso, traz-se para o campo da análise: sentimento, percepções, ações, acontecimentos até então considerados impróprios, como desvios, e erros que impediriam uma pesquisa/intervenção de ser bem sucedida.

A ferramenta de análise de implicações ampliou segundo as contribuições trazidas por Deleuze (1996 citado por Coimbra & Nascimento, 2008). Ele percebe os objetos, os sujeitos e

as práticas como “máquinas de fazer ver e de fazer falar”, ou seja, utilizar a análise é tornar visível e audível as forças que nos atravessam, afetam, potencializam e nos constituem cotidianamente, sem esta questão deixar de ser micropolítica. Antes, existiam questões que não poderiam ser respondidas; hoje, existem questões que não temos a pretensão de responder, mas que, a partir da análise de implicações, tornam-se possíveis.

A todo momento, estou completamente implicada em cada palavra escrita. Como Luiz Gonzaga Jr. (1980) cantou em “Sangrando”:

*Quando eu soltar a minha voz
Por favor, entenda
Que palavra por palavra
Eis aqui uma pessoa se entregando
Coração na boca
Peito aberto
Vou sangrando
[...]*

É exatamente esse sangrar, em essência feminina, que estas palavras vêm demonstrar a dor, mas também o amor. Em ser mulher, em ser melhor, em “Ser”. Winnicott trouxe, em sua teoria a psicossomática, a ideia que vai ao encontro de todo o processo que vivenciei neste trabalho:

Temos, então, no processo de integração, por um lado, a urgência da vida e sua série infindável de instintos a serem satisfeitos, e, por outro, o holding materno/ambiental que permite que essas satisfações ocorram de uma forma a menos traumática possível, fornecendo-lhes significados, sentidos e contornos ao sem-senti-

do originário. Do encontro entre esses dois planos um movimento em direção à subjetivação é colocado em marcha. Movimento que inaugura a constituição de uma malha, de uma trama, na qual o que se verifica é a paulatina significação das sensações corporais. Funda-se aqui, na perspectiva de Winnicott, a inserção da psique na soma, isto é, rudimentos a partir dos quais um psicossoma se estabelece prevendo a possibilidade de cada um de nós em nos apoderarmos de uma sensação que se vive no próprio corpo. (Winnicott, citado por Maia & Pinheiro, 2010)

Parafraseando a música de Gonzaguinha, este “vou sangrando” é, para além do poético, quando, após todas as sensações angustiantes durante o processo de escrita se fundaram, consegui vivenciar o fluxo do ciclo menstrual no meu próprio corpo. O fluxo de ideias incorreu conjuntamente com meu ciclo, os fluxos gravitaram em meus afetos e meu corpo pensante, como diria o filósofo Baruch Spinoza, preparou-se e compreendeu que era afetado por todas as Marias às quais evoquei. Foram diversas as dificuldades para escrever este artigo e, a partir de algumas conversas e sentidos contextualizados, este fluxo de ideias e de sangue realmente se tornaram presentes.

3. Referencial teórico

No texto “A contribuição da mãe para a sociedade”, Winnicott (1957) permite eclodir a sua sensibilidade ao falar da mulher. Num mundo onde as narrativas de grandes autores, na sua grande maioria homens, a exceção de um que se permite ao olhar sensível e inovador do feminino e do infantil, coloca-nos como confortáveis apreciadores de sua obra. O papel da mãe é prover o bebê de um ego auxiliar que lhe permita integrar suas

sensações corporais, os estímulos ambientais e suas capacidades motoras nascentes.

A mãe é, para além de um corpo que concebe uma criança, um dos seres necessários para o desenvolvimento dela. Ela é mãe, mulher, filha, esposa, dona de casa, empresária. É um ser em continuidade e em busca de si mesma, bem como de tantos outros adjetivos que a atribuírem a partir de suas escolhas. E, quando crianças, somos totalmente dependentes dos seus cuidados para sobreviver. Esta mulher é tão imensa, que às vezes amedronta. O medo da dominação, da ordem, da falta, do reconhecimento, da dependência – “o medo de mulher se transforma em medo de reconhecer a dependência.” (Winnicott, 1999). E esse é só um dos grandiosos papéis desempenhados pelas mulheres: ser mãe. E, como o próprio Winnicott (1999, p. 119) ressalta: “toda pessoa feliz tem um débito infinito para com uma mulher”. Débito este, segundo o autor, oriundo da ideia de que, na continuidade do ser, necessitamos, todos nós - mamíferos humanos - de outro ser, pois o bebê humano não existe e não sobrevive sem o apoio do outro. Somos marcas de outras pessoas que nos deram suporte (holding) nestes primeiros vislumbres da vida.

Escutei em certa ocasião a seguinte frase: “o filho é a única célula fora do corpo que dói”. E, por essa grandiosidade de gerar e proteger, a “mãe suficientemente boa” aparece:

De fato, pensamos que a obra de Winnicott não é ideológica. Seu trabalho foi dedicado ao reconhecimento e descrição da mãe que fazia bem a seu bebê e ao uso desse relacionamento como modelo do tratamento psicanalítico. Ao falar sobre “a mãe suficientemente boa” pretendeu ser compreendido e não copiado. A intenção não foi pedagógica, não pretendeu ensiná-las como

vir a ser, apenas descreveu o que observou e aprendeu na prática pediátrica e no deslocamento para a clínica psicanalítica da assistência social e coletiva. Winnicott quis tanto se dirigir às mães, talvez para protegê-las de uma puericultura que poderia limitá-las, uma pediatria que poderia ameaçá-las e uma psicanálise que poderia culpá-las. Apresentou-as àqueles que auxiliam mães e bebês para que, cedo ou tarde, conseguissem reconhecer uma boa mãe quando a vissem, e então se assegurassem de que elas tivessem toda a oportunidade de desempenhar sua tarefa, interferindo o menos possível nesse processo. (Lobo, 2008).

A mulher por natureza tem a sagrada oportunidade de gerar outra vida. Ela gera, concebe e cuida deste outro. Ela está intimamente ligada a este bebê, oferecendo cuidado e se adaptando às necessidades dele. Com isso, esta mãe facilita os processos de desenvolvimento desse bebê, que ainda não tem a possibilidade de estar totalmente em contato com o mundo externo, por conta de suas limitações. Por vezes, veremos essa mãe sendo dita como devotada, ou como Winnicott (1988, citado por Gutierrez, Castro & Pontes, 2011) usou em termo, a “mãe devotada comum”, pois o fato de haver vivenciado este tipo de relacionamento quando criança a torna capaz de regredir, identificar-se e, inconscientemente, resgatar o afeto deste amor primário. Sendo assim, apesar das dificuldades da maternidade, que de fato existem, o papel dessa mãe é muito louvável e zeloso e ela é “suficientemente boa” neste cuidado.

3.1 “Arreda, homem, que aí vem mulher”: o sagrado e o profano de ser Maria

É difícil permitir-se sangrar diante tantas podas. No colapso

atual, o COVID-19 foi uma delas. Num mundo que, ou nos silenciam, ou deturpam as nossas falas, escrever sobre mulher é um ato de resistência. Milton Nascimento (1978) descreveu Maria em sua canção sendo o som, a cor, o suor e a dose mais forte e lenta; mais de quarenta anos depois desse lançamento, toda mulher segue sendo essa “cachaça pura que desce queimando devagar”.

A humanidade, ao longo dos séculos, adorou e temeu o que não conseguia explicar e as criaturas capazes de gerar vida, conhecedoras dos segredos da fertilidade, que plantavam e colhiam, e cuja própria vida era governada por ciclos sangrentos dos quais sobreviviam, só poderiam ser vistas como detentoras de poderes sobrenaturais. Mulheres que, como amantes, mães ou filhas, eram associadas ora às Deusas, ora a Satã. (Lobo, 2008)

Mesmo diante de sua força eminente, o fato de a mulher ser biologicamente diferente do homem a colocou em posição de fragilidade, vulnerabilidade e desrespeito. O ciclo menstrual foi visto pela Igreja e pelos homens, por muito tempo, como algo ruim, imundo e venenoso e, por conta disso, as mulheres se isolavam nesse período, pois eram tratadas como impuras. Esse discurso já havia no Antigo Testamento, em Levítico, 15:19-24, cujo nome do versículo é “As impurezas da mulher”:

Quando uma mulher tiver seu fluxo de sangue, ficará impura durante sete dias: qualquer um que a tocar será impuro até a tarde. Todo móvel em que ela se deitar durante sua impureza será impuro, e igualmente aquele em que ela se assentar. Quem tocar em sua cama lavará suas vestes, banhar-se-á em água, e ficará impuro até a

tarde. Aquele que tocar em um móvel onde ela se tiver assentado lavará suas vestes, banhar-se-á em água, e ficará impuro até a tarde. Aquele que tocar num objeto encontrado na sua cama ou no móvel onde ela se assentou será impuro até a tarde. Se alguém dormir com ela, e for tocado por sua impureza, será impuro durante sete dias, e toda cama na qual se deitar será impura. (Lv, 15,19-24)

A partir desta reflexão, a liturgia religiosa, como formadora de opinião de incontáveis fiéis, seria uma grande contribuinte para a visão distorcida e maneira negativa que o sexo feminino é visto e tratado?

A inferioridade da mulher no cristianismo foi justificada especialmente pelas Epístolas de São Paulo e pelo relato do Gênesis, com a criação do mito de Eva e a expulsão do paraíso. O Gênesis mostra que Deus teria criado Eva a partir de Adão, o que justificava, para a Igreja, a submissão da mulher ao homem, e, tendo sido criada a partir de um osso curvo da costela de Adão, o espírito da mulher revelava esse desvio, sendo traiçoeiro desde a sua origem. Eva, com seu desejo abrasador de conhecimento do Bem e do Mal, ao consentir ser seduzida pelo Diabo, leva Adão consigo, tornando-se responsável pela perdição moral do homem. Dessa forma, a mulher, além de ser um ente negativo, representava uma tentação incessante, devendo os homens evitá-la, para continuar com seu espírito intacto, livre do pecado e da danação eterna. (Gevehr & Souza, 2014, p. 114)

No livro de Gênesis, 3:16, encontramos: “Disse também à mulher: ‘Multiplicarei os sofrimentos de teu parto; darás à luz

com dores, teus desejos te impelirão para o teu marido e tu estarás sob o seu domínio”. O trecho se refere à condenação de Eva após pecar no paraíso. Não bastasse todo esse sofrimento, o que viria pela frente, Eva, ou qualquer outra mulher não poderiam esperar mal pior. Silvia Lobo descreve essa potência de mulher:

[...] o longo caminho percorrido, através dos tempos, pelas representações sobre a mulher, que criada da costela de um homem foi amada como santa e inseminada por obra divina, que queimada como bruxa e perseguida como feiticeira, foi inspiradora como musa e desejada como objeto de luxúria, que idealizada como mãe abnegada tem sido necessária como companheira do homem. (Lobo, 2008)

Simone de Beauvoir (1970) propõe que o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, e que, nesse sentido, ela não é considerada um ser autônomo. E negar a uma mulher sua autonomia, é retirar todos os direitos que a caracterizam como pessoa, cidadã, indivíduo, isto é, tudo o que distingue uma pessoa de uma coisa. A consequência disso gera a disseminação de uma ótica masculina misógina, a qual os homens pensavam como deveriam ser e se comportar. Ainda sobre a predominância do sexo masculino no âmbito religioso, Simone de Beauvoir traz:

Geralmente, em virtude do papel que assume a religião na vida das mulheres, a menina, mais dominada pela mãe do que o irmão, sofre mais, igualmente, as influências religiosas. Ora, nas religiões ocidentais, Deus Pai é um homem, um ancião dotado de um atributo especificamente viril: uma opulenta barba branca. Para os cris-

tãos, Cristo é mais concretamente ainda um homem de carne e osso e de longa barba loura. Os anjos, segundo os teólogos, não têm sexo, mas têm nomes masculinos e manifestam-se sob a forma de belos jovens. Os emissários de Deus na terra: o papa, os bispos de quem se beija o anel, o padre que diz a missa, o que prega, aquele perante o qual se ajoelham no segredo do confessionário, são homens. Para uma menina piedosa, as relações com o pai eterno são análogas às que ela mantém com o pai terrestre; como se desenvolvem no plano do imaginário, ela conhece até uma demissão mais total. A religião católica, entre outras, exerce sobre ela a mais perturbadora das influências. A Virgem acolhe de joelhos as palavras do anjo: “Sou a serva do Senhor”, responde. Maria Madalena prostra-se aos pés de Cristo e os enxuga com seus longos cabelos de mulher. As santas declaram de joelhos seu amor ao Cristo radioso. De joelhos no odor do incenso, a criança abandona-se ao olhar de Deus e dos anjos: um olhar de homem. (Beauvoir, 1967, p. 31-32)

A forma que o Clero enxergava as mulheres, fosse Maria Madalena no século VI (Chevitarese, 2013), ou na denominada “caça às Bruxas” no século XV (Santos & Destro, 2020), era praticamente a mesma. A Caça às Bruxas foi um movimento de repressão religioso na Europa. Era promovida pela Igreja Católica e perdurou por mais quatro séculos, matando milhares de pessoas, que na sua maioria eram mulheres. O objetivo era encontrar os ditos “hereges” para serem queimados nas fogueiras, por cometerem atos que desviavam do que a Igreja pregava. Foram instaurados os Tribunais da Inquisição, onde julgavam, perseguiram e puniam pessoas acusadas de se desencaminhar das normas de conduta da época.

As mulheres, desde sempre, foram detentoras de conhecimentos à parte dos homens. Na sociedade, carregavam um sentido de máxima importância, pois eram capazes de engravidar. Nelas, havia o poder de dar seguimento à vida na Terra. Além disso, desde os primórdios da humanidade, era papel da mulher criar e cuidar dos filhos, da casa e da família, e também transferir os conhecimentos sobre alimentação, plantio, natureza, estações do ano, animais e plantas perigosas. Neste processo, conseqüentemente aprenderam e ensinaram sobre os cuidados do corpo humano: febre, gripe, dor de dente e plantas medicinais. Estes conhecimentos foram passados de geração em geração, de mãe para filha, de professora para aluna, e essas mulheres, até então inferiorizadas pelos homens, começaram a reivindicar e questionar seu papel na comunidade. A Igreja dominada por ideias patriarcais percebeu uma ameaça.

Foucault analisou as formas de manifestação de poder na sociedade e seus efeitos a partir dos processos de individualização e subjetivação e, quando partimos de instituições como a Igreja, esse discurso se reforça.

A relação entre disciplina e vigilância pode ser analisada a partir da religião, mais especificamente a partir da Reforma Protestante, que produziu modificações importantes na mentalidade da população. Na teologia e na mentalidade religiosa católica popular, a instituição, seus sacramentos e seus rituais eram - e ainda são - a representação divina por excelência. A fórmula extra *Ecclesiam nulla salus* representa bem o poder da instituição católica, pois está calcado na interpretação de que a Igreja, fundada por Jesus, seria o meio de Graça e de Salvação da humanidade, logo, seus vigários seriam os olhos e a boca de Deus, tendo o poder de decretar o

perdão e a condenação. A vigilância, neste caso, era concreta. Weber faz uma interessante citação que corrobora com esta reflexão ao dizer: “A dominação católica – ‘que pune os hereges, mas é indulgente com os pecadores’, no passado mais ainda do que hoje” (WEBER, 2004, p.31). Se conseguisse enganar ou se esconder dos poderes da Igreja, estaria a salvo, mas se pego, condenado a morte. (Morais, 2017)

Entre 1974 e 1979, Michel Foucault desenvolveu o conceito de “biopoder”, que é o poder sobre a vida, a espécie. “A sociedade disciplinar é marcada pelo controle dos corpos individuais, em que sujeita os indivíduos por meio da vigilância e das normas.” (Morais, 2017). E foi exatamente isso que a Igreja Católica fez na Caça às Bruxas.

Se pensarmos nos dias atuais, a fogueira segue queimando além dos Tribunais da Inquisição. As bruxas, sendo o sexo feminino, ainda são caçadas e mortas. Ser jogada na fogueira torna-se inevitável quando se é mulher. Seja por dizer “não”, seja por usar uma roupa considerada curta, levantar a voz ou não cumprir o protocolo do companheiro, a mulher vive em perigo constante.

3.2 Maria, mãe de Jesus: bela, recatada e do lar

Maria de Nazaré não teve escolha ao descobrir que conceberia o filho de Deus. No Evangelho de Lucas 1:26-38, temos a Anunciação do nascimento de Jesus. No versículo 30-33 do mesmo capítulo:

O anjo disse-lhe:

[...]

Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de

Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus. Ele será grande e chamar-se-á Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de seu pai Davi; e reinará eternamente na casa de Jacó, e o seu reino não terá fim.” (Lc 1,30-33)

Além do fato de não ter opção, por ter sido a escolhida, um anjo enviado por Deus anunciou a geração de um embrião que havia em seu ventre. Mesmo diante deste cenário, por ser a genitora do grande profeta judaico-cristão, Maria seguiu com predicados ao longo dos séculos. Sua virtude, honra, castidade e temperança são características atribuídas.

Os papéis femininos, desde então, são muito bem definidos. A visão virtuosa de Maria era o exemplo perfeito para os homens castrarem as mulheres durante séculos. Para a mulher, havia uma casa para governar, um marido para fazer feliz e filhos para educar - suas relações se limitavam à casa - além de ser governada pelo pai, marido ou sogro. As meninas deveriam limitar-se a aprender a ler, escrever, contar, bordar e cozinhar, moldando e aperfeiçoando-se para seu futuro casamento. Apenas ao homem competia trabalhar e ser o provedor do sustento da família.

Aqui trago uma inquietação: teria a psicologia, sobretudo a psicanálise, corroborado na manutenção deste “status quo” a partir do ideário da propalada “inveja do pênis”, como manutenção de um discurso falocêntrico, onde o que se inveja é algo que alguém possui e isso perpassa, no imaginário, a sua conquista, e como ela adviria? A ideia da falta a partir desta perspectiva tem um dado histórico, o qual predomina o pensamento do patriarcado como horizonte seguido pelos discursos vigentes. Sigmund Freud é um autor de seu tempo, traz em seu discurso elementos de uma época em que as mulheres iniciaram as suas jornadas no mundo das ideias, sendo algumas de-

las precursoras da luta pelo direito ao voto, as sufragistas, por exemplo, ou mesmo aquelas que dão seus primeiros passos nos corredores acadêmicos, onde o “nível superior” até então não lhes era ofertado.

Apesar da figura maternal que ama e protege os filhos e zela pelo lar, a mulher, contraditoriamente, também foi tratada como inferior, uma propriedade de seu marido, alguém sem direito a escolha, como um ser indigno e, por vezes, até mesmo perigoso (Santos & Destro, 2020). De acordo com as leis portuguesas que regiam o Brasil Colônia, a mulher era enxergada da mesma forma que as crianças e os doentes mentais, como o *imbecilitus sexus*, isto é, o sexo imbecil. Este formato de leis lembra o conceito de cidadania da Grécia Antiga, onde o intuito era que, antes de serem tomadas decisões de cunho administrativo, os assuntos fossem expostos aos cidadãos, que discutiam e votavam. Porém, apenas os homens livres, não escravos, nascidos na Pólis e que lá viviam, tinham direito à cidadania. Mulheres, crianças, estrangeiros e escravos não tinham direito de participar das decisões do Estado, pois não eram considerados cidadãos.

No fim do século XIX, aos poucos a mulher saía da domesticidade e integrava-se finalmente na sociedade burguesa, a princípio como escritora ou como professora. Sendo assim, apesar da desigualdade social e o poder patriarcal dominante, podemos observar que muitos destes paradigmas foram quebrados, sobretudo a partir do século XX.

E para os dias atuais, ao contrário do que o imaginário popular prega, é possível imaginar o que a mulher quer? Querem andar na rua sem medo de serem sequestradas ou estupradas? Querem poder criar seus filhos com segurança? Querem poder denunciar abuso ou qualquer tipo de violência com garantia de punição aos agressores? Querem utilizar o transporte público sem medo? Querem o direito e liberdade aos seus corpos,

seu dinheiro e sua vida? Querem sentir-se seguras e livres onde estiverem e com a autonomia de investirem em suas vidas da maneira que sentirem confortáveis? Caetaneamente falando, quais seriam seus quereres?

3.3 Maria Madalena: apóstola ou prostituta?

Maria Madalena não teve escolha. Sua história pode ser deturpada, porém, o que sabemos, é que Madalena era uma mulher à frente de seu tempo. O marido a maltratava e, por ser uma mulher muito bonita, atraiu o Império Romano. Porém, essa infeliz condição, mesmo diante de tantos maus tratos, foi relevante para a sociedade. Maria Madalena, quando conseguiu fugir, encontrou Jesus, que, assim como no Evangelho de Lucas diz, expulsou sete demônios dela – “Os Doze estavam com ele, como também algumas mulheres que tinham sido livradas de espíritos malignos e curadas de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual tinham saído sete demônios.” (Lc 8,2)

Após esse episódio, Maria Madalena acompanhou Jesus durante suas jornadas junto aos apóstolos e esteve junto em sua crucificação. Ela que está quando José de Arimateia depõe o corpo de Jesus no sepulcro, que fora fechado com uma pedra. E também é ela que, depois do sábado, na manhã do primeiro dia da semana, voltou ao sepulcro, descobriu que a pedra havia sido removida e correu para avisar Pedro e João. Sendo assim, Maria Madalena torna-se a Apóstola dos Apóstolos, em 22 de julho de 2016, por Francisco, o atual Papa. Porém, tanto clamor e fé não foram suficientes para o senso comum. Os atributos que marcaram e ainda seguem Maria Madalena são de promessa, impura, indigna, imoral e pervertida.

Segundo o historiador André Chevitarese (2013), Madalena só ganhou o estigma de prostituta e adúltera, porque em 591 d.C., o Papa Gregório Magno definiu-a assim, em sermão na

Basílica de São Clemente, em Roma. A decisão foi tomada para estigmatizá-la e, com isso, frear o avanço das mulheres na Igreja Católica no fim do século VI.

No Evangelho de João – Ressurreição e aparição a Maria Madalena:

Entretanto, Maria se conservava do lado de fora perto do sepulcro e chorava. Chorando, inclinou-se para olhar dentro do sepulcro. Viu dois anjos vestidos de branco, sentados onde estivera o corpo de Jesus, um à cabeceira e outro aos pés. Eles lhe perguntaram: “Mulher, por que choras?” Ela respondeu: Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram.” Ditas estas palavras, voltou-se para trás e viu Jesus em pé, mas não o reconheceu. Perguntou-lhe Jesus: “Mulher, por que choras? Quem procuras?” Supondo ela que fosse o jardineiro, respondeu: “Senhor, se tu o tiraste, diz-me onde o puseste e eu o irei buscar.” Disse-lhe Jesus: “Maria!” Voltando-se ela, exclamou em hebraico: “Rabôni!” (que quer dizer Mestre). Disse-lhe Jesus: “Não me retenhas, porque ainda não subi a meu Pai, mas vai a meus irmãos e diz-lhes: Subo para meu Pai e vosso Pai, meu Deus e vosso Deus.” Maria Madalena correu para anunciar aos discípulos que ela tinha visto o Senhor e contou o que ele tinha falado. (Jo 20,11-18)

O papel de Maria Madalena como protagonista na ressurreição de Jesus soa na cabeça daqueles mais conservadores como o fim dos tempos ou, no mínimo, o mundo estando de ponta-cabeça? O sucesso do sermão do Papa Gregório Magno na Basílica de São Clemente pode, ainda, ser verificado no nosso cotidiano, especialmente nos filmes, na medida em que

ele impediu que o nome dela fosse invocado em defesa de uma liderança feminina na hierarquia eclesiástica. Mais uma vez, séculos atrás, podemos observar o peso do machismo e do patriarcado dominando a liberdade feminina.

3.4 Maria Padilha: agência diabólica nas frestas do patriarcado

Em contrapartida, Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2018, p. 89) citam em “A ciência encantada das macumbas”: “a pom-bagira nos encanta não somente pelo que ela é, mas principalmente por aquilo que ela recusa ser”. A Umbanda nasce em solo brasileiro, mais precisamente no Rio de Janeiro, em 15 de novembro de 1908, quando o médium Zélio Fernandino de Moraes incorporou em uma sessão espírita o Caboclo das Sete Encruzilhadas. A assistência presente, mais precisamente homens, brancos e da elite carioca, não entenderam o porquê da manifestação de espíritos de índios e pretos. Cabe o questionamento: se, naquela noite, quem tivesse incorporado fosse uma mulher, gargalhando, pedindo um pouco de bebida e um cigarro, será que eu estaria escrevendo este artigo hoje?

Maria Padilha é provocação e desobediência. É ela quem transgride as regulações de certo e errado, dando voz às mulheres reais e atuais. Toda mulher tem um pouco de Maria Padilha, não por diariamente matar um leão, como o ditado popular diz, mas sim por aprender a ser a líder do bando. Não é preciso passar pelos absurdos que o patriarcado impõe, basta observar o quanto a ancestralidade feminina não somente foi marginalizada, violentada, objetificada e silenciada. Morreram por ser mulher, mães, avós, tias, submissas e exaustas a um domínio altamente poderoso e controlador. “Maria Padilha é o corpo não domesticável, é a emancipação da liberdade, é a negação da submissão” (Pallotini, 2021). Em uma frase é possível entender o

porquê de ser tão incompreendida e sua imagem ser totalmente deturpada, levando-a a ser a própria representação de profanação. No que é a encruzilhada da vida, o cigarro, a bebida, a gargalhada reafirmam sua luta e seu lugar. Ela é a desconstrução do ideal feminino, é o espírito-mulher da denúncia.

Os valores sociais que nos permeiam, tristemente, invadem os muros dos terreiros e deturpam a imagem e manifestações de espíritos como o da Pombagira. Afinal, como pode haver uma mulher que dá corporeidade à autonomia, independência, liberdade e autossuficiência em um meio social que insiste em nos castrar? Não à toa, a figura da Pombagira é frequentemente apresentada como espíritos de mulheres que, quando encarnadas, foram profissionais do sexo e, ao morrer, tornaram-se entidades espirituais que se manifestam na Umbanda para dar conselhos amorosos. Uma visão completamente machista ao pensar que a mulher só está apta a falar de assuntos amorosos, eliminando suas experiências familiares do cotidiano e profissionais. Pombagira é apresentada ao avesso dos moldes morais da “bela, recatada e do lar”.

No Livro *Pombagira, a deusa: mulher igual você*, de Alexandre Cumino (2019), David Dias se arrisca em definir Pombagira:

*Se eu fosse Rainha, seria Padilha
Se eu fosse Maria, seria Madalena
Se eu fosse sua mulher, seria sua mãe
Se eu fosse do Candomblé, seria Yabá
Se eu fosse da Igreja, prefiro a serpente do que a*
[costela
*Se eu fosse ancestral, seria Lilith
Se eu fosse da Umbanda, seria das Almas
Se eu fosse Bruxa, seria Évora;
Só por ser mulher, já posso ser o que eu quiser;*

*Abro meu próprio caminho,
Mas não me limito a títulos, a formas, Sou mais!
Sou muito mais que isso, Muito mais que uma
[costela,
Sou violenta;
Não incorporo, eu empodero!
Levanta!*

Levanta! – após a historicidade da mulher em meio a tantas quedas, encontro em Pombagira uma “mãe suficientemente boa”. Ela é a dose mais forte e lenta de Milton, o recôncavo e reconvexo de Bethânia, ela “tem peito de aço e o coração de um sabiá”. Abre a roda!

No desfile do G.R.E.S Acadêmicos do Salgueiro no Carnaval de 2016, o enredo foi: “A Ópera dos Malandros”, inspirado na obra de Chico Buarque de Hollanda, de 1978. A letra do samba inicia-se com: “Laroiê, mojubá, axé! Salve o povo de fé, me dê licença!”. Nesse pequeno trecho, a Avenida está mais que assentada para receber Pombagira. Pede-se licença para receber não só a nata da malandragem Carioca vivida aos pés da Lapa e Morro de Santa Teresa, mas também todas as malandras – Marias – que conseguem subverter a dura realidade de seu cotidiano. No ensaio técnico, a rainha de bateria Viviane Araújo, veio representando Pombagira. Naquela ocasião, causou grande alvoroço midiático, pois, em um país que segue regras de cunho ético-cristão, como podem trazer o diabo-mulher para a Avenida? – pois assim ela fez o seu encantamento e “terrerizou” o sambódromo, sacralizando o profano e profanando o templo do samba.

Podemos comentar, segundo Winnicott, acerca da ideia de que todos os seres humanos têm uma tendência de continuidade, de continuidade em ser humano, e, assim, entendemos

essas Marias buscando seus horizontes a partir de seus afetos, suas histórias, seus sangramentos, onde o verdadeiro si mesmo feminino, protegido pelo que esse autor denominaria como o “Falso Self”, tornando-se garantia defensiva para sua sobrevivência e manutenção de vida. Marias, de uma verdade que Marisa Monte também entendeu...

Outro enredo que deu voz às Marias, sendo a Campeã do Carnaval Carioca de 2019, a Estação Primeira de Mangueira consagrou o enredo: “História pra ninar gente grande”, criado pelo carnavalesco Leandro Vieira, que exaltou líderes que influenciaram a história do Brasil, especialmente índios e negros, os quais não saíam nos grandes livros. Um trecho marcante deste samba, que inclusive homenageou a Vereadora Marielle Franco, assassinada em março de 2018 diz: “Salve os caboclos de Julho/Quem foi de aço nos anos de chumbo/Brasil, chegou a vez/De ouvir as Marias, Mahins, Marielles, Malês”.

Modificando o ditado Iorubá: “Pombagira matou um pássaro ontem, com a pedra que jogou hoje”. Antes de ser, ela já é. E, assim sendo uma poderosa estratégia de vida no país que mais mata mulheres da América Latina, que, no giro de sua saia, Maria siga enganando a morte. Que Pombagira nos ajude a viver.

3.5 Mais uma Maria: Marielle presente! Uma figura recente da representatividade na luta de gênero

Na atualidade, podemos utilizar como exemplo uma mulher que ganhou uma grande visibilidade na mídia devido à sua história de vida, com ênfase na sua carreira profissional e política. Marielle Franco, cujo seu primeiro nome provém de Maria, carrega um significado de “Senhora Soberana”. Foi nascida e criada na periferia do estado do Rio de Janeiro, especificamente no Morro do Timbau no Complexo da Maré. Desde jovem possuía princípios religiosos, chegando a auxiliar como

catequista e participando de atividades em sua Comunidade Paroquial, tendo a fé presente em sua vida.

Marielle Francisco da Silva era a representação da mulher negra, mãe solteira, LGBTQI+, e que buscava direitos e qualidade de vida, principalmente aos moradores de comunidade. O início de sua carreira acadêmica está ligado a projetos comunitários, tais experiências permitiram seu ingresso à rede de universidades PUC, através do PROUNI, um programa social governamental, obtendo, assim, sua formação em Ciências Sociais.

Seu ingresso na política está diretamente ligado à repulsa e às dores causadas pela morte de uma amiga na adolescência em uma operação policial. Em 2016, Marielle Franco foi eleita como vereadora, tornando-se parte do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), tendo seu mandato marcado por pautas feministas, uma delas era a visibilidade da mulher no âmbito da política, e lutas por direitos de gênero. No dia 14 de março de 2018, de forma brutal, Marielle foi assassinada a tiros, interrompendo uma vida de lutas e resistência. Sua militância com voz e oposição, seus ideais e os efeitos dos seus discursos incomodaram muito além de opositores.

A imagem da mulher no poder, tendo ideias adotadas e aceitas pela sociedade, assustam o nicho patriarcal e machista, o que possivelmente fez Marielle ser silenciada. As investigações sobre a morte de Marielle não tiveram uma resposta conclusiva. Porém, toda sua história resultou em revoltas e mobilizações, que culminaram em protestos pelo mundo, possibilitando visibilidade e o surgimento de muitos apoiadores. O nome da Vereadora não se tornou apenas um nome de rua, mas uma grande inspiração para que novas vozes ecoem pedindo resistência.

4. Considerações finais

A trajetória da figura da mulher tem um repertório repleto

de martírio, dores e lutas. Desde os primórdios, é notório o quão difícil e árduo foi a caminhada para o alcance e conquistas de direitos que dessem visibilidade a sua imagem. Na antiguidade, o poder religioso tinha influência direta sobre a atuação feminina na sociedade, negligenciando sua liberdade de expressão e direitos, impondo uma sociedade patriarcal e machista. Por exemplo, para a Igreja, a menstruação, algo natural da mulher, era visto como algo impuro, o que gerava a reclusão durante seu ciclo menstrual, coligando tal condição com a distinção de tratamento de gênero, a qual o sexo feminino era relacionado ao frágil e vulnerável, reforçando a ideia de que os ideais religiosos influenciam no ponto de vista sobre a mulher.

Os exemplos citados no corpo do texto - As Marias - exemplificam como a imagem da mulher perante a sociedade foi, e ainda é, estereotipada. As representações, características e até seu estilo de vida traziam junto de si julgamentos e preconceitos que permanecem desde os princípios e são reflexos que insistem em permanecer na atualidade. Em meio ao histórico de opressões e oposições, as mulheres, diariamente, buscam e seguem na luta pelos seus direitos, mostrando que são capazes e donas de si, podendo opinar, usar a roupa que mais se sentirem confortáveis, dizer “não”, fazer suas próprias regras, entre tantos outros formatos de ser e fazer o que quiserem.

No que tange à escrita deste artigo, sangrei no processo. Não tenho dúvidas que todas essas Marias me embalaram e alumiararam para que o nascimento deste fosse contado conforme a vontade delas. E é, com muita gratidão, que nasce uma Maria Larissa, mais potente. Não mentirei o quão dolorido foi esse parto, com sofrimento fetal eu diria, meu e de todas essas palavras aqui escritas. Dói falar do quão doloroso é ser mulher, do que minhas ancestrais passaram para que

hoje eu discorresse sobre esse assunto. Porém, todas elas são mulheres suficientemente boas, sagradas e profanas conforme a dificuldade que a vida as expôs.

REFERÊNCIAS

- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo: a experiência vivida*. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: fatos e mitos*. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia de Livros.
- Bíblia. (2007). Português. *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Ave Maria.
- Chevitarese, A. (2012). Maria Madalena no cinema mudo. *Revista Jesus Histórico*, Rio De Janeiro, v. 8, 2012. Disponível em: <https://klineedito-ra.com/revistajesushistorico/antigos8.html>. Acesso em: 01 nov. 2021.
- Coimbra, C. & Nascimento, M. (2008). Análise de implicações: desafiando nossas práticas de saber/poder. In: GEISLER, Adriana R. R.; A. L. Abrahão & C. M. Coimbra (Org.). *Subjetividade, violência e direitos humanos: produzindo novos dispositivos na formação em saúde*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense.
- Cumino, A. (2019). *Pombagira, a deusa: mulher igual a você*. 2. ed. São Paulo: Madras.
- Gevehr, D. L. & Souza V. L. (2014) As mulheres e a igreja na Idade Média: misoginia, demonização e caça às bruxas. *Revista Acadêmica Licenciatura e Acturas*, Ivoti, v. 2, n. 1. Disponível em: <http://www.ie-duc.org.br/ojs/index.php/licenciaeacturas/article/view/38>. Acesso em: 10 out. 2021.
- Gonzaga Jr., L. (1980). *Sangrando*. São Paulo: EMI Records. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gonzaguinha/sangrando.html>. Acesso em: 20 set. 2021.

- Gutierrez D. M. D., Castro, E. H. B. & Pontes, K. D. S. (2011). Vínculo mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. *Revista do Nufen*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 3-24. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 07 nov. 2021.
- Lobo, S. (2008). As condições de surgimento da “Mãe Suficientemente Boa”. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 67-74. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2008000400009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 out. 2021.
- Magalhães, P. & Martins, P. (2012). Psicologia e religião: um estudo psicanalítico por meio de desenhos-estórias. *Revista Conexão Eletroônica*, Três Lagoas, ed. 2012. Disponível em <<http://revistaconexao.aems.edu.br/edicoes-anteriores/2012/humanas/?perPage=50>>. Acesso em: 12 set. 2021.
- Maia, M. V. C. M. & Pinheiro, N. N. B. (2010). A clínica psicanalítica dos transtornos psicossomáticos: de Freud a Winnicott. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 164-177. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71282010000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 out. 2021.
- Morais, E. (2017). A religião como dispositivo de biopoder: relações de poder no cristianismo contemporâneo. In: VI Seminário Internacional de Práticas Religiosas No Mundo Contemporâneo (LERR/UDEL), Londrina. *Anais... Londrina: UEL*. Disponível em: <http://www.uel.br/laboratorios/religiosidade/anais/index.php/2017/SIPRMC/paper/viewFile/115/86>. Acesso em: 05 nov. 2021.

- Nascimento M. (1978). *Maria*. São Paulo: EMI Records. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/milton-nascimento/maria-maria.html>. Acesso em: 25 out. 2021.
- OLIVEIRA, Ana C. M. de. A evolução da mulher no Brasil do período da Colônia a República. *In: Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress, 2017, Florianópolis Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2017. Disponível em: http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1494945352_ARQUIVO_ArtigoCompleto-13MundodasMulhereseFazendoCidadania11.pdf. Acesso em: 19 out. 2021.
- Pallotini, R. (2021). Pombagira e as estratégias de sobrevivência. *Revista Kobá [s.l.]*, 5. ed., p. 12-15. Disponível em <<https://kobamagazine.wixsite.com/home>>. Acesso em: 15 set. 2021.
- Rocha, L. M. (2018). A vida e as lutas de Marielle Franco. *Revista Em Pauta*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 42, p. 274-280. DOI: 10.12957/REP.2018.39439.
- Santos, É. P. & Destro, C. R. F. (2020). A evolução da mulher através do tempo. *ETIC*, Presidente Prudente, v. 16, n. 16. Disponível em <<http://intertemas.toledoprudente.edu.br/index.php/ETIC/article/view/8774/67650230>>. Acesso em: 13 out. 2021.
- Senger, S. & Graube, T. A. (2018). **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 4, n. 1, p. 169-174. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/genero/article/view/564>. Acesso em: 29 out. 2021.
- Simas, L. & Rufino, L (2018) *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. Rio de Janeiro: Mórula.

Souza, S. D. (2007). Sandra Duarte de. Violência de gênero e religião: alguns questionamentos que podem orientar a discussão sobre a elaboração de políticas públicas. *Mandragora*, São Bernardo do Campo, v. 13, n.13, p. 15-21, 2007. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v13n13p15-21>.

Winnicott, D. (1999). *Tudo começa em casa*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes.

A PLENITUDE DA SENSUALIDADE E DA SEXUALIDADE NA ADULTEZ MADURA¹

THE FULLNESS OF SENSUALITY AND SEXUALITY
IN MATURE ADULTHOOD

PAULO ROBERTO CECCARELLI²

Resumo:

Partindo da premissa psicanalítica segunda a qual o infantilismo do sexual desconhece a temporalidade, o autor procura discutir sobre como falar de sensualidade e sexualidade na adultez madura. Partindo de uma breve digressão sobre alguns pressupostos psicanalítico sobre a sexualidade, o autor mostra que muitas questões ligadas à sexualidade na adultez madura, sobretudo nas mulheres, estão intimamente relacionadas com fatores subjetivos, que englobam a moral sexual. Igualmente, trabalha-se a importância de se levar em conta que a sexualidade vai muito além da genitalidade.

1 Palestra apresentada, sob modo virtual, no I Congresso brasileiro sobre a adultez madura – o adulto maduro: inovações na vida e na clínica, em 08/10/2021.

2 Psicólogo; Psicanalista; Doutor e Pós-doutor – Universidade de Paris 7; Sócio do Circulo Psicanalítico de Minas Gerais (CPMG); Sócio Fundador do Circulo Psicanalítico do Pará (CPPA); Membro da Société de Psychanalyse Freudienne – França; da Associa o Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental; Professor e orientador de pesquisas (Pós-Gradua o em Psicologia/UFGA, do Mestrado de Promo o de Saúde e Preven o da Violência/MP, da Faculdade de Medicina da UFMG), Prof. na p s em Psicanálise do Hospital Santa Catarina/Blumenau, do Contemporâneo: Instituto de Psicanálise e Transdisciplinaridade – POA, RS); Coord. e Prof. da pós-gradua o em Sexualidade Humana (Santa Casa/BH); Membro do Programa Antártico Brasileiro; Dir. científico da Clínica Ampliada de Saúde Mental (CASM: <https://casm.bhz.br>); Coord. do Instituto Mineiro de Sexualidade (www.imsex.com.br). paulorcbh@mac.com

Palavras-chaves: o sexual infantil; a sexualidade adulta; pulsão; relações de gênero.

Abstract:

Starting from the psychoanalytic premise according to which the infantilism of sexual is unaware of temporality, the author seeks to discuss how to talk about sensuality and sexuality in mature adulthood. Starting from a brief tour of some psychoanalytic assumptions about sexuality, the author shows that many issues related to sexuality in mature adulthood, especially in women, are closely related to subjective factors that encompass sexual morality. Likewise, the importance of considering that sexuality goes far beyond genitality.

Key-words: the child sexual; adult sexuality; drive; Gender relations.

Algumas ideias ocorreram-me a partir do tema instigante do *Congresso sobre a adulez madura*, e do título de minha intervenção: *A plenitude da sensualidade e da sexualidade na adulez madura*. Divagando sobre o título, pareceu-me um grande desafio tentar encontrar uma definição, ainda que traiçoeira, para o que poderíamos chamar de *sexualidade na adulez madura*, quando pensamos no infantilismo do sexual, que desconhece a temporalidade. O que chamamos de *maduro* ao consideramos os processos primários? Haveria, de fato, algo, uma posição, *madura* na sensualidade e na sexualidade? Alguma coisa semelhante às dificuldades que existem para falar de “educação sexual”. O que é o sexual para que seja educado? Os programas de educação sexual tratam do exercício da sexualidade, mas têm pouco efeito, se é que têm, no sexual infantil.

Para dividir com vocês as hipóteses e inquietações que o tema do Congresso suscitou em mim, gostaria de começar

por uma breve digressão por alguns pressupostos psicanalíticos em relação à sexualidade, que me foram fundamentais para balizar o caminho.

Como sabemos, o revolucionário da descoberta freudiana em relação às bases que sustentam as dinâmicas pulsionais presentes nas manifestações da sexualidade, inclusive na *adulterez madura*, foi o infantilismo da sexualidade. Não se trata, em absoluto, da escuta direta da criança o que, aliás, Freud nunca fez: a criança que Freud descreve é uma criança construída a partir da fala do adulto presente no divã (ANDRÉ, 2016). Escuta esta que revela a parte inaceitável, mas sempre ativa, formada pelo recalque do sexual infantil. Além disso, a grande mudança (ou evolução, quando levamos em conta a importância de Darwin na teoria psicanalítica. Conf.: RITVO, 1992.), foi a constatação de que a sexualidade humana está a serviço do prazer e não da reprodução: *a sexualidade humana é uma perversão do instinto*.

No animal humano a sexualidade não se encontra submetida a um impulso – um instinto - natural (*Naturtrieb*) dependente da maturidade fisiológica. Ela é, antes, dirigida por um impulso, uma pulsão (*Trieb*), que nada tem de natural, e cuja forma de satisfação se constrói a partir de uma cartografia erógena que é tributária da história libidinal de cada uma. Com isso, Freud transforma em quimera a visão que se tinha da sexualidade de sua época (Freud, 1905).

Se por um lado, a força irreprimível da pulsão, seu quantum de energia – *Drang* – é tão forte quanto a do instinto, por outro lado, o objeto que a satisfaz se afasta radicalmente de qualquer *a priori* biológico, não exibindo nenhuma relação com a pulsão: a única exigência é ele se preste à satisfação, mantendo o nível de tensão – princípio do prazer – o mais baixo possível.

No terceiro ensaio do afamado *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, intitulado *As metamorfoses da puberdade*, Freud,

(1905) discorre sobre os destinos da pulsão sexual: uma “pulsão imitada”, sugere Laplanche (1989). [Contudo, traduzir *Sexualtheorie* por “teoria da **sexualidade**” não faz jus ao título em alemão, que discute a “teoria **sexual**” (*Sexualtheorie*)]. Mas, imitada por quê? É que por mais que levemos em conta a noção freudiana do “primato de genital”, que caracterizaria a sexualidade adulta, madura, o próprio Freud deixa claro que um tal primato é uma ficção (FREUD, 1905; 1923). O primato do genital, bastante útil do ponto de vista normativo, é marcado pela “pulsão imitada”, que a puberdade atualiza. Falar do primato do genital é, sem dúvida, menos ameaçador do que considerar a polimorfia da sexualidade infantil, sempre presente em nossas vidas, e que marca as preliminares do ato sexual. Por isso, o problema do sexual - *esta parte de mim, que eu desconheço e que me guia* (Fernando Pessoa) – permanece intacto. *O coração tem razões que a própria razão desconhece* [Isto é: os motivos do coração são desconhecidos pela razão], diz Blaise Pascal (1623-1662); “o Eu não é o senhor da sua própria casa” (FREUD, 1917).

Ademais, sabemos, a maneira que o indivíduo experimenta a sua sexualidade, consciente, mas, sobretudo, inconsciente, em qualquer época da vida, o que inclui a *adulter madura*, é o resultado de um longo processo identificatório tendo como enredo a dinâmica edípica protagonizada pelas escolhas de objetos. Todo este percurso é marcado por um pré-requisito dele indissociável: a fantasia. Não há satisfação pulsional que não passe pela fantasia (a não ser no início da vida marcada pelo autoerotismo): por isso, no humano, falamos de psicosexual. As práticas sexuais, tão variadas quanto os processos de subjetivação, ocorrem via fantasia; são sustentadas pela fantasia: ela é o verdadeiro estímulo sexual avesso às rédeas do biológico. Porém, as coisas se complicam mais ainda quando levamos em conta outra descoberta freudiana, talvez a mais revolucionária

da psicanálise: o inconsciente! E, mais ainda, ali não há índice de realidade. A “verdade do sujeito” está diretamente ligada à sua realidade psíquica, com seus desejos, defesas e outras representações que a transferência atualiza (CECCARELLI, 2019).

Os tempos sexuais, assim como os discursos que ouvimos nos consultórios, mudaram inegavelmente, o que levou alguns psicanalistas a dizerem que as históricas de Freud não existem mais. Contudo, a clínica nos informa que o conflito sexual permanece inalterado: o que mudou foram os processos secundários que dão expressão, dentro do momento sócio-histórico em que estamos inseridos, aos processos primários. Disfunções eréteis, ejaculação precoce, vaginismo, frigidez, para citar apenas alguns, denunciam o retorno do recalcado, e continuam presentes na nossa prática clínica. Continuamos a receber em nossos consultórios, pessoas de todas as idades, o que inclui os que se situam na *adulthood madura*, à procura de ajuda por “problemas sexuais”. Não raro, alguém diz que “não saber por que está tendo problema para transar, pois falar de sexo nunca foi tabu”. [Diga-se, de passagem, que este cenário vem mudando, e assistimos o surgimento paulatino de uma nova ordem repressiva: a moral sexual civilizada travestiu-se nas múltiplas versões do “politicamente correto”, patologizando atos banais (CECCARELLI, 2010a). O que mudou, na verdade, foi a repressão (*Unterdrückung*) da sexualidade que em nada afetou o recalque (*Verdrängung*): a *desrepressão* não foi seguida, e não poderia sê-lo, pelo *desrecalcamento* (CECCARELLI, 2013; ANDRADE, CECCARELLI, 2018).

Às considerações apresentadas, juntam-se os ideais socio-culturais que determinam os lugares e as expectativas tanto dos homens, quanto das mulheres relativas à prática e à vida sexual. Temos, igualmente, as alterações libidinais trazidas pelo inevitável passar dos anos, e como cada gênero ressentido esta passagem. Todos estes fatores terão repercussão tanto na *sen-*

sualidade quanto na *sexualidade* da *adulter madura*.

A chamada “crise da meia idade” traz elementos novos e inesperados para a compreensão da *sensualidade e da sexualidade na adulter*. Gostaria de tecer alguns comentários, que não podem ser generalizados, a partir da minha prática clínica, que, como toda clínica, acolhe uma porcentagem muito pequena de pessoas. Ademais, só procuram ajuda os que apresentam algum incômodo em relação à vida afetiva-sexual.

A dissimetria da relação homem /mulher na meia idade apresenta contornos particulares. Para Freud, a mulher tem uma intensificação significativa da libido em dois momentos: “na puberdade e por volta da menopausa” (FREUD, 1937, 328). Na esteira das premissas freudianas, Hélène Deutsch (1994) traz posições, que continuam vanguardistas na atualidade, embora pouco discutidas pelos psicanalistas. Para a autora, da mesma forma que a puberdade traz um reatualização do complexo de Édipo iniciado na infância, a menopausa constituiria um terceiro momento de ressurgimento de desejos edípicos. A clínica sugere que, muitas vezes, o desinteresse na sexualidade que a mulher apresenta na meia-idade se deve não à diminuição da libido, mas, antes, estaria ligado a fantasmas incestuosos, sobretudo quando existe em casa um filho adolescente que, quando menos se espera, se apresenta em todo o vigor da juventude: o preço pago nesta situação é o abandono da sexualidade.

Se os psicanalistas discutem sem problemas os fantasmas incestuosos dos filhos em relação aos pais no período edípico, no que diz respeito a dos pais em relação aos filhos, principalmente quando eles atingem a puberdade, parece haver um silêncio tácito como se o retorno de desejos incestuosos, o retorno do recalçado, sobretudo na *adulter*, fosse particularmente ameaçador, o que sugere que o tabu para se falar da sexualidade no adulto, sobretudo a feminina na menopausa, deveria ser procurado nes-

ta situação inesperada do aparecimento do fantasma incestuoso dos pais em relação ao filho/a. (LAZNICK, 2012).

Um outro elemento que pesa na relação dos cônjuges é quando o homem ressentido, negativamente, a ascensão profissional da mulher. Tal situação não tem o mesmo peso em casais homoafetivos, embora o fato de um dos cônjuges ter um destaque profissional possa ser motivo de conflito, sobretudo quando a parte financeira é significativa. A mulher que vai “mais longe” que o homem financeiramente, mas sobretudo intelectualmente, e/ou que, não raro, toma a iniciativa em relação à sedução pode evocar sentimentos de inferioridade no homem que podem, conseqüentemente, repercutir na relação: para alguns homens não “dominar” intelectualmente e/ou financeiramente a mulher é uma ameaça a sua masculinidade. A “estabilidade” relacional no modelo dito tradicional deve-se, talvez, ao fato do homem ser o provedor e a mulher a rainha do lar (A série dos anos 50/60 “Papai sabe tudo”). Parece acontecer algo semelhante quando fatores financeiros não estão envolvidos em relações nas quais, embora a diferença de idade seja significativa, existe uma admiração irrestrita pelo/a companheiro/o como, por exemplo, o fato bem comum, entre um professor e uma aluna. Já as relações entre uma melhor de meia idade e um/a jovem, sofre com o peso impiedoso da moral sexual ocidental.

Temos ainda o fato de que todo novo amor, qualquer que seja a idade dos protagonistas, provoca um de renascimento, do “vigor da juventude”, levando a sentimentos de que “ainda estou em forma” e “sou desejado/a”. Nessas ocasiões, o cônjuge que não está envolvido pode experimentar angústias de envelhecimento e morte, assim como fantasias de abandono, sobretudo quando o/a novo/a amado/a é muito mais jovem (NEUTER, 2001).

Mesmo em situações nas quais os conflitos com o sexual, como vimos acima, não são centrais, há de se enfrentar o luto

do envelhecimento em seus múltiplos aspectos, sendo as mudanças da imagem corporal uma das mais difíceis. Lembremos que Freud (1930) inclui a ameaça de decadência originada no próprio corpo, como uma das três fontes maiores de sofrimento.

Algumas mulheres interpretam a falta de interesse do/a companheiro/a como ligado à perda de seus encantos. O homem, por sua vez, procura mulheres mais novas para provar a si mesmo que continua sexualmente potente; uma vertente da histeria masculina (CECCARELLI; SILVA, 2019). Mesmo nestes momentos difíceis quando o futuro do casal pode ser colocado a prova, não podemos, e nem devemos, sugere Freud (1930), renunciar ao princípio de prazer, ou seja, a nossas reivindicações de felicidade. O luto pelo passar dos anos é mais suportável quando o olhar do/a parceiro/a aplaca a inevitável condenação do espelho que sempre confirma que “há alguém mais belo/a que eu”. Junta-se a isso o “sentir-se invisível” quando – “ninguém me olha mais na rua” – e o sentimento que não se tem nenhum atrativo que chamaria a atenção de um outro.

Como o passar dos anos, pode acontecer, em relações duradouras, que o interesse sexual dos cônjuges diminui. Stoller (1993) sugere que isso ocorre devido ao excesso de intimidade que, para alguns, pode atrapalhar a sexualidade; é como se os cônjuges se tornassem irmãos fazendo com que a dimensão erótica do relacionamento perdesse terreno. Observamos isso em várias relações que duram muito tempo. “Um não vive sem o outro”, ouvimos com frequência. É comum, nestas relações, que quando um morre, o outro morra pouco tempo depois, dando sentido a uma passagem de uma música de Chico Buarque: “Oh pedaço de mim, oh metade arrancada de mim”.

Pois bem, diante do percurso aqui apresentado, o que poderíamos chamar de *plenitude da sensualidade e da sexualidade na adulez madura*? Como falar de *adulez madura e sen-*

sualidade quanto sabemos que tais posições são tributárias do infantilismo da sexualidade que, como vimos, desconhece o passar do tempo e só se interessa pela satisfação pulsional, sempre em conflito com a moral sexual cultural? Diante de tais elementos, acredito que a questão só pode ser respondida na particularidade da dinâmica pulsional presente na singularidade dos processos de subjetivação de cada um.

Creio que podemos supor que o que levaria um relacionamento a um nível satisfatório de sensualidade e sexualidade – talvez a *plenitude da sensualidade e da sexualidade na adulez madura?* – seja a capacidade de reconhecer, de aceitar, apreciar e admirar a presença física e psíquica do/a parceiro/a, ainda quando a dimensão da sexualidade diminua: amor e desejo têm registros diferentes. A paixão ardente dos primeiros anos, se transforma em amor, que se desdobra em companheirismo, cumplicidade, amizade e, mais que tudo, respeito pelo outro/a e por sua história, pela diferença.

Provavelmente, deve-se igualmente à atemporalidade do sexual infantil o que assistimos, emocionados, nas cenas finais do comovente filme “O amor no tempo do cólera”, tão trem ilustradas o belíssimo texto de Adriana Mendonça apresentado no Congresso. Este final, traduz em imagens uma frase cheia de carinho e ternura que ouvimos: “você está tão linda/o quando no primeiro dia que a/o conheci”.

Todo este percurso, sugere que as múltiplas expressões da sexualidade na *adulez madura*, sempre apoiada no sexual infantil, poderia ser considerada como aquela que, em “sintonia com o mundo interno do sujeito, reapropria e reinventa a polimorfia da sexualidade infantil, em uma relação de objeto, sem pontos de fixação em modalidades exclusivas de satisfação” (CECCARELLI, 2010b).

REFERÊNCIAS

ANDRE, J. **Nascimento da sexualidade humana**. In: Sexualidade; Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Porto Alegre: Evangraf, 2016.

ANDRADE, E; CECCARELLI, P. R. **O sexual, a sexualidade e suas apresentações na atualidade**. In: Rev. Latinoam. Psicopat. Fund., São Paulo, 21(2), 229-250 jun. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1415-4714.2018v21n2p229.2>

CECCARELLI, P-R. **A patologização da normalidade**. In: Estudos de Psicanálise. Aracaju, 33, p.125-136, julho. 2010a.

CECCARELLI, P-R. **A nova ordem repressiva**. In. Psicologia Ciência e Profissão, 30 (4), 738-751, 2010b.

CECCARELLI, P-R. **Acaso, repetição e sexualidade: como colocar “camisinha na fantasia?** In: Cuidado e saúde: práticas e sentidos em construção. Moreira, G; Oliveira, P; Freire P. (orgs). Paka-Tatu, Belém, 2013.

CECCARELLI, P-R **O sexual e a verdade do sujeito**. In: A psicanálise na vida contemporânea. Andrade, E; Freitas, V; Ceccarelli, P. (orgs). Bom Despacho: Literatura em cena, 193-204, 2019.

CECCARELLI, P-R.; SILVA, L **As faces da (im)potência sexual e a histeria masculina na psicanálise**. In: Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte, 51, p.89-104, julho. 2019.

DEUTSCH, H. (1994), **La psychologie des femmes : étude psychanalytique**, v.II. Paris: PUF, 1967, p.391-418.

FREUD, S. (1905). **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976a. v. 7.

FREUD, S. (1917) **Uma dificuldade no caminho da Psicanálise**. In: FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. 17.

FREUD, S. (1923) **O ego e o id**. In: FREUD, S. Obras comple-

- tas. Rio de Janeiro: Imago, 19746 v. 19.
- FREUD, S. (1930) **O mal-estar na cultura**. In: Fundamentos da Clínica Psicanalítica. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- FREUD, S. (1937) **A análise finita e a infinita**. In: Cultura, Sociedade e Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- LAPLANCHE, J. **Vie et mort en psychanalyse**. Paris : Flammarion, 1989.
- LAZNIK, M-C. **O complexo de Jocasta**. In. Estudos de Psicanálise. Belo Horizonte, 80, p. 79–92, julho/2012
- NEUTER, P. **de Le mythe de l'enlèvement d'Europe : considérations actuelles sur le désir de l'homme à l'aube et au midi de la vie**. In Le Bulletin freudien, n.37-38, septembre 2001, p.75-105, 2001.
- STOLLER, R. Dynamiques des troubles érotiques. In : Les troubles de la sexualité. Nomographie de la Revue Française de Psychanalyse. Paris : PUF, 1993
- ITVO, L. B. **A influência de Darwin sobre Freud: um conto de duas ciências**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

SEÇÃO
PSICANÁLISE E CULTURA

**BLADE RUNNER – O BRILHO
NO OLHO DO REPLICANTE**
*BLADE RUNNER – THE SHINE IN THE EYE
OF THE REPLICANT*

PARFEN LASZIG¹

No início do século 21, A CORPORAÇÃO TYRELL avançou a evolução do robô para a fase NEXUS – um ser praticamente idêntico a um ser humano – conhecido como Replicante. Os replicantes NEXUS 6 eram superiores em força e agilidade, e pelo menos iguais em inteligência, aos engenheiros genéticos que os criaram. Os replicantes foram utilizados fora do mundo como trabalho escravo, na exploração e colonização perigosas de outros planetas. Após um sangrento motim de uma equipe de combate NEXUS 6 em uma colônia fora do mundo, Os réplcantes foram declarados ilegais na Terra – sob pena de morte. Esquadrões especiais da polícia – BLADE RUNNER UNITS – tinham ordens para atirar para matar, após a detecção, qualquer Replicante que transgredisse. Isto não foi chamado de execução. Foi chamado de aposentadoria.

LOS ANGELES
NOVEMBRO DE 2019

O enredo do filme². Los Angeles em 2019: Após a superpopulação e a poluição ambiental terem atingido dimensões insuportáveis, milhões de pessoas são forçadas a se mudar para outros planetas. Aqueles que permaneceram na Terra vivem em cidades maciças e superpovoadas que são incessantemente chovidas com chuva ácida. Nas ruas, há um confuso emaranhado multicultural de pessoas, línguas e tráfego, iluminado

¹ Texto transcrito como recebido, sem correções

² cf. também informações para a imprensa sobre o diretor e o corte final

por letreiros de néon de cores vivas. A manipulação genética se tornou uma das maiores indústrias, e os animais de estimação artificiais são falcados porque a maioria das espécies animais estão extintas. Os seres humanos geneticamente modificados, os chamados “replicantes”, representam um desenvolvimento adicional. Eles são enviados para as colônias extraterrestres como trabalho, prazer e combate aos escravos e são considerados “ilegais” na Terra. Como eles são quase indistinguíveis dos humanos reais, são considerados uma ameaça potencial. Um grupo de replicantes altamente desenvolvidos da série Nexus-6 conseguiram tomar um ônibus espacial, matar a tripulação e retornar à Terra.

Um dos réplicantess fugitivos, Leon, entra furtivamente na empresa fabricante “Tyrell Corporation” como operário. Quando Leon (Brion James) é submetido a um teste de associação/empatia (chamado Voight-Kampff), ele mata seu interrogador Holden. O chefe da polícia responsável, Bryant (M. Emmet Walsh), envia então uma busca pelo ex-policial e Blade Runner Rick Deckard (Harrison Ford). Ele o obriga a pegar o caso e o envia para a Tyrell Corporation. Ao ditado do industrial Dr. Tyrell (Joseph Turkel), ele deverá realizar o teste Voight-Kampff em sua assistente Rachael (Sean Young) realizam o referido teste Voight-Kampff como exemplo. No decorrer dos testes, torna-se claro para Deckard que a beleza distante também apresenta um desafio especial como sujeito de teste: Devido às memórias implantadas, ela não está consciente de sua identidade artificial. Enquanto isso, os quatro replicantes fugitivos se esconderam no malabarismo da cidade. O Deckard capta o cheiro. Depois de rastrear e matar a réplica Zhora (Joanna Cassidy), ele é atacado por seu parceiro Leon. Rachael atira em Leon, salvando a vida de Deckard no último momento. Os dois se apaixonam um pelo outro.

Através de seu atraente companheiro Pris (Daryl Hannah), o líder dos replicantes, Roy Batty (Rutger Hauer), entra em contato com o engenheiro genético J. F. Sebastian (William Sanderson). Ele o deixa infiltrar-se no refúgio de Tyrell. Quando ele aprende com seu “criador” que não há como prolongar sua vida útil, que está fixada em quatro anos, ele o mata.

De volta à casa de Sebastian, que também foi morto, acontece o showdown final. Depois que Deckard também matou Pris, começa um sinistro jogo de gato e rato entre ele e Batty. Em um gesto humano, o replicante salva a vida do Deckard e morre diante dos olhos do Blade Runner. Deckard retorna ao seu apartamento e encontra Rachael, que agora também está na lista de morte da polícia. Juntos, os dois escapam do edifício, e Deckard descobre a pista decisiva para sua própria identidade³.

A história em segundo plano

O romance em que o filme se baseia⁴ “Do Androids Dream of Electric Sheep?” (1968), é uma das principais obras de Philip Kindred Dick, nascido em Chicago/USA em 1928. Pouco antes da adaptação cinematográfica de seu romance sob o título Blade Runner ser lançado em 1982, o autor que moldou o gênero⁵ sofreu um derrame. Ele morreu em 2 de março de 1982. Relatos biográficos⁶ - além da morte prematura de sua irmã

3 Nas versões anteriores do filme, esta conexão cênica está faltando. Segue-se um final feliz e Deckard sabe sobre Rachael que ela está “sem data final” (cf. Laszig 1998, p. 96; ver também relatório de edição em <http://www.dvd-forum.at/schnittbericht/1467-der-blade-runner>).

4 Novela original como arquivo pdf em <http://www.kejvmen.sk/dadoes.pdf>.

5 Prêmio Philip K. Dick, com o seu nome, é um prêmio literário americano para literatura de ficção científica contemporânea. É um dos prêmios de ficção científica mais importantes após o Prêmio Hugo e o Prêmio Nebula; <http://www.philipkdickaward.org/>.

6 <http://www.gnosis.org/pkd.FAQ.bio.html>; <http://www.philipkdick.de/biografie>

gêmea - falam de sua profunda aversão à autoridade, começando por seus pais (seu pai era funcionário do governo, sua mãe censurou declarações de um porta-voz do governo), a quem ele experimentou como extremamente conformista e cumpridor do governo. Abuso intermitente de drogas e abuso de medicamentos a longo prazo - possivelmente também delírios paranóicos durante as fases psicóticas - encontrou expressão em seu trabalho artístico. Em seus romances, Dick retratou repetidamente “personagens desesperadamente enredados em sua luta por sua própria identidade, para o reconhecimento da verdadeira estrutura de seu ambiente manipulado.

A obra publicada inclui um total de mais de cento e vinte contos e mais de quarenta romances⁷. “Do Androids Dream of Electric Sheep?” se tornou um dos clássicos modernos da literatura americana. Escrito durante o esforço de guerra dos EUA contra o Vietnã, as reflexões de Dick sobre a desumanidade do homem foram baseadas em diários de membros da SS estacionados na Polônia.⁸

No romance, ele distingue entre o ser humano autêntico e a máquina de reflexão, que ele chamou de andróide (Dick, citado em Whitehead 2002; ver também Schnelle 1997, p. 7):

7 Outras adaptações cinematográficas de seus contos e romances incluem *Screamers* (Segunda Variedade), *Paycheck*, *Next* (O Homem de Ouro), *The Plan* (Equipe de Ajuste), *Total Recall* (Podemos Lembrar Para Você Atacado) e *A Scanner Darkly*

8 “À noite somos mantidos acordados pelo lamento de crianças famintas” - “Há obviamente algo de errado com o homem que escreveu isso. Mais tarde percebi que, com os nazistas, o que estávamos lidando essencialmente era uma mente de grupo defeituosa, uma mente tão emocionalmente defeituosa que a palavra “humana” não podia ser aplicada a eles. “Pior”, continuou Dick, “eu sentia que esta não era necessariamente uma característica única da Alemanha. Esta deficiência tinha sido exportada para o mundo após a Segunda Guerra Mundial e podia ser detectada por pessoas em qualquer lugar, a qualquer momento”. (Dick, citado em Sammon 2007, p. 16).

Em minha mente, androide é uma metáfora para pessoas que são psicologicamente humanas, mas que se comportam de uma forma não humana.

A empatia tem um papel central no romance, por isso foi desenvolvido um teste correspondente (cf. Dick 1968; 2010, p. 48):

Os métodos analíticos mais recentes e mais precisos para determinar o perfil de personalidade ..., - ou seja, o teste Voigt-Kampff - devem ser testados em um grupo cuidadosamente selecionado de pacientes esquizoides e esquizofrênicos humanos. Especialmente naqueles que sofrem do chamado “efeito achatamento”.

Dick envolveu estas e muitas outras considerações filosóficas, ecológicas e sociológicas em uma narrativa pós-apocalíptica na qual quase todos os vislumbres de esperança são esmagados no final.

Sobre a realização do filme - De andróide a replicante

Apenas um ano após a publicação de “Do Androids Dream of Electric Sheep?”, os primeiros cineastas estavam interessados no material. Ridley Scott, cujo segundo longa-metragem, *Alien - Das unheimliche Wesen aus einer fremden Welt* (1979), fez dele um diretor de culto, recebeu o aceno final. Na Alemanha, o filme foi inicialmente anunciado sob o título “Aufstand der Anti- Menschen” (Cinema 1981). O roteirista Fancher tomou emprestado o título final do filme *Blade Runner* de um romance de ficção científica com o mesmo nome de Alan E. Nourse. Como as primeiras sessões de teste foram criticadas, Scott decidiu acrescentar um final feliz que já estava lá. Os produtores solicitaram ainda comentários de voz-off. O design formal e estético do design de produção, uma hibridação de diferentes gêneros e estilos, foi elogiado ao longo de todo o processo e

ganhou prêmios; outros prêmios foram para música, câmera e design de figurinos, entre outros. Entretanto, o público americano mostrou pouco interesse no filme de ficção científica obscura e não teve sucesso comercial, em parte por causa do E. T. bonito, que foi lançado ao mesmo tempo.⁹

Em contraste com o modelo literário, no filme - semelhante a *Metropolis* (1926) - a arquitetura da grande cidade torna-se o dispositivo de enredo “que localiza geograficamente as ações dos personagens individuais, bem como suas motivações psicológicas e emocionais” (Jung 2011, p. 4). O princípio da “bricolagem” (Levi-Strauss 1962, p. 26; cf. Will 2007), no qual arquitetura, vestuário, símbolos e emblemas são artificialmente remontados e assim seu significado alterado, determina tanto a história do desenvolvimento quanto o design estético do *Blade Runner*. Deutelbaum (1989, p. 69) - referindo-se a uma entrevista com o designer de cinema Mead - escreve sobre um processo cumulativo que permeia o filme, um princípio de acumulação em camadas. No filme, isto resulta em híbridos arquitetônicos de edifícios das mais diversas influências temporais, que, segundo Scott, se aproximariam mais do projeto de habitação e construção no futuro, uma vez que haveria então cada vez menos possibilidades financeiras e espaciais para construir objetos inteiramente novos. O princípio da estratificação é encontrado de forma mais impressionante em edifícios cuja arquitetura combina elementos estilísticos de templos maias e pirâmides egípcias com os dos séculos XIX a XXI¹⁰. Se transferirmos o princípio da estratificação para a conceitualização da psicanálise, o uso de formas e

9 Nos Estados Unidos da época, não recuperou os custos de produção de 28 milhões de dólares.

10 Neste ponto, apenas alguns aspectos da enorme complexidade podem ser nomeados e não elaborados em mais detalhes - como os veículos adaptados em etapas, a composição multicultural da população da cidade, seus estilos de vestimenta, escrita e linguagem.

símbolos de diferentes religiões, da arte e da mitologia é distintamente reminescente do modelo de concha de C. G. Jung, no núcleo mais interno do qual ele localizou o inconsciente coletivo.

Até hoje, o “look” atmosférico do Blade Runner é um modelo que define o estilo de inúmeros romances, romances gráficos e filmes. É considerado um dos filmes mais importantes do gênero sci-fi¹¹. A enorme influência artística do estilo visual do filme pode ser vista não apenas em obras cinematográficas posteriores, mas também no campo do design gráfico e cyberpunk, entre outros.

Gênero. Por incontáveis anos, também houve especulações sobre uma seqüência, que Scott agora confirmou dirigir.

Efeito do filme

Dirk Blothner, que trabalha intensamente no efeito inconsciente dos filmes, nos dá a dica poética,

[que] a vida é transformação. É uma imagem que torce e vira e desenvolvido. No processo, os valores e significados das pessoas e das coisas mudam. Como o filme torna tais transformações perceptíveis e visíveis, ele é um espelho da alma humana.¹²

O Blade Runner também foi transformado em sua história de décadas. Claro, isto não significa apenas as diferentes

11 Em 1993, foi nomeado - como um dos 25 filmes de seu ano - para o US National Film Registry como um filme significativo “cultural, histórica ou esteticamente” (Kolb 1997, p. 300).

12 Citado de <http://www.filmwirkungsanalyse.de/>; ver também Blothner (1999; 2003).

versões¹³ e suas variações¹⁴, mas também minha abordagem pessoal do filme. Desde que vi o *Blade Runner* pela primeira vez, tenho sido repetidamente fascinado por ele, tocado por ele e feito para pensar sobre ele de várias maneiras. Meu primeiro entusiasmo - naquela época eu ainda não tinha vinte anos - foi ostensivamente pela tecnologia em exibição (como a maravilhosa máquina Esper, por exemplo, que podia ser operada por voz, gritando, e podia resolver uma foto inserida em quadrados planos até os mínimos detalhes por meio do controle de zoom - hoje, na era dos telefones celulares controlados por comando de voz e da edição de imagens digitais por meio do Photoshop, isso não é mais uma maravilha).

Correlando com a curiosa afinidade pela tecnologia, eu fui atraído pela vida anímica libidinosa dos protagonistas, seu sofrimento mítico, trágico e romântico em exibição, em última análise a veemência com que eles lutam por sua identidade - e, como no filme, minhas lembranças podem me enganar no processo. O que ficou comigo foi como achei confuso encontrar o heróico vaqueiro do *Star Wars* Han Solo, conhecido como Harrison Ford, novamente como o desiludido perdedor e anti-Bogart Rick Deckard. Mesmo seu antagonista, o líder replicante Roy Batty, conhecido como Rutger Hauer, não convidou a identificação no início - pelo contrário, pensei ter visto nele um Riefenstahl.

Olimpíadas ou o ideal corporal dos desprezados nazistas. Em contraste, a misteriosamente erótica Rachael, tocada pelo

13 *Blade Runner* foi agora lançado em oito versões diferentes. Os mais conhecidos são o Corte Internacional (1982), o Corte do Diretor (1992) e - a versão favorecida pelo diretor Ridley Scott e a mais recente - o Corte Final (2007).

14 “Embora cada versão do material possa ficar de pé e ser entendida por si só, Scott abre um jogo de referência ao aludir à leitura ou visualização de memórias anteriores através das mudanças que ele faz, encorajando reinterpretções do que era visto anteriormente de forma diferente”. (Simine 2006, p. 233)

então Sean Young de 21 anos, é simplesmente fantasticamente desejável - e o momento em que ela abre o cabelo pela primeira vez enquanto está sentada ao piano ainda me dá arrepios de arrepiar. Trinta anos se passaram entretanto e o filme ainda me joga como espectador em estados físicos, emocionais e psicológicos mutáveis. Como os protagonistas, eu, como espectador, também sou jogado na confusão, na reminiscência e na dúvida pensativa.

A irritação é literalmente tecida no filme. Repetidamente, dúvidas fundamentais sobre a confiabilidade da própria percepção são forçadas. As fotografias são carinhosamente guardadas por Leon, Rachael e Deckard “um pequeno pedaço de verdade ... a verdade dos ancestrais” ou são um “meio bizarro ... uma nova forma de alucinação”? (Barthes 1980; 2010, pp. 43 u. 47). Vemos seres artificiais que se comportam mais humanamente que as pessoas, fotografias que se movem de repente, explosões de emoção onde parece haver apenas entorpecimento. Vivemos momentos de surpresa, repugnância, profundo desespero e paixão - o filme toca, cria sensações que às vezes se propagam para o físico - por exemplo, quando, durante o teste Voight-Kampff dos replicantes supostamente sem emoção, o batimento do coração dos interrogados (ou do interrogador?) “taquicardos” como um fundo onomatopaico.

No decorrer do filme, as próprias expectativas - também culturalmente e medialmente moldadas - são repetidamente violadas. Em segundo lugar, uma primeira impressão se revela como uma inversão. Se no início do filme o replicante Batty ainda evoca a imagem de um diabo assassino frio, um anjo caído que se rebela contra seu criador, ele se desenvolve cada vez mais como um herói melodramático e, em seu momento final, um salvador messiânico. No projeto do mundo pós-moderno, parece tornar-se mais difícil localizar-se, manter um ponto de

vista tanto externo quanto interno. O filme nos força a reconsiderar nossa posição, mas não nos deixa respostas claras.

Interpretação psicodinâmica

De volta ao início: O filme começa com um estrondo, acompanhado de música de sintetizador esférico, seguido dos nomes dos principais atores, da equipe de produção e de mais franja - como detonações à distância. “No início do século 21, THE TYRELL CORPORATION advanced Robot evolution ...”: escrita branca sobre um fundo preto, apenas a palavra Replicant se destaca.

A música se torna cada vez mais sombria. Somos atraídos para o panorama de Los Angeles à noite, em novembro de 2019. Enormes chaminés industriais cospem fogo, em meio ao mar elétrico de luzes, uma máquina voadora se aproxima de nós em um ângulo e, de repente, um único olho preenche toda a tela. A íris azul reflete as luzes e uma explosão de fogo, o fogo da destruição e a chama da vida ao mesmo tempo.

Uma das cabeças das máquinas voadoras - conosco, por assim dizer - diretamente em direção a uma pirâmide central, uma mistura de microchip gigantesco e templo solar asteca. Uma dupla e prolepsia ao mesmo tempo, olhamos novamente para o pupilo e vemos o reflexo de outra explosão. Ao fazer zoom, aterrissamos em um escritório no meio da pirâmide, a sede da Tyrell Corporation. A luz é azul-pálido, um homem de terno cinza está fumando um cigarro, um anúncio ao fundo anuncia o teste de um novo funcionário do departamento de eliminação de resíduos. O citado Leon Kowalski deve ser submetido a um teste de associação com a ajuda de um scanner de íris tipo inseto - o aparelho é usado para registrar reações emocionais ou para detectar réplicas que supostamente não as têm. O que é introduzido pelo interrogador arrogante Hold-

en como uma situação de teste fria, rapidamente se desenvolve de um humor interativo para uma luta de poder paranóica. As vozes dos dois protagonistas mudam, começam a ecoar e, no fundo, ouvimos um pulso crescente sem poder atribuí-lo individualmente. Como adversários em um jogo de xadrez, os dois se sentam em frente um ao outro na mesa, e a troca de palavras decisiva se segue.

Holden: “Agora descreva em palavras únicas todas as coisas positivas que lhe vêm à mente ... sobre sua mãe”!

Leon: “Minha mãe...” Holden: “Sim!”

Leon: “Vou te contar algo sobre minha mãe”!

O primeiro tiro varre o surpreendente Holden e sua cadeira pela fina parede do escritório - um assassinato aparentemente de sangue frio, mas subliminarmente cheio de ódio. Brevemente vemos Leon, agora de pé, disparando outro tiro - desta vez nas costas do adversário. O corte seguinte é igualmente abrupto - a face de uma gueixa no painel de vídeo na parede de um arranha-céu. No fundo, uma voz anuncia um novo começo pessoal, uma nova vida nas colônias, uma terra dourada cheia de oportunidades e aventuras ...

Estas primeiras cenas de filmes já antecipam os motivos centrais do Blade Runner. Após o texto introdutório, o olho único abre um espaço associativo multidimensional. No aluno mostrado, vemos o mundo exterior, a metrópole moderna, a megacidade. Suas chaminés que respiram fogo são vistas como símbolos da industrialização. A história da poluição do ar começou quando as pessoas domesticaram o fogo. O desastre de Chernobyl ocorreu em 1986. Vinte e cinco anos depois, o mundo continua preocupado com a “chuva ácida”, a destruição ambiental e climática - mais recentemente a partir da direção

de Fukushima-Daiichi. O olho é um portal aberto em duas direções, para fora e para dentro. Como um acesso ao mundo interior, a conexão entre o olho e a psique é conhecida em todas as culturas. Aqui, entretanto, o olho é mostrado destacado de um corpo específico - como espectadores não podemos distinguir se ele pertence a um humano ou a um replicante, a um humano ou a um organismo artificial. A diferença entre sujeito e objeto é, portanto, difusa. No aluno mostrado, vemos também um mundo espelhado. O psicanalista Heinz Kohut (1971) relaciona o conceito de “espelhamento” com a reação empática da mãe às expressões de seu filho, a imitação de seus gestos e expressões faciais (e, quando apropriado, sua verbalização). Mary Ayers (2003, p. 62) vê no primeiro contato visual o “início da relação de objeto, que por sua vez é o modelo de como o individual se relaciona com o mundo mais tarde” (citado de Tiedemann 2007, p. 56). O “Shine in the eye of the mother” (Kohut 1988, p. 141) define assim não só o mundo afetivo imediato da criança, mas é indispensável para seu desenvolvimento psicológico posterior. No filme, os replicantes são reconhecidos por seus olhos. Se Holden não fosse um Blade Runner, mas um psicanalista, ele gostaria de esclarecer com Leon por que a pergunta sobre a mãe leva a um impulso assassino?

Para um replicante, o relacionamento com a mãe só pode se basear em decepção. Não apenas Leon, mas também sua imagem de sua mãe foi “desmascarada”¹⁵ e ele transfere seu ódio para aqueles que ele culpa por destruir a fantástica “boa mãe” responsável. Mas antes de termos tempo para mais reflexão, o filme nos arrancou - ou, psicanaliticamente falando, a defesa - desapareceu. Passamos pelo rosto de uma bela mulher asiática, de um ponto de vista ocidental, uma estranha sedutora, e

15 Sobre o “objeto mau desmascarado que apareceu na máscara de um bom”, ver os comentários de Thomas H. Ogden sobre a experiência no modo paranóico-esquizóide (Ogden 1989; 1995, p. 18 e seguintes)

pousamos durante a noite

O alvoroço das ruas cheias de chuva com algo aparentemente velho. Em sua gabardine enrugada, o leitor de jornais Rick Deckard parece uma figura de detetive dos anos 50, um olho privado desiludido que perambula pelo labirinto da grande cidade como um solitário. A aparição do gaff¹⁶, um tanto quanto dinamarquês, marca Deckard como um corredor de lâminas e, portanto, como um (aparente) ser humano. Mas como sua “prisão” e o diálogo subsequente com o corrupto capitão de polícia Bryant deixam claro, Deckard também não é realmente livre. “Acaba com você se você não for junto”, “você não é policial, você é gente pequena”, o antigo superior o ameaça. O ir junto com as “pessoas pequenas” se refere ao assassinato estadual de réplicas. Eufemisticamente, isto é referido como “aposentadoria”. Para o Bryant grosseiro, os replicantes são apenas “trabalhos de pele”. Um comentário fora das câmeras explica: Em livros de história, Bryant é o tipo de policial que costumava chamar os negros de “negros”. Nos créditos de abertura, os replicantes já foram nomeados “escravos”. Eles são vítimas de generalizações racistas e recebem, por atribuição projetiva, “a qualidade do escuro e sinistro como portadores do indesejável” (Wangh 1992, p. 1156). E ainda (ibid., p. 1166):

Quanto mais se perde a certeza da identidade, mais forte é a tentativa de sobrecarregar os out-groups com traços de caráter próprios, de definir através deles os limites do eu, um eu que se conhece cada vez menos, um eu que conhece cada vez menos seus próprios sentimentos e desejos.

16 Raimar Zons assinala que na indústria cinematográfica o “gaffer” é o iluminador. Segundo a interpretação, Gaff é uma espécie de “guia da alma” que acompanha Deckard em seu caminho e repetidamente ilumina sua psique com pequenos animais origami que ele mesmo dobra (cf. Zons 2000, p. 273).

Rachael e o sonho de amar e ser amado

Como ser humano, Deckard parece perdido e desiludido; ele só pode ter acesso a sentimentos empáticos tecnicamente. Ele obedece - embora com relutância - à autoridade estatal e assume a perseguição dos indesejáveis. Na sala de recepção tipo templo da Tyrell Co-orporation, ele encontra duas belezas: Uma coruja artificial (uma alusão à Athena virginal), nascimento de Zeus e da deusa padroeira de Odisseu) e à graciosamente legal assistente de Tyrell, Rachael (outra “filha do pai”). A beleza de cabelos escuros com os grandes olhos castanhos e a boca pintada de vermelho vai direto ao ponto:

“Posso lhe fazer uma pergunta pessoal? Você já aposentou uma pessoa por engano? Não. Mas em sua posição isso poderia acontecer”!

Ao contrário de Deckard, Rachael questiona a alteridade e aponta para uma responsabilidade moral. Uma voz de fundo soa: “Isto é um teste de sensibilidade, dilatação capilar, a chamada reação blush, flutuação da pupila, aumento involuntário da íris? Por um breve momento, ainda não está claro se a pergunta se refere à conversa que acaba de ocorrer. Mas o Dr. Tyrell descreve o teste Voight-Kampff já mostrado no primeiro interrogatório e pede a Deckard que o demonstre primeiro em um humano, Rachael (o tom original diz ambigualmente: “experimente-a”). Rachael é uma replicante - mas ela não o sabe, ela só suspeita disso. “Como ela pode não saber o que é?” pergunta Deckard, negando a Rachael sua humanidade, sua subjetividade. Tyrell vê Rachael de uma perspectiva econômica: “O lucro é o que impulsiona nossas ações, mais humano do que humano é nosso lema”. Para o chefe da corporação, ela/ele é uma experiência ou, nas palavras de Oliver Decker (2011), um

“corpo de mercadorias” (mais tarde Rachael dirá a Deckard: “Eu não pertencço ao negócio, eu sou o negócio”). Uma mercadoria não tem “eu”, nenhum “eu” capaz de reflexão e, portanto, nenhuma identidade. Em seu histórico de casos, Oliver Sacks (2011, p. 165) formula “A Question of Identity”:

[que como indivíduos]...biológica e fisiologicamente não somos muito diferentes um do outro - mas historicamente, como uma narrativa vivida, cada um de nós é único. Para sermos nós mesmos, temos que ter nós mesmos; temos que possuir nossa história de vida, ou recuperá-la, se necessário. Precisamos nos lembrar, nós mesmos, de nossa história interior. O ser humano precisa de uma história interior tão contínua a fim de preservar sua identidade, seu eu.

No filme, Deckard está de posse da história (da vida) de Rachael, ele conhece suas supostas memórias únicas:

“Como foi quando você tinha seis anos, você e seu irmão se esgueiraram para um prédio proibido, através de uma janela quebrada do porão. Você queria brincar de tio médico, ele lhe mostrou o dele e quando era sua vez, você se assustou e fugiu... ou que tal a aranha que vivia nos arbustos do lado de fora de sua janela... o ovo se abriu e centenas de aranhas bebês saíram e o comeram”.

Ele explica a Rachael que sabe disso porque não são memórias “reais”, mas implantes que pertenciam a outra, a sobrinha de Tyrell. Como sabemos, as descobertas desencadeiam os mais diversos desenvolvimentos. Do ponto de vista

psicanalítico, as memórias reconstruídas descrevem o desenvolvimento psicosssexual de uma menina, conforme descrito por Freud. A descoberta da diferença de gênero, os medos associados e o relacionamento edípico com a mãe.¹⁷ Além desta interpretação, porém, para Rachael suas memórias se tornam despojadas e, portanto, sem valor - ela infelizmente - joga fora uma fotografia que ela trouxe com ela (dela quando criança junto com sua mãe). O Deckard vai pegá-lo e olhar para a imagem repetidamente. Assim, ele não trata a memória como inútil, mas a abraça (Will 2007, p. 392 ff.):

A imagem falsa de uma menina com sua mãe, que Rachel até então pensava ser um instantâneo de sua vida, torna-se realidade por um segundo na mente de Deckard; ela começa a viver, torna-se um momento comovente, como se uma brisa estivesse passando pelo quadro.

Ouvimos a voz das crianças e algo muda, não apenas no Deckard, mas também em nós como espectadores. Rachael também passa por uma transformação crescente. Após salvar Deckard da morte (ver abaixo) e ele ter adormecido, ela senta-se ao piano e olha para suas fotos de lembranças com tom de sépia. Seu olhar se assemelha ao de um espelho. O primeiro retrato mostra uma garota com o cabelo estritamente amarrado para trás; o segundo mostra uma mulher com o cabelo para baixo. Roland Barthes (1980; 2010, p. 75) escreve em seus comentários sobre fotografia: “O tempo em que minha mãe viveu antes de mim, isso é história para mim”. Diante da história retratada de Deckard, Rachael começa a tocar piano cuidadosamente¹⁸, depois ela abre seus cabelos altamente farejados, arranca-os no lugar e deixa os cabelos caírem para a esquerda

17 A teórica do cinema americano Kaja Silverman (1991, p. 120 e seguintes) desenvolve esta idéia em relação à teoria psicanalítica da castração feminina e do complexo de Édipo negativo.

18 uma variação romântica de Chopin's Nocturne c minor op. 48 No. 1

e para a direita.¹⁹ Simbolicamente, ela amadurece da criança retratada para a mulher criativa - e portanto, também o objeto de afeto do Deckard.

Deckard: “Eu estava sonhando com música”.

Rachael: “Eu não sabia se sabia tocar, lembrava das aulas de piano, não sei se era eu ou a sobrinha de Tyrell”.

Deckard: “Você toca lindamente, Rachael”.

Neste momento, Deckard percebe que mesmo que as fotografias e as memórias não sejam reais, os sentimentos associados a elas são autênticos, “tudo é tão verdadeiro quanto você sente que é” (Will 2007, p. 393). Com carinho, ele olha para Rachael e tenta beijá-la. Mas como em seu A “memória da infância” ela foge por medo. Em uma mistura de brutalidade, desejo e também tranqüilidade, ele a arrebatava:

Deckard: “Eu quero que você me beije”. Rachael: “Não consigo me lembrar”. Deckard: “Diga “beija-me”.”

Rachael: “Beije-me.” Deckard: “Eu te quero”. Rachael: “Eu te quero”. Deckard: “Novamente”.

Rachael: “Eu quero você. Ponha seus braços ao meu redor.”

Somente a última frase de Rachael tem algo verdadeiramente próprio. Rachael pode agora sentir e expressar seu próprio desejo.

Leon e a coceira que você nunca pode arranhar

No final do filme, Rachael dirá a Deckard: “Eu te amo, eu

19 Koebner (1999, p. 71) compara Rachael a um ídolo da época vitoriana, pois em sua opinião ela se assemelha inconfundivelmente às frágeis jovens mulheres nas pinturas do Pré-Rafaelita Dante Gabriel Rossetti.

confio em você”.

O psicanalista Erik H. Erikson introduziu o conceito de confiança básica na literatura. Segundo Erikson (11950; 2005), a criança adquire uma espécie de sentimento básico através da atenção amorosa e cuidadosa de cuidadores confiáveis durante o primeiro ano de vida. Ela forma a base da confiança em si mesmo, da capacidade de amar, da auto-estima (“Sou digno de ser amado”), da confiança nos outros, por exemplo, em uma parceria (“Confio em você”) e da confiança na comunidade ou no mundo. O replicante Leon encontra o mundo de uma maneira diferente. Ele é apresentado como um símbolo da potência masculina e da destrutividade, um “Recarregador de munições para missões intergalácticas; ele pode levantar 400 libras de armas nucleares durante todo o dia. A única maneira de detê-lo é matá-lo”. Na seqüência em que Holden lhe pede idéias sobre sua mãe, esta faz uma breve pausa antes de dizer a palavra “Mãe”. Isto cria um “espaço em branco” que é característico de todo o filme. Como um replicante, ele sabe - como Roland Barthes (11980; 2010, pp. 114-115) o coloca - da “verdade de sua ancestralidade”, mas “o pensamento da origem” não tem nada de reconciliador ou reconfortante aqui, mas está cheio de ódio dividido. Mas para Leon, também, suas fotos são algo “Coisas preciosas”. Ao invés de uma foto de sua mãe, ele coleta fotos diárias de seu apartamento, de seu amante - porque “na fotografia não se pode negar que a coisa esteve lá” (Barthes 2010, p. 86). Após a percepção de perda e continuidade, é a tentativa de (re)apropriação. Mas, como diz Susan Sonntag (2011, p. 21):

... cada fotografia [é] uma espécie de memento mori. Tirar fotografias significa participar da mortalidade, vulnerabilidade e mutabilidade de outras pessoas (ou coisas). Precisamente ao escolher este momento e congelá-lo,

todas as fotografias testemunham a passagem inexorável do tempo.

Os replicantes lutam contra esta passagem incessante de suas curtas vidas. Tragicamente, as fotografias de Leon levam Deckard ao rastro de Zhora e, portanto, ao seu assassinato. Leon então bate brutalmente no Deckard e o confronta.

Leon: “Quantos anos eu tenho?” Deckard: “Eu não sei”!

Leon: “Meu aniversário é 10 de abril de 2017, quanto tempo eu tenho que viver”? Deckard: “Quatro anos”.

Leon: “Mais do que você”!

Leon: “É doloroso viver com medo - não é? Não há nada pior do que ter uma coceira que você nunca pode coçar”.

Deckard: “Sim, eu também acho que sim”.

Leon: “Acorde - hora de morrer”!

Pouco antes de Leon poder cumprir sua ameaça e arrancar os olhos de Deckard com seus dedos, ele é morto por Rachael com um tiro na cabeça. Uma replicante mata sua própria espécie, uma replicante. Tanto Deckard como Rachael tremem. Mas, mesmo antes disso, é nomeado um ponto em comum. Leon fala de medo doloroso. O Deckard também conhece este sentimento. É o “morto”, a mãe imago desinteressada nos protagonistas, a solidão dolorosa que existe e é claro que, em última instância, a morte física causa comichão.²⁰

Zhora - A beleza e a fera

Em Blade Runner somos levados sob a “membrana da con-

20 A morte faz comichão ... faz comichão o tempo todo - está sempre conosco, coçando na porta interior, cantarolando suavemente, mal audível, logo abaixo da membrana da consciência” (Yalom 2008, p. 16).

ciência”. Deckard analisa um dos instantâneos do apartamento de Leon na chamada “Máquina Esper”. Dividido em quadros planos, ele tem seções individuais da imagem ampliadas no monitor por comando de voz, faz zoom em um espelho, ganhando assim uma visão em um quarto adjacente e descobre uma mulher adormecida no sofá.²¹ Deckard, e assim nós, como espectadores, penetramos na foto em uma espécie de busca tridimensional e assim vislumbramos a superfície invisível. Para Walter Benjamin (1936; 2010), o filme “nos permite vislumbrar o ‘ópticamente inconsciente’, ou seja, tudo o que só se torna reconhecível para nós através de ampliação, câmera lenta, ângulos incomuns ou lapso de tempo”. (Elsaesser e Hagen 2011, p. 107). Deckard reconhece na beleza adormecida o replicante Zhora, uma Amazônia ruiva, treinada para um esquadrão de assassinatos de outra elite mundial. Ao analisar a foto (e um floco de pele encontrado na banheira) Deckard descobre a identidade recentemente assumida do (des)amante secreto de Leon. Na casa noturna onde Zhora está se apresentando, ela é anunciada como:

“A senhorita Salomé e sua serpente - veja que prazer ela recebe, do ser que outrora corrompeu a humanidade”.

21 Marshall Deutelbaum (1989) aponta que a fotografia de Leon combina dois quadros de mestres holandeses, “The Arnolfini Wedding” de Jan van Eyck e “Interior with a Lady at the Virginal” de Emanuel de Witte e os coloca em um novo contexto na cena cinematográfica: “No mínimo, esta combinação de pinturas dos séculos XV e XVII aludida em uma melhoria do século XX (o instantâneo) de uma invenção do século XIX (a fotografia) procurada por um dispositivo óptico do século XXI (o Esper) ilustra adequadamente os princípios da estratificação - que orienta o programa de design visual do filme. Além disso, a busca de fotos Esper usa as pinturas de van Eyck e de Witte para sublinhar como a tecnologia disponível em 2019 terá entendido os limites da ilusão representacional muito além do que entendemos ser hoje”. (Deutelbaum 1989, p. 70)

Salomé e sua serpente - a fusão inconsciente de vários aspectos é referida na psicanálise como “condensação” (Freud: Lectures on the Introduction to Psychoanalysis 1916; 1989, p. 178 ff.). Zhora é dotada como uma mulher simbólica com os atributos de sedução, influência materna, crueldade feminina e luxúria homicida²². Deckard posa para ela como inspetor em nome do “comitê secreto sobre abuso moral” que, significativamente, quer revistar seu guarda-roupa em busca de “buracos”. Zhora vê através dele. Mas pouco antes que ela possa estrangular o homem recém-cheio com sua gravata (!), a descoberta ameaça e ela deve fugir. Sua execução é mostrada em “visibilidade total e transparente” (Bruno 2002, p. 70) sob a forma de uma câmara lenta quase flutuante, em outro mundo²³. O Deckard persegue a mulher em fuga e atira nas costas. Seu corpo quebra por três vitrines, ela cai, volta a se levantar, continua correndo e é atingida novamente. Seu corpo atravessa três vitrines, ela cai, levanta-se novamente, corre e é atingida novamente. Depois de atravessar mais duas vitrines, a mulher caída se detém entre manequins e neve artificial. Seu rosto está deitado em uma superfície de vidro Seu rosto está deitado em uma superfície de vidro refletor e, nesse momento, tem algo de boneca; ao fundo, acompanhado por música, ouvimos seu batimento cardíaco parar. seus batimentos cardíacos param. Após o assassinato, Deckard precisa de uma garrafa de conhaque - há algo de amargamente sofrido em sua expressão

22 Salomé é, segundo a lenda, a filha de Herodiades e Herodes. Através de sua dança ela enfurece tanto seu pai que ele está disposto a dar-lhe tudo (até a metade de seu reino). A menina perguntou a sua mãe o que ela deveria desejar e ela sussurrou seu próprio desejo.

23 Ver as observações de Walter Benjamin sobre a formação de estruturas, motivos desconhecidos de movimento em câmara lenta, segundo Rudolf Arnheim (Benjamin 2010, p. 61).

facial, como se ele estivesse enojado com o que fez. É o início de uma (empatia) humana, e não é coincidência que, nesse ponto do filme, ele descobre que Rachael também “faz parte do negócio” - portanto, ele deve matá-la também.

Pris e o medo dos homens das mulheres que pensam (e sentem)

A descrição drástica da execução da “Senhorita Salomé” ilustra o medo arcaico do homem do feminino primordial, dos sussurros apropriados e do poder castrador da mãe - especialmente quando uma mulher em movimento autônomo é capaz de escapar do controle masculino. Significativamente, todas as protagonistas femininas são réplicas, ou seja, objetos criados por homens. Supostamente insensíveis, são “fantasias masculinas transformadas em material” (Simine 2006, p. 238) para serem usadas e exploradas à vontade. Pris é por definição “um item padrão para os clubes militares nas colônias exteriores” (“Militar/Lazer”), uma máquina de prazer, por assim dizer. Não é coincidência que a mulher mais parecida com uma boneca encante o engenheiro genético J. F. Sebastian com sua perfeição artificial. Com sua capa de couro e seu sorriso malicioso, o engenheiro genético parece um duende de elfo. Ele vive em uma casa abandonada, rodeado por seus “amigos” construídos (bonecos). Uma espécie de intermediário entre a criança²⁴ e o homem velho, que é particularmente sensível à experiência de limitação e ser excluído por causa de sua doença (a “síndrome de methuselah” - sua glândula envelhece muito rápido e não passaria nos testes médicos das autoridades de emigração). Mas mesmo Sebastian não está livre de objetivar o replicante e pede que ela “lhe mostre algo por uma vez”. “Não somos

24 “Lembramos que na tenra idade de brincar a criança não faz distinção alguma entre o animado e o inanimado, e que ela gosta particularmente de tratar sua boneca como um ser vivo” (Freud 11919; 1989, p. 25).

computadores, Sebastian, somos físicos” é a resposta de Roy e Pris acrescenta “Eu acho, Sebastian, portanto eu sou”. Com base em Descartes, que analisou a dúvida I e a definiu como um juiz, pensando assim, Pris vai um passo além. Ela envolve a outra, Sebastian, com ele. Ela interage com ele e pouco depois o faz sentir sua presença em carne e osso.

Pris tira um ovo da água fervente com a mão e o joga para Sebastian. Ele o agarra instintivamente, mas não consegue segurá-lo. Como homem, ele aparentemente não podia prever que queimaria seus dedos com ela (e sua determinação agressiva). Como homem, ele aparentemente não poderia prever que queimaria seus dedos com ela (e sua determinação agressiva). Embora Pris pareça atender sedutoramente às fantasias masculinas, ela não quer ser uma máquina de desejos, mas ser percebida e reconhecida como uma contraparte pensante. Quando Deckard procura por ela no Automata Cabinet²⁵ de J. F. Sebastian, ela não pode (e talvez não queira) mais enganá-lo. Quando ele levanta o véu, ela se torna uma máquina de desejos. Quando ele levanta o véu, ela o chuta, jogando-o em outra sala. Ela executa um flick-flac artístico e pega a cabeça dele entre as coxas como um torno. Em seguida, ela literalmente torce sua cabeça, bate nele e o agarra dolorosamente pelo nariz. A cena toda parece uma coreografia dançada dos medos (sexuais) masculinos. O objeto feminino desejado se torna uma mulher (excessivamente) poderosa que subjuga o homem, que se sente à mercê dele, por meio de seu lado repressor e castrador. A reação de Deckard é uma mistura perversa de medo, excitação e violência. Há algo extremamente sexualizado na cena. Ele atira

25 Como J. F. Sebastian, E. T. A. Hoffman, autor das histórias “The Automata” e “The Sandman”, foi “ao mesmo tempo um entusiasta colecionador de marionetes e bonecas, que brincava com elas como uma criança e as tratava como seres humanos”. Diz-se que ele mesmo tem planos para construir autômatos artificiais” (Geier 1999, p. 98).

na mulher várias vezes. Com as balas de sua pistola, ele penetra no corpo da mulher que chuta descontroladamente. Como no caso da assustadoramente sedutora Zhora, o objeto (de desejo), a mulher - sexualmente falando - desinibida, não deve apenas ser punida, mas completamente destruída.

Roy - patricídio e “redenção através do amor”.

Depois que Deckard executa a(s) mulher(es), tudo o que lhe resta é confrontar Roy Batty. O replicante representa a inversão do Blade Runner (Roy Batty/Blade Runner) e, ao mesmo tempo, uma espécie de doppelganger²⁶. Em contraste com o enfraquecimento de Rick Deckard, sua sua contraparte Roy Batty, um “modelo de combate com independência ideal”, aparece como um eu idealizado onipotente. Ele é simbolicamente apresentado como um lutador patético contra a opressão, pela independência pessoal e pela liberdade.

Como Freud (1919; 1989) descreve em seu escrito sobre “The Uncanny”, ele também é, portanto, ao mesmo tempo, um sinistro presságio da morte e desencadeia medo, ódio e violência. Em sua emocionalidade imitada, ele se comporta repetidamente como um menino de quatro anos ao longo do filme (o que, do ponto de vista de sua “vida”, ele é). Ao contrário de Deckard, no entanto, ele não está (não mais) procurando por sua mãe, mas por seu pai. Instintivamente, ele reconhece uma aproximação com seu criador no showdown intelectual dos engenheiros, um jogo de xadrez entre J. F. Sebastian e o Dr. Tyrell. Em seu quarto e estudo, seu lugar simbólico de origem, Roy confronta o “pai”:

Tyrell: “Estou surpreso que você não tenha vindo mais cedo”. Roy: “Não é uma coisa fácil, conhecer o seu

26 O psicanalista Otto Rank (1925) reconhece na imagem da dupla “estrutura de motivo antropológico que pode ser observada do mito à literatura ao cinema” (Martynkewicz 2005, p. 28).

criador”. Tyrell: “E o que ele pode fazer por você?”
Roy: “Pode o Criador consertar o que ele fez?” Tyrell:
“Então você quer ser modificado?”
Roy: “Não, eu acho que tinha algo mais radical
em mente”. Tyrell: “Qual, eu me pergunto qual é o
problema?”
Roy: “Morte”.
Tyrell: “Morte. Bem, receio que isso esteja um pouco
fora da minha jurisdição”.
Roy: “Eu quero mais vida, pai”.
[Segue-se uma discussão sobre as relações
biomoleculares].
Tyrell: “Mas tudo isso é puramente acadêmico. Você foi
feito o melhor que pudemos fazer”.
Roy: “Mas não permanentemente”.
Tyrell: “A luz que queima duas vezes mais brilhante
queima apenas a metade do tempo”. E você queimou
incrivelmente brilhante por um curto período de
tempo, Roy. Olhe para você, você é o filho pródigo. Um
ganho considerável para todos”.
Roy: “Mas eu fiz coisas questionáveis”.
Tyrell: “Sim, mas também coisas notáveis”. Aproveite
seu tempo”.
Roy: “Não há nada lá que o deus da biomecânica te
deixasse ir para o céu”.

Depois destas palavras, Roy pega a cabeça de Tyrell entre suas mãos, beija-o na boca e espreme seus olhos. Tyrell é uma decepção como pai para seu filho Roy. Filho duvidoso (“fiz coisas questionáveis”), Roy não encontra em Tyrell um modelo a seguir. Ao não proibir os erros de seu filho, mas banalizando-os (“Sim, mas também coisas notáveis. Aproveite seu tempo”),

o pai o coloca (e a si mesmo) fora da lei. O filho, que procura uma base em sua identidade, não experimenta nenhuma fronteira estabelecida pelo pai para lhe dar uma base. O filho narcisisticamente explorado é assim incapaz de superar o conflito de Édipo. Roy não consegue encontrar seu caminho na ordem simbólica (Lacan 1964; 1996), em um mundo de normas sociais e éticas. Ao contrário: esmagando a cabeça de Tyrell (destruindo a capacidade paternal de pensar), Roy mata o pai simbólico e assim sela o destino de ambos. Mas “o superhumano louro de olhos azuis, cujo brilho intelectual e poético se correlaciona inicialmente com a imaturidade emocional e uma espécie de loucura hiperbólica, passa por um desenvolvimento surpreendente no filme” (Zons 2000, p. 290). Como Rachael antes dele, Roy se torna cada vez mais compassivo através do amor. Quando Roy descobre seu amante ensanguentado, a Pris assassinada, ele não fecha os olhos dela, mas a beija. Com o beijo, ele guia ternamente a língua dela de volta à boca, devolvendo-lhe a dignidade humana. Pouco tempo depois, o Deckard abre fogo sobre Roy:

Roy: “Não é muito esportivo atirar em um adversário desarmado. Eu tinha imaginado que você era bom. Você não é um bom homem? Vamos lá, Deckard! Mostre-me do que você é feito”. [O Roy rebenta pela parede com seu braço, agarra o braço direito do Deckard e o puxa contra a parede].

Roy: “Você está muito confiante, homenzinho! Isto é para Zhora!” [Roy lhe parte um dedo] “Isto é para Pris”. [Ele lhe parte outro dedo] “Muito bem, Deckard. Você sabe que estou aqui, mas você tem que apontar bem”. [O Deckard dispara novamente]

Roy: “Eu disse bem, isso não foi bom o suficiente. Agora

é a minha vez. Vou lhe dar alguns segundos antes de vir. Um... dois... três... quatro ... Pris ...”

[Roy senta-se chorando ao lado da Pris morta, toca seu corpo ferido e mancha seu sangue em seu rosto como tinta de guerra, uiva como um lobo e persegue - sem barulho - o aterrorizado Deckard].

Roy: “Estou chegando, Deckard. Quatro, cinco, como se manter vivo. ... Vejo você ... Ainda não ... No entanto...”

[Os espasmos de mão de Roy e ele passa um prego através dele. A mão do Deckard também dói. Então Roy perfura a parede com sua cabeça].

Roy: “Deixe-o passar novamente, pois devo matá-lo agora; se você não vive, não pode brincar, e se você não brincar seis, sete, vai para o inferno, vai para o céu”.

[O Deckard atinge o Roy com um tubo]

Roy: “Esse é o espírito que eu quero ter”. ... Isso dói. Isso foi irracional. Muito bem para não mencionar que era anti-desportivo. Onde você está indo?”

[O Deckard sobe no telhado de forma arredondada e salta para o próximo prédio, mas escorrega e só consegue segurar-se a uma viga de ferro saliente. Roy salta atrás dele com facilidade].

Roy: “Uma experiência notável, ter que viver com medo. É isso que é ser um escravo”. [No momento em que Deckard cai, Roy agarra sua mão e o puxa para cima, salvando sua vida. Ele joga Deckard no chão, senta-se em frente a ele. Enquanto ele se senta na Gegenlicht, suas lágrimas se misturam com as gotas de chuva que lhe escorrem pelo rosto]. Roy: “Eu vi coisas em que vocês, humanos, nunca acreditariam. Navios gigantes, eles estavam queimando na frente do ombro do Orion. E já vi vigas em C, brilhando no escuro perto do Tannhäuser Tor. Todos esses momentos serão perdidos no tempo.

Como as lágrimas na chuva. Hora de morrer”.

[No momento da morte ele solta, e uma pomba branca que tinha segurado em seus braços voa - como sua alma - para o céu]²⁷

A cena é complexa. Assim como em Tyrell, Roy tem perguntas para sua contraparte. Ele quer saber de Deckard se ele «é um bom homem»? Aqui também, o duelo tem um tom sexual “homoerótico” (Morrison 1990, p. 6). No início, Roy ainda parece completamente enraizado no ódio. Ele castra Deckard (quebrando seus dedos), ele o penetra (“Vou lhe dar alguns segundos até eu chegar”), mas Roy não pára por aí. Roy brinca com Deckard (como com uma criança). Quando Roy passa um prego pela mão, ele sente a mesma dor que Deckard. De muitas maneiras diferentes, ele espelha o Deckard. Assim, Roy não só se desenvolve, mas também permite que Deckard “mentalize e desenvolva o eu” (Fonagy et al. 2004). Quando Roy uiva como um lobo ferido e apressa Deckard através dos corredores, ele transmite - com expressões faciais e gestos exagerados - ao Deckard os sentimentos envolvidos. Se Deckard fosse um bebê, ele compreenderia cada vez mais, com o tempo, que sua contraparte (no caso do bebê, o cuidador) está reagindo ao seu próprio estado emocional. Roy permite que o ainda indiferenciado Deckard experimente o que significa sentir emoções como raiva, dor, medo e dor. Em face da morte, aprendemos simultaneamente sobre a humanidade e a vivacidade. O Roy supera o ódio e ajuda o Deckard a entrar na vida. A cena de nascimento (Roy puxa Deckard do útero como um bebê) é seguida por uma cena de morte quase lírica. Ao morrer, Roy reflete sobre a transitoriedade. Ele volta para a escuridão do tempo, articula a dor do que foi perdido.

²⁷ ver também transcrição do vídeo em http://bladerunner.yodahome.de/film_story.html.

Suas palavras, no entanto (ou precisamente por causa disso) permanecem crípticas, quem ele viu, o que poderiam ser as vigas C - mamãe animal?

No final - dúvida!

Hollywood não nos deixa “fora no frio”, não nos deixa em paz. O Blade Runner sobreviveu.

Mais uma vez Gaff aparece e atesta que Deckard “fez o trabalho de um homem”. Deckard amadureceu de fato, desenvolveu-se como pessoa e como homem e assim se tornou um (amor) relacionamento capaz. Em casa, ele encontra Rachael debaixo de um lençol no sofá. Nós o vemos tremendo de medo, porque por um momento não está claro se Rachael foi morta. Quando Deckard começa a acariciá-la, Rachael acorda.

Como espectadores, também estamos aliviados. O estado de perseguição ameaçadora parece ter sido superado, a divisão projetiva entre replicante e humano dissolvida. No início, os protagonistas não conseguiam entender seus próprios sentimentos nem os da contraparte (alienígena). O vazio interior levou a uma falsa adaptação ao poder e a uma odiosa destrutividade.

Somente por meio da empatia de uma contraparte e da compaixão pela realidade do outro, os protagonistas obtêm compreensão e reconhecimento: o pré-requisito para um senso vital de autoestima e o caminho para a humanidade.

A história pode terminar neste ponto. Mas Ridley Scott continua com sua melodia de dúvida. Na primeira versão do filme, os dois amantes escapam para uma espécie de Jardim do Éden. No corte final, Ridley Scott joga mais uma vez com as categorias. Ao fugir do prédio, Deckard pisa um unicórnio de origami feito de papel prata. O unicórnio é uma imagem do sonho de Deckard. Ao dobrá-lo em papel, Gaff se refere ao

status de replicante do Deckard. Fora da tela, ouvimos mais uma vez a voz de Gaff: “É uma pena que ela não vá viver, mas quem vai?!”

Ficamos com a pergunta: estamos vivendo ou apenas fingindo?

REFERÊNCIAS

Ayers M (2003) *Mother-infant attachment and psychoanalysis – the eyes of shame*. Brunner-Routledge, New York NY

Barthes R (2010) *Die helle Kammer. Bemerkung zur Photographie*. 13. Nachdr. Suhrkamp, Frankfurt/M (Erstveröff. 1980)

Blothner D (1999) *Erlebnisswelt Kino. Über die unbewußte Wirkung des Films*. Bastei Lübbe, Bergisch Gladbach

Blothner D (2003) *Das geheime Drehbuch des Lebens. Kino als Spiegel der menschlichen Seele*. Bastei Lübbe, Bergisch Gladbach

Bruno G (2002) *Ramble City – Postmoderne und Blade Runner*. In: Jürgen F (Hrsg) *Die Postmoderne im Kino. Ein Reader*. Schüren, Marburg, S 65–79

Benjamin W (2010) *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit*. Suhrkamp, Berlin (Erstveröff. 1936)

Bertrand F (1982) *Philip K. Dick on philosophy: a brief interview*. http://www.philipkdick.com/media_bertrand.html.

Cinema (1981) *Helden und Mythen. Die Welt des Fantasy Films*. Hrsg: Manthey D. Sonderband 5. Kino Verlag, Hamburg

Decker O (2011) *Der Warenkörper. Zur Sozialpsychologie der Medizin. Zu Klampen, Springe*

Deutelbaum M (1989): *Memory/visual design: the remembered sights of Blade Runner*. *Literature-Film Quarterly* 17(1): 66–72. http://purdue.academia.edu/MarshallDeutelbaum/Papers/514951/Memory_Visual_Design_The_Remembered_

Sights_of_Blade_Runner.

Dick PK (1968) Do Androids Dream of Electric Sheep? Doubleday, New York

Dick PK (2010) Blade Runner/Ubik/Marsianischer Zeitsturz. Drei Romane in einem Band. Heyne, München

Elsaesser T, Hagen M (2011) Filmtheorie zur Einführung. 3. Aufl. Junius, Hamburg

Erikson EH (2005) Kindheit und Gesellschaft, 14. Aufl. Klett-Cotta, Stuttgart (Erstveröff. 1950)

Fonagy P et al (2004) Affektregulierung, Mentalisierung und die Entwicklung des Selbst. Klett-Cotta, Stuttgart

Freud S (1989) Das Unheimliche in: Psychologische Schriften. Studienausgabe Bd 4, 11. Aufl. Fischer, Frankfurt/M S 241–274, (Erstveröff. 1919)

Freud S (1989) 11. Vorlesung: Die Traumarbeit (1916 [1915–16]) in: Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1916–17) [1915–17]) Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1933 [1932]). Studienausgabe Bd. 1, 11. Aufl. Fischer, Frankfurt/M, S 178–189

Geier M (1999) Fake. Leben in künstlichen Welten. Mythos, Literatur, Wissenschaft. Rowohlt, Reinbek

Jung S (2011) Zeitebenen in Ridley Scotts Blade Runner. Univers. Regensburg. Institut für Information, Medien, Sprache & Kultur. Lehrstuhl für Medienwissenschaften. http://drrippink.com/archive/Zeitebenen_in_Blade_Runner-FINISH+PUBLIC.pdf.

Koebner T (1999) Halbnah. Schriften zum Film (Filmstudien, Bd 12). Zweite Folge. Gardez!, St. Augustin

Kohut H (1971) The analysis of the Self. A systematic approach to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders. International University Press, New York NY

Kohut H (1988) Narzißmus. Eine Theorie der psychoanaly-

- tischen Behandlung narzißtischer Persönlichkeitsstörungen. 6. Aufl. Suhrkamp, Frankfurt/M
- Kolb WM (1997) Reconstructing the Director`s Cut. In: Kerman JB (Hrsg): Retrofitting Blade Runner. Issues in Ridley Scott`s Blade Runner and Philip K. Dick`s Do Androids Dream of Electric Sheep? 2. Aufl. University of Wisconsin Press, Madison WI, S 294–307
- Lacan J (1996) Die vier Grundbegriffe der Psychoanalyse. Das Seminar, Buch XI, 4. Aufl. Quadriga, Weinheim (Erstveröff. 1964)
- Laszig P (1998) Deus ex Multimedia – Körperlichkeit im digitalen Raum. Psychoanalyse im Widerspruch 10 (19): 93–98
- Lévi-Strauss C (1962) La pensée sauvage. Plon, Paris <http://www.archive.org/stream/lapenseesauvage00levi#page/n7/mode/2up>.
- Martynkewicz W (2005) Von der Fremdheit des Ichs. Das Doppelgängermotiv in Der Student von Prag (1913). In: Jahraus O, Neuhaus S (Hrsg) Der fantastische Film. Geschichte und Funktion in der Mediengesellschaft. Königshausen & Neumann, Würzburg, S. 19–40
- Morrison R (1990) Casablanca meets Star Wars: the Blakean dialectics of Blade Runner. Literature/Film Quarterly 18: 2– 10
- Ogden TH (1995) Frühe Formen des Erlebens. Springer Wien (Erstveröff. 1989)
- Rank O (1925) Eine psychoanalytische Studie. Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Leipzig http://ia600403.us.archive.org/33/items/Rank_1925_Doppelgaenger_k/Rank_1925_Doppelgaenger_k.pdf.
- Sacks O (2011) Eine Frage der Identität. In: Sacks O: Der Mann, der seine Frau mit einem Hut verwechselte. 33. Aufl. Rowohlt, Reinbek
- Sammon PM (2007) Future noir. The making of “Blade Run-

- ner". 2. Aufl. Gollancz, London UK
- Schnelle F (1997) Ridley Scott's Blade Runner. 2. akt. Aufl. Wiedleröther, Stuttgart
- Schnittbericht (2010) <http://www.dvd-forum.at/schnittbericht/1467-der-blade-runner>. Zugegriffen am 24. 4. 2012
- Silverman K (1991) Back to the future. Camera Obscura 9: 108–132
- Simine S Arnold-de (2006) Ich erinnere, also bin ich? Maschinen – Menschen und Gedächtnismedien in Ridley Scotts Blade Runner (1982/1992). In: Kormann E, Gilleir A, Schlimmer A (Hrsg) Textmaschinenkörper: Genderorientierte Lektüren des Androiden. Rodopi, Amsterdam, S 225–242
- Sontag S (2011) Über Fotografie. 20. Aufl. Fischer, Frankfurt/M
- Tiedemann J (2007) Die intersubjektive Natur der Scham. FU Dissertation online, Berlin http://www.diss.fu-berlin.de/diss/servlets/MCRFileNodeServlet/FUDISSERTivate_000000002943/
- Videotranscript (2004) http://bladerunner.yodahome.de/film_story.html.
- Wangh M (1992) Psychoanalytische Betrachtungen zur Dynamik und Genese des Vorurteils, des Antisemitismus und des Nazismus. Psyche 46(12): 1152–1176
- Whitehead JW (2002) Blade Runner. What it means to be humans in the cybernetic state. http://www.gadflyonline.com/02-18-02/film-blade_runner.html.
- Will F (2007) Blade Runner. In: Koebner T (Hrsg) Filmgenres Science fiction. 2. bearb. Aufl. Reclam, Stuttgart, S 385– 396

Yalom ID (2008) In die Sonne schauen. Wie man die Angst vor dem Tod überwindet. btb Verlag, München

Zons R (2000) De(s)c(k)art(e)s Träume. Die Philosophie des Bladerunner. In: Faßler M (Hrsg) Ohne Spiegel leben. Sichtbarkeiten und posthumane Menschenbilder. Fink, Paderborn, S 271–293.

Título original	Blade Runner
Ano de publicação	1982
País	EUA
Livro	Hampton Fancher, David Peoples
Direção	Ridley Scott
Elenco	Harrison Ford (Rick Deckard), Rutger Hauer (Roy Batty), Sean Young (Rachel), Daryl Hannah (Pris), Edward James Olmos (Gaff) M. Emmet Walsh (M. Bryant), William Sanderson (J. F. Sebastian), Joanna Cassidy (Zhora), Joseph Turkel (Dr. Eldon Tyrell)

Nota: O texto original foi publicado em alemão: Laszig, P. (2013): Der Glanz im Auge des Replikanten (Blade Runner). In: Laszig, P. (ed.): Blade Runner, Matrix und Avatare. Psychoanalytische Betrachtungen virtueller Wesen und Welten im Film [Blade Runner, Matrix und Avatare. Considerações Psicanalíticas de Seres e Mundos Virtuais no Cinema], pp. 67-86. Springer, Heidelberg. Por ocasião do quadragésimo aniversário da estréia do filme, o

texto, incluindo as citações literais, foi traduzido para o português.

Parfen Laszig, Dr. sc. hum., Dipl.-Psych., Psicoterapeuta Psicológico, Supervisor, Analista Didático (DGPT). De 1993 a 2004, assistente de pesquisa na Clínica Psicossomática, Hospital Universitário de Heidelberg, Alemanha. Desde 2005 na prática privada.

Supervisão, atividades de ensino e pesquisa em várias clínicas, centros de aconselhamento e institutos; editor principal da revista “Psychoanalyse im Widerspruch” e membro do conselho editorial da revista “Psychotherapeut”.

Autor de numerosos artigos e vários livros, mais recentemente: Laszig, P. & Gramatikov, L. [eds.] (2017): Lust & Laster. Was uns Filme über das sexuelle Begehren sagen [Luxúria e vício. O que os filmes nos dizem sobre o desejo sexual]. Springer, Heidelberg.

Mais informações em <http://www.psychoanalytische-resourcen.de>

Yael Gabriela Gitelman
Samantha Dubugras Sá

Marlene Terezinha Luz de Souza

Charbele Jabbour Belmont

Graciella Leus Tomé

Isacc Sprinz

Suely Duék

Ercilene M. de Amorim de Carvalho
Renata da Silva Coelho

Alexandre Patrício de Almeida
Filipe Pereira Vieira

Nilce Badaró de Campos Martins
Rita Helena Cucê Nobre Gabriades

Soraya Maria Pandolfi Koch Hack

Isabella dos Santos Ribeiro
Carlos Augusto Peixoto Junior

Larissa Menezes Santos Bezerra

Paulo Roberto Ceccarelli

Parfen Laszig